



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA**

**ENVOLVIMENTO PATERNO NO CONTEXTO DA  
CARREIRA MILITAR:  
ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS EM SALVADOR/BA**

Salvador  
2020

JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA

**ENVOLVIMENTO PATERNO NO CONTEXTO DA  
CARREIRA MILITAR:  
ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS EM SALVADOR/BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira

Salvador  
2020

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

P843 Portela, Jefferson de Souza Lima

Envolvimento paterno no contexto da carreira militar: estudo de casos múltiplos em Salvador/BA. / Jefferson de Souza Lima Portela. – Salvador, 2020.

131 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

1. Envolvimento paterno 2. Carreira militar 3. Família militar I. Moreira, Lúcia Vaz de Campos – Orientadora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU 316.356.2-055.1:355.1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Jefferson de Souza Lima Portela

### “ENVOLVIMENTO PATERNO NO CONTEXTO DA CARREIRA MILITAR: ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS EM SALVADOR/BA”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 20 de março de 2020.

Banca Examinadora:



**Profª. Drª Lúcia Vaz de Campos Moreira**  
Orientador(a) - (UCSAL)

  
**Prof. Dr. Giancarlo Petrini (UCSAL)**  
**Prof. Drª Ana Barfeiros de Carvalho (UEFS)**

## SUMÁRIO

### RESUMO

### ABSTRACT

### AGRADECIMENTOS

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	16
2.1 O MILITAR E SUA FAMÍLIA .....	16
2.1.1 A formação e a carreira militar .....	16
2.1.2 A família militar .....	26
2.2 PATERNIDADE NO CONTEXTO MILITAR .....	33
2.2.1 Paternidade contemporânea .....	33
2.2.2 O pai militar .....	45
2.3 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO .....	50
<b>3 MÉTODO</b> .....	55
3.1 DELINEAMENTO.....	55
3.2 LOCAL E PARTICIPANTES.....	56
3.3 INSTRUMENTOS.....	57
3.4 PROCEDIMENTOS.....	57
3.5 ANÁLISE DE DADOS.....	58
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	59
4.1 CASO 1 – JOÃO.....	59
4.1.1 Paternidade.....	60
4.1.2 Paternidade e formação militar.....	63
4.2 CASO 2 – MARCOS .....	65
4.2.1 Paternidade.....	66

4.2.2 <b>Paternidade e formação militar</b> .....	69
4.3 CASO 3 – VINÍCIUS.....	71
4.3.1 <b>Paternidade</b> .....	71
4.3.2 <b>Paternidade e formação militar</b> .....	73
4.4 CASO 4 – JORGE.....	75
4.4.1 <b>Paternidade</b> .....	75
4.4.2 <b>Paternidade e formação militar</b> .....	78
4.5 CASO 5 – ANDRÉ.....	81
4.5.1 <b>Paternidade</b> .....	81
4.5.2 <b>Paternidade e formação militar</b> .....	85
4.6 CASO 6 – RAFAEL.....	88
4.6.1 <b>Paternidade</b> .....	89
4.6.2 <b>Paternidade e formação militar</b> .....	92
4.7 DISCUSSÃO GERAL.....	95
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
Apêndice A .....	122
Apêndice B .....	123
Anexo A .....	125
Anexo B.....	126
Anexo C.....	130
Anexo D.....	131
Anexo E.....	132

## RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo geral compreender de que forma o exercício da profissão militar pode impactar no envolvimento paterno. Foi desenvolvida pesquisa qualitativa do tipo exploratório, por meio de estudo de casos múltiplos. A investigação foi realizada com seis homens oficiais militares, que são pais, têm idades entre 33 e 45 anos e estão vinculados ao Comando da 6ª Região Militar. Todos os entrevistados prestam serviço em quartéis localizados na cidade de Salvador/Bahia. Para a coleta de dados foi construído o “Roteiro de entrevista envolvimento paterno no contexto da carreira militar”, que contém questões abertas abordando: (a) dados de identificação; (b) paternidade; (c) paternidade e formação militar. Após a aprovação do estudo no Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, as entrevistas com os pais militares ocorreram em uma sala da unidade militar, que se caracterizava por ser privativa. As entrevistas foram gravadas para que nenhuma informação se perdesse e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As gravações das entrevistas foram transcritas e os dados obtidos foram analisados de forma descritiva. Os principais resultados revelam que os participantes atribuem ao pai características como: ser responsável, educar punindo aquele que deve ser punido e recompensando quem age corretamente, transmitir valores morais e éticos e cuidar. Além disso, ressaltam que ele precisa ser afetivo e presente na vida dos filhos. Constatou-se haver um grande impacto da formação militar em suas características pessoais e na paternidade, especialmente em termos de disciplina, hierarquia e valores. Além disso, as relações sociais são basicamente voltadas para as pessoas do próprio trabalho, pois o militar e sua família estão sempre mudando de cidade. Também se constatou um bom nível de interação (conversam, estabelecem limites, fazem as refeições conjuntamente, brincam, realizam atividades esportivas e de lazer, auxiliam nas tarefas escolares), acessibilidade e responsabilidade (educação, cuidados e provimento financeiro) dos pais com relação aos filhos. Para os pais que residem na Vila Militar é facilitado o contato com os filhos e a esposa na hora do almoço. Também favorecem o envolvimento paterno: desejar estar com os filhos (ter apego), o bom relacionamento conjugal, procurar se desligar do trabalho quando está com a família, os interesses em comum com os filhos, gostar de atividades físicas e ter disposição por ter sido pai jovem. Por sua vez, prejudicam o envolvimento paterno: os afastamentos temporários decorrentes de atividades militares em outras cidades, trabalhar nos finais de semana ou em missões que envolvem as noites, como acampamentos, além de atritos conjugais e exigências com desempenho escolar.

Palavras-chave: Envolvimento paterno. Carreira militar. Família militar.

## ABSTRACT

This master's dissertation has the general objective understand how the exercise of the military profession can impact on parental involvement. Qualitative exploratory research was developed, through the study of multiple cases. The investigation was carried out with six male military officers, who are parents, aged between 33 and 45 years and are linked to the 6th Military Region Command. All respondents provide service in barracks located in the city of Salvador / Bahia. For data collection, the "Interview script for father involvement in the context of the military career" was constructed, which contains open questions addressing: (a) identification data; (b) paternity; (c) paternity and military training. After the study was approved by the UCSal Research Ethics Committee, interviews with military parents took place in a room at the military unit, which was characterized by being private. The interviews were recorded so that no information was lost and everyone signed the Free and Informed Consent Form. The recordings of the interviews were transcribed and the data obtained were analysed descriptively. The main results reveal that the participants attribute to the father characteristics such as: being responsible, educating, punishing those who should be punished and rewarding those who act correctly, transmitting moral and ethical values and caring. In addition, they emphasize that he needs to be affective and present in the lives of his children. Military training was found to have a major impact on his personal characteristics and fatherhood, especially in terms of discipline, hierarchy and values. In addition, social relations are basically geared towards people in their own work, as the military and his family are always moving to another city. It was also found a good level of interaction (they talk, set limits, eat meals together, play games, perform sports and leisure activities, help with school tasks), accessibility and responsibility (education, care and financial provision) of parents with regard to children. For parents who live in Military Village, contact with their children and wife at lunch time is facilitated. They also facilitate paternal involvement: wanting to be with the children (having an attachment), having a good marital relationship, trying to disconnect from work when you are with the family, common interests with the children, enjoying physical activities and being willing to have been young father. In turn, they affect parental involvement: temporary leave resulting from military activities in other cities, working on weekends or on missions that involve nights, such as camps, in addition to marital friction and demands for school performance.

Keywords: Paternal involvement. Military career. Military Family.



Dedico este trabalho aos meus pais Jurandir e Guiomar  
e à minha querida e amada avó Jasmelina (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de registrar a imensa satisfação que foi poder cursar esse Mestrado, pois representou para mim uma missão divina. Uma importante fase que foi vivenciada com toda intensidade e, com todos os percalços e vitórias, uma etapa de vida vencida!

Por isso, meu primeiro agradecimento é a Deus. Pelo constante apoio, seja nos momentos de desilusão ou de glória, auxiliou-me em toda trajetória. Nunca me faltou fé.

Agradeço aos meus pais Guiomar e Jurandir, pela referência e apoio dedicados durante todo o meu curso e vida. Sentimento de abnegação e cuidado em todos os momentos da minha vida! À minha mãe Guiomar pela amabilidade e por sempre me apoiar nas decisões, sinto-me orgulhoso por ser seu filho. Ao meu pai Jurandir, por especialmente, dedicar horas de seu dia para me levar e buscar na UCSal durante todo período do curso, preocupando-se com minha integridade física, assim como ter participado de algumas atividades da Universidade.

Aos meus pequenos anjos Sofia, Cecília, Rana, Mauro (in memoriam), Frederico, Pedro e Emily, pela presença em minha vida e na trajetória do mestrado.

À minha irmã Renata de Souza Lima Portela pelo companheirismo, carinho, amizade e força ao longo de todo esse processo.

À minha orientadora, Profa. Lúcia Vaz de Campos Moreira, por ter abraçado o tema em estudo e ter despertado em mim o apreço pela temática das relações familiares. A sua constante atenção e preocupação com os detalhes do trabalho, as suas brilhantes correções e ideias foram cruciais na execução dessa pesquisa. Além disso, no percurso, demonstrou total atenção, cuidado e sensibilidade às minhas demandas e peripécias que lhe foram apresentadas. Sendo, também, uma torcedora nata. Em resumo, não existe outra palavra a definir o que a senhora foi para mim nesta trajetória, a não ser mãe. É assim que sempre a vi. Muito obrigado por tudo Comandante Lúcia.

Agradeço imensamente as contribuições dos eméritos professores Dr. Giancarlo Petrini e Dra. Ana Barreiros de Carvalho por terem me dado o prazer de aceitar o convite para participar das bancas de qualificação e de defesa. Suas consideráveis observações muito contribuíram para o trabalho.

Aos competentes docentes do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) que, com brilhantismo, reforçaram importantes conceitos sobre a família e suas relações sociais.

À Universidade Católica do Salvador pela oportunidade de cursar mestrado neste importante Programa intitulado Família na Sociedade Contemporânea. Totalmente sensível às implicações e repercussões que as temáticas investigadas promovem na sociedade.

Aos meus amigos e colegas que cursaram comigo a turma 2018.1. Grandes pessoas, com diferentes vieses de pesquisa, mas todos unidos em um único propósito: a família. Agradecimento especial a Ana Danielle por participar ativamente do meu cotidiano da Universidade. Muito obrigado a todos vocês.

À Cristiane Lima dos Santos, do Comitê de Ética e Pesquisa da UCSal, pela disponibilidade e crucial apoio na elaboração e no preenchimento dos documentos referentes a pesquisas com seres humanos.

À professora Teresa Cristina Oliveira que me abriu as portas e que, depois da graduação, inseriu-me no mundo da pesquisa científica. Obrigado pela confiança e por todo carinho depositados. Ela tem participação especial nesta trajetória, pois tudo começou quando era seu aluno na graduação.

Ao Comandante do 19<sup>a</sup> Batalhão de Caçadores, Batalhão de Pirajá, Coronel Arlindo José da Cruz Neto, por me conceder a oportunidade de acessar a Instituição e poder realizar a pesquisa.

Ao Tenente Coronel Paulo Eduardo da Costa Reckziegel por ter me apoiado nas entrevistas e organização dos itinerários de campo. Por sua total preocupação e agilidade nos trâmites burocráticos, e contribuição no escopo dessa pesquisa.

Ao Coronel Iosef Areas Forma pela amizade, disponibilidade e solicitude no compartilhamento de dados e materiais atinentes à realidade militar brasileira. E por ter acreditado na importância dessa pesquisa.

Aos militares que, prontamente, aceitaram participar do meu estudo, e confiaram compartilhar seu cotidiano e histórias, tornando possível a realização desse trabalho.

Ao Exército Brasileiro por valorizar a ciência e a pesquisa, permitindo que pesquisadores tenham a oportunidade de adentrar a Instituição e conhecer a realidade que permeia a vida na caserna. Uma Instituição que faz jus ao seu lema: “Braço forte, mão amiga”.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), agência de fomento à pesquisa vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Informação (SECTI), pelo incentivo financeiro e apoio na realização dessa pesquisa. À Profa. Marize Marques Pitta, da Universidade Católica do Salvador, pela revisão ortográfica e das normas da ABNT.

A todas as pessoas que contribuíram e, de alguma forma, apoiaram esse estudo.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XX, os planos ideológicos da globalização, os avanços tecnológicos e a premência pela busca de resultados e produtividade, por conta do acirrado mercado de trabalho capitalista, ocasionaram mudanças de paradigmas que repercutiram na família, segundo Petrini (2013). Diante disso, o autor sinaliza que a família passa por um processo de reorganização.

Elementos como a participação feminina no mercado de trabalho, a implementação de uma política de controle de natalidade, respaldada na adição de métodos contraceptivos, e a ratificação de diferentes formas de composição familiar foram fatores suficientemente impactantes na estrutura da família.

A reflexão que permeia a compreensão da paternidade e da maternidade hodiernamente, sobremaneira, pugna pela flexibilização na atribuição dos papéis exercidos por essas figuras parentais. Assim, a paternidade, em especial, trilhou uma evolução histórica bastante singular. Variando desde uma concepção restritiva do seu exercício, que considerava o pai um sujeito atípico no que concerne aos cuidados da prole, a até um pai bastante envolvido com seus filhos.

Nesse sentido, segundo Lamb, Pleck e Levine (1985), a contemporaneidade ressignificou o conceito de paternidade, pois, independentemente de sua origem familiar ou de qual enquadramento familiar é proveniente, o pai qualifica-se como sujeito sensível às necessidades da família. Sobretudo quando a temática implica o envolvimento com os filhos, este pai envia esforços para atender às demandas da paternidade seja mediante interação, acessibilidade ou responsabilidade.

A paternidade militar apresenta uma conjuntura peculiar, pois o exercício da parentalidade pode ser influenciado pela formação e atuação militar. Verifica-se, assim, uma interrelação entre o privado e o público, donde o Exército, com sua formação, possivelmente exerce influência tanto nas concepções quanto no comportamento do militar, interferindo na dinâmica de sua família.

Diante do exposto, mostra-se relevante a presente dissertação de mestrado intitulada “Envolvimento paterno no contexto da carreira militar: estudo de casos múltiplos em Salvador/BA”, pois há poucos dados científicos no Brasil sobre o sujeito militar enquanto pai e sua trajetória no que concerne à relação entre trabalho e envolvimento paterno.

Sendo assim, a relevância da proposta desta dissertação justifica-se por procurar conhecer a dinâmica da atividade militar e sua repercussão no ambiente familiar, levando-se em consideração as peculiaridades que revestem a profissão e o exercício do encargo familiar – doméstico, pontuando o liame com o ato de ser pai e as obrigações próprias da carreira.

A escolha do tema de pesquisa reflete, além disso, o interesse pelos estudos sobre as mudanças familiares, o que decorre de minha experiência e trajetória profissional desempenhada na atividade de advocacia em família. Estudos estes ampliados como integrante do grupo de pesquisa “Família e Desenvolvimento Humano” vinculado ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (UCSal).

Assim, a pergunta de pesquisa da presente dissertação de mestrado é: de que forma o exercício da profissão militar pode impactar no envolvimento paterno? O objetivo geral da investigação é compreender de que forma o exercício da profissão militar pode impactar no envolvimento paterno.

Os objetivos específicos são: (a) identificar as concepções de homens militares sobre pai; (b) conhecer, na perspectiva dos pais, qual foi o impacto da formação militar em suas características pessoais e na paternidade; (c) descrever a rotina da família do participante, destacando as relações sociais decorrentes da carreira militar; (d) conhecer como ocorre o envolvimento do pai militar com seus filhos(as).

A dissertação está segmentada nos seguintes capítulos: a introdução; a revisão de literatura que discorre sobre o militar e a sua família, interpelando sobre a relação entre a formação militar e a família militar. Além disso, discorre sobre a paternidade contemporânea, o pai militar e a abordagem teórica adotada na investigação, que é a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner.

Em seguida, consta o método da pesquisa que se caracteriza por ser qualitativa do tipo exploratório. Visto que, para a obtenção dos dados foi realizada entrevista de natureza semiestruturada, com questões abertas, abordando os dados de identificação dos participantes e quesitos sobre a paternidade e a formação militar.

Na sequência, estão os resultados que são discutidos à luz da literatura e da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que considera o desenvolvimento do ser humano pautado na interação deste com o contexto que o rodeia ao longo do curso de vida. E, por fim, as considerações finais.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Neste capítulo constam os tópicos sobre: o militar e sua família, a paternidade no contexto militar e a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

### **2.1 O MILITAR E SUA FAMÍLIA**

A seguir serão apresentados os subtópicos relativos à formação e à carreira militar e, também, sobre a família militar.

#### **2.1.1 A formação e a carreira militar**

As forças armadas ou forças de segurança institucional sempre estiveram presentes em grande parte das civilizações que perpassaram pelo mundo. Desde os primórdios da humanidade, o princípio legitimador dos Estados era possuir um poderio militar suficientemente adequado para proteger seus territórios, proporcionar o bem-estar para sua população, bem como impingir coerção a outros Estados. Aumentando, assim, sua legitimidade territorial, política e econômica. (SANTOS, 2016).

Em síntese, o autor destaca que as Forças Armadas são

[...] vetor de ação do Estado que consubstancia o fator militar do potencial estratégico, tendo a finalidade de afirmar o poder nacional, em conjugação com todos os restantes vetores. As Forças Armadas visam basicamente o objetivo segurança, mas em certos aspectos podem concorrer para o objetivo bem-estar, executando missões que os seus meios e estruturas tenham capacidade de desempenhar, no âmbito das características de duplo uso que possam ter, embora sem prejudicar a sua finalidade primária: garantir a segurança do país (população e áreas de soberania) e defender os interesses nacionais contra ameaças que exijam a utilização da coação física com acentuado grau de intensidade, além de assegurar o regular funcionamento dos órgãos de soberania. (SANTOS, 2016, p. 8).



Em complemento, desde tempos antanho, Maquiavel (1973), ao desenvolver obra literária nos idos do século XVI intitulada “O Príncipe”, também reforçou a missiva de que um Estado ou Principado deve se servir de armas e forças militares próprias, no sentido de primar no poder e garantir a existência do governo. Portanto, prolata Maquiavel que os chefes de estado evitem tergiversar sobre tais assuntos.

[...] Concluo, pois, que, sem possuir armas próprias, nenhum principado está seguro, antes, está à mercê da sorte, não existindo virtude que o defenda nas adversidades. Foi sempre opinião e sentença dos homens sábios – *“quod nihil sit tam infirmum aut instabile quam fama potential non sua vi nixa”*<sup>1</sup>. E as forças próprias são aquelas compostas de súditos ou de cidadãos, ou de servos teus; todas as outras são mercenárias ou auxiliares. (MAQUIAVEL, 1973, p. 63-64).

Por isso, segundo o autor, cabe ao príncipe ou chefe de estado dedicar-se à arte da guerra, mantendo-se sábio e observando as peculiaridades que revestem o ato de governar com discrição. Desta forma, manter-se-á prevenido e preparado para eventuais adversidades beligerantes que se sobreponham ao seu território e adjacências. Portanto, nas palavras do autor, faz-se jus a “boas leis e boas armas” na organização de um Estado (MAQUIAVEL, 1973, p.55).

Neste quesito, o Exército Brasileiro faz parte das Forças Armadas, ao lado da Aeronáutica e Marinha, e tem como pressuposto principal defender o País nas operações terrestres, proteger as fronteiras legitimando a soberania nacional, além de realizar fiscalização ambiental e ter ações de assistência social e saúde, assim como instituir a garantia da lei, da ordem e dos poderes constitucionais, conforme estatuído na Carta Magna de 1988.

Título V  
Da Defesa do Estado e das Instituições Democráticas  
Capítulo II  
Das Forças Armadas

**Art. 142.** As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à **defesa da Pátria**, à **garantia dos poderes constitucionais** e, por iniciativa de qualquer destes, da **lei e da ordem**. (grifo nosso).

---

<sup>1</sup> “Nada é tão instável quanto a fama de poderio de um príncipe quando não apoiada na própria força”.

Atualmente, o ingresso nas Forças Armadas se dá por meio de concurso público, alistamento militar compulsório e/ou processo seletivo. Optando o candidato, de ambos os gêneros, pela carreira pertinente ao oficialato ou praça (sargento, cabo e soldado), pelo tempo de duração na profissão, podendo ser temporário<sup>2</sup> ou de carreira<sup>3</sup>, e pela categoria de atuação, que pode ser na linha técnica ou combatente. (REVISTA VERDE-OLIVA, 2012).

No âmbito do Exército Brasileiro, foco desta pesquisa, é possível o candidato ingressar na força terrestre e seguir carreira bélica, aperfeiçoando-se em diferentes estabelecimentos de ensino sediados ao longo de todo território brasileiro, com base na sua preferência, formação acadêmica e/ou experiência profissional<sup>4</sup>.

Considerando as especialidades, os atributos e as opções de carreira profissional dentro da instituição Exército Brasileiro, estão dispostos centros de formação, capacitação e instrução militares específicos, que abrangem áreas tais como: Saúde, Engenharia, conhecimentos específicos militares, dentre outras (REVISTA VERDE-OLIVA, 2012).

Sendo assim, a formação militar pode ocorrer nos seguintes estabelecimentos: Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEx; Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN; Escola de Formação Complementar do Exército – EsFCEx; Escola de Saúde do Exército – EsSEX; Instituto Militar de Engenharia – IME; Escola de Sargento das Armas – EsSA; Escola de Sargentos de Logística – EsLOG; Centro de Instrução de Aviação do Exército – CIAvEx, bem como por meio dos Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva – NPOR e Centros de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR (REVISTA VERDE-OLIVA, 2012).

A formação militar brasileira para o jovem que pretende seguir carreira como oficial combatente do Exército Brasileiro começa quando ele presta

---

<sup>2</sup> Lei 6880/1980 art.3ª, II.

<sup>3</sup> Lei 6880/1980 art.5ª, §1.

<sup>4</sup> Segundo Janowitz (1967) *apud* Kuhlmann (2007), no que atine à sociologia militar, as Forças Armadas nacionais ou pertencentes a outros Estados estrangeiros, refletem, em sua estrutura, uma padronização que toma como referência a influência da sociedade. Nestes termos, a profissão militar tende a refletir e se equiparar à profissão exercida pelo público civil. Motivado pelos avanços sociais que deles redundam a contemporaneidade, verifica-se na conjuntura profissional das Forças Armadas a existência de quadros de militares especialistas/técnicos e/ou de logística, e não tão somente provenientes da categoria combatente. Ou seja, percebe-se uma corrente à “tecnificação do aparelho de guerra” (KUHLMANN, 2007, p.21) Além disso, segundo o autor, verifica-se a presença contundente de civis nos meios militares.

concurso público (desde que observados os requisitos de idades, dentre outros, conforme edital do certame) para ingressar na Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPECEEx, que fica localizada na cidade de Campinas/SP e, sendo aprovado, cursará o período letivo de um ano, e que, após concluído, logrando êxito nos exames e provas, terá assegurada a matrícula na Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, na cidade de Resende/RJ, centro por excelência de formação dos oficiais do Exército Brasileiro. (REVISTA VERDE-OLIVA, 2012).

Pelo período ininterrupto de quatro anos em regime de internato na AMAN, o jovem militar em formação terá um processo de socialização mais intenso e expressivo, se comparado aos militares cuja formação ocorre em modelo de externato (ROSA; BRITO, 2010). O modelo pedagógico utilizado na instituição tem como objetivo principal condicionar o aluno na inserção ao novo espaço cultural com suas vicissitudes e peculiaridades.

Assim, evidencia-se o que Berger e Luckmann (1996) *apud* Rosa e Brito, (2010) denominam de processo de alternância. Ou seja, o choque de realidades, consubstanciado com as vivências pessoais, promove uma transformação *in tottum* na compleição física e psíquica do indivíduo, quando diante destas novas condições. Assim,

O processo de socialização na cultura militar tem um caráter bastante distinto e peculiar, que se propõe a “transformar um civil em militar”. Essa transição, que se processa de forma abrupta, súbita, é uma espécie de choque cultural, um rito de passagem, que se inicia com a seleção (BRITO; PEREIRA, 1996, p.140).

Nesse diapasão, apontam Rosa e Brito (2010) que, durante todo o período de internato, os militares em formação experimentam o processo de inculcação da *doxa* que, progressivamente, torna-se mais efetiva e duradoura, moldando seus hábitos e definindo uma nova padronização de ação e reação conforme os ditames da realidade social militar. Características essas que os tornam díspares com relação ao público que não esteve adstrito a essas mesmas condições.

Desde sua entrada na instituição, o militar está sujeito às regras que se organizam nos muitos rituais e nas inúmeras “solenidades” do cotidiano. Esse treinamento instala-se num aprendizado que é, sobretudo, corporal e mediatizado pelos

muitos citados “manuais”, numa espécie de adestramento dos movimentos que devem ser estudados e, portanto, condicionados, mas principalmente submetidos a estatutos e regras, numa tentativa de homogeneizar um modo de se comportar dentro dos quartéis [...]. (CAVILHA, 2009, p.141).

Portanto, conclui a autora sintetizando que o resultado das solenidades ritualísticas que encetam o contexto de atuação profissional militar é transformar, em uma única entidade, todos os sujeitos que nela se inserem, construindo um ideal de pertencimento mútuo, donde todos caracterizam um único corpo.

Goffman (2008) sistematiza a perspectiva do mundo militar como sendo uma instituição total, enquanto que Foucault (2010) lhe atribui a natureza de instituição disciplinar, tendo em vista atributos eminentemente despóticos e controladores, em virtude da apreensão binária que forja esse tipo de instituição, ou seja, a crível e diametral relação hierárquica entre os que funcionam como mandantes da unidade e os internos.

Além disso, as instituições totais caracterizam-se como locais nos quais não é possível a externalização do “EU” interno de cada um. Sendo assim, a imagem é construída ao longo da existência do indivíduo a partir da relação com o próximo, bem como em outros ambientes sociais, oportunizando a autonomia individual do sujeito no meio. No entanto, nas instituições totais, a exemplo dos quartéis militares, ocorre a mortificação do “eu civil” (FERREIRA, 2012).

[...] no mundo externo, o indivíduo pode manter objetos que se ligam aos seus sentimentos do eu – por exemplo, seu corpo, suas ações imediatas, seus pensamentos e alguns de seus bens – fora de contato com coisas estranhas e contaminadoras. No entanto, nas instituições totais esses territórios do eu são violados: a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas. (GOFFMAN, 2008, p.31).

Ou seja, muda-se a compreensão, passando a valorizar e realçar os valores coletivos em detrimento dos individuais, reafirmando a construção de sua identidade militar no respectivo processo de socialização ocorrido no contexto do estabelecimento militar (CASTRO *et al.*, 2009). Nesse sentido,

Tornar-se militar significa, acima de tudo, deixar de ser civil. A oposição entre civis e militares é estruturante da identidade militar. Ao ingressar numa academia militar, o jovem é

submetido a um processo de construção da identidade militar que pressupõe e exige a desconstrução de sua identidade “civil” anterior. (CASTRO *et al.*, 2009, p. 24 e 25).

Berger e Luckmann (1996), ao abordarem a questão da socialização, pontuam que a ideia da socialização primária se refere àquela que se adquire no início da formação cognitiva do ser humano, geralmente no contexto da família. Por outro lado, a socialização secundária diz respeito a quando se está diante de outros setores de interação social, a exemplo da escola, do trabalho, dentre outros. No campo militar, sinaliza Bourdieu (1995) *apud* Rosa e Brito (2010) que a afiliação às diretrizes desse *habitus* reforça a importância que o indivíduo dá a este espaço, motivando-o a acreditar e a lutar a seu favor.

A construção do espírito militar (CASTRO, 1990), imbuída nos constructos da incorporação dos valores, atitudes, comportamentos e vivências no meio militar, além de ser norma tácita, própria das Forças Armadas e pressuposto comum para todos que nela estão inseridos, tem como elemento de efetivação a observância aos pilares da hierarquia e da disciplina (ROSA; BRITO, 2010). Fator, este, previsto e descrito nos regulamentos do Exército Brasileiro, sobretudo na Lei 6.880/1980 – Estatuto dos Militares.

[...] os cadetes passam por uma série de atividades de formação intelectual e de construção de uma ética específica do militarismo, da qual fazem parte valores pertencentes ao código de honra de cadete (coragem, lealdade, honra, dever e pátria) e aos pilares do militarismo, baseados na valorização da hierarquia e da disciplina. (LEAL, 2013, p. 392).

A hierarquia no meio militar, segundo Rosa *et al.* (2010), traduz a ideia de verticalidade das relações, isto é, relação de poder entre os indivíduos e a precedência de uns sobre os outros na cadeia de comando. Cada qual funcionando como se fosse um “dente de engrenagem” na composição e no funcionamento desse sistema (ARENDR, 2010).

Por outro lado, para que ocorra o funcionamento fluido e coordenado desse sistema, a efetivação da hierarquia subjaz na disciplina (ROSA *et al.*, 2010), mantendo o equilíbrio do sistema.

[...] O cumprimento de ordens é um dos temas em constante apreciação e acompanhamento. Gravada no pátio de formatura mais tradicional da AMAN, o Pátio Tenente Moura, a frase imortalizada pelo Marechal José Pessôa, “Cadete, ides

comandar, aprendei a obedecer”, simboliza um dos pilares fundamentais da profissão militar: a disciplina. (ACADEMIA MILITAR, 2011, p. 248).

Além disso, a formação do militar compreende a apreensão de conceitos técnico-militares, científicos, culturais e físicos (ROUCO, 2012). Segundo o autor,

A formação militar envolve ações de investimento, de evolução e de ajustamento e materializa-se através de cursos, tirocínios, estágios, instrução e treino operacional e técnico, consoante a categoria, posto, classe, arma, serviço ou especialidade a que o militar pertence. (ROUCO, 2012, p.25).

Corroborando na mesma sintonia, acerca do aspecto da formação do oficial atualmente na Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, cabe registrar que, além da formação profissional do jovem militar, há também a preocupação com a sua formação moral e cívica. Assim,

Especial atenção e cuidado são dedicados à formação moral e cívico-profissional dos futuros oficiais, para entregar ao Exército, profissionais íntegros, convictos da necessidade de possuírem honra, honestidade, respeito, lealdade, senso de justiça e disciplina, patriotismo e camaradagem. Homens de farda que devem, ainda, ter capacidade para cooperar no desenvolvimento do espírito e corpo das unidades onde for servir. (ACADEMIA MILITAR, 2011, p.241).

Sendo assim, os conteúdos programáticos abordados na formação curricular do militar na AMAN dividem-se em períodos, quais sejam: no primeiro ano na academia, o militar absorve conceitos voltados para tática individual e incorporação das temáticas fundamentais da carreira militar.

Exemplificativamente, no histórico curricular do cadete do primeiro ano há a apreensão de conceitos provenientes do ensino fundamental (economia, estatística, filosofia, física, dentre outros) e iniciação aos temas profissionais (emprego tático – utilização do terreno, técnicas especiais, defesa contra aviação e blindados; armamento, munição e tiro; hierarquia e disciplina militar; treinamento físico-militar, dentre outros).

No segundo ano, mantém-se a observância aos conteúdos de natureza fundamental e profissional, todavia, com certas peculiaridades e complexidades no que concerne à inserção de outras disciplinas ao rol curricular do aluno, a exemplo dos fundamentos da metodologia da pesquisa científica e oratória;

história militar geral e psicologia. No que tange aos específicos militares, cite-se: a preleção às técnicas militares para operações com explosivos, minas e armadilhas; cursos de armas, serviço e quadros; estágios práticos supervisionados e outros mais.

A próxima fase, que ocorre nos últimos dois anos de aprendizado na academia, além de prosseguir no estudo das ciências militares, complementa a formação iniciada pelo militar e pressupõe a escolha da especialidade, assim denominada arma, serviço ou quadro (infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia, intendência, comunicações ou material bélico), fator este que acompanhará e vinculará o aluno por toda carreira militar.

A finalidade da educação militar do cadete na AMAN tem por pressuposto principal a adoção de medidas que valorizam a interação entre o instrutor, professor e aluno. Nesse sentido, o grande objetivo da caserna é o desenvolvimento pessoal, profissional e moral do cadete, futuro oficial do Exército Brasileiro.

[...] a Academia Militar consagra na atualidade o instrutor e o professor como mediadores do processo ensino-aprendizagem. Eles orientam e estimulam o aluno a superar desafios. A Escola propicia ao instrutor, ao professor e ao aluno o necessário ambiente de interação em sala de aula e nos exercícios no terreno, aprimorando a avaliação de atributos da área afetiva, voltados para a liderança militar, desenvolvidos pelo exemplo, mensagem permanente que caracteriza a qualidade do ensino militar. (ACADEMIA MILITAR, 2011, p.236)

Convém salientar que a liderança é um dos predicados que merece especial atenção durante a formação do militar, em função de sua essencialidade (DONNELLY *et al.*, 2000). Nesse sentido, durante toda a fase de instrução militar, dá-se ênfase na abordagem humana dos conhecimentos profissionais, por meio das disciplinas: História militar, Psicologia, Filosofia, Comunicação Social, liderança militar e oratória, com o fito de, também, desenvolver no militar valências de cunho afetivo (ACADEMIA MILITAR, 2011).

Após concluir a formação inicial na academia, o militar passará ao posto de Aspirante a Oficial, sendo designado para servir em alguma Unidade Militar disposta em determinada cidade/Estado no Brasil (WORTMEYER, 2017). E, como combatente do Exército Brasileiro, competirá que tenha formação continuada durante o exercício da carreira militar, por meio de cursos, provas,

capacitação e qualificação, permitindo que este oficial possa galgar ao generalato, posto máximo das Forças Armadas. Portanto,

É importante destacar que a formação de oficiais do Exército não se resume aos quatro anos de Academia; ao contrário, consiste em várias etapas. Dentre algumas possibilidades, a mais comum é o oficial cursar, no posto de capitão, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e, alguns anos mais tarde, tentar o ingresso na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), ambas localizadas no Rio e obrigatórias para que possa aspirar a atingir o generalato. Essas escolas preparam o oficial para atuação em postos cada vez mais elevados da carreira. (CASTRO, 1990, p.15).

A estrutura hierárquica militar do Exército Brasileiro apresenta uma organização pautada em definições preestabelecidas em postos e graduações. As funções iniciais desta compartimentalização dos militares como pertencendo à categoria dos praças, oficiais subalternos, oficiais intermediários, oficiais superiores e, por fim, oficiais gerais, significa a exaltação dos pressupostos da hierarquia e disciplina (BRASIL, 1980).

Descritivamente, os postos militares são: Praças (soldado, cabo, terceiro sargento, segundo sargento, primeiro sargento e subtenente); Oficiais subalternos (aspirante a oficial, segundo tenente e primeiro tenente); Oficiais intermediários (capitão); Oficiais superiores (major, tenente-coronel e coronel); Oficiais gerais (general de brigada, general de divisão e general de exército). (PASSOS, 2013).

Para que o militar pertença a cada uma destas respectivas categorias, requisitos específicos devem ser atendidos. A categoria dos praças, em detrimento dos oficiais, tem como razão de ser a presença no currículo destes últimos do curso de formação de oficiais. Algo peculiar e que faz com que esses últimos percorram e ascendam nos postos militares correspondentes a funções de comando e organização da Instituição.

Por este motivo, a condição de ser oficial das Forças Armadas, em especial, no Exército Brasileiro, apresenta um panorama completamente peculiar e atípico, no que concerne ao processo de formação, em comparação aos demais militares que não experienciaram esse modelo sociológico de vivência militar.



A esse respeito, o processo de promoção às patentes militares obedece rigidamente às disposições contidas nestas legislações que discriminam, além dessa temática, outras que são congêneres ao círculo militar. Sendo assim, tais documentos legais são considerados fulcrais para orientar a performance militar, facilitando a consulta e o acatamento das ordens que lá estão inseridas.

De acordo com os Estatutos Militares, a promoção subsumi algumas especificidades, às quais, cite-se: valores físicos, intelectuais, profissionais e morais (BRASIL, 1941). A despeito desses pressupostos, considera-se, também, a observância ao tempo de serviço efetivo, interstício entre respectivas patentes e aos princípios da antiguidade e merecimento ou escolha, bravura ou *post mortem*. (BRASIL, 1980).

No que se refere ao merecimento para a promoção, o Decreto-Lei 3864/41 informa:

Art. 127 O merecimento para a promoção é constituído pelo conjunto de condições morais, físicas, intelectuais e profissionais definidas nos regulamentos.

Parágrafo único. O merecimento do oficial é avaliado praticamente:

1º, pelo dom que possui de inspirar respeito e confiança, e de se fazer obedecer sem hesitação; dom caracterizado pela energia do caráter, pelo amor à verdade, pelo hábito de falar pouco, porém com decisão, e de corrigir erros e falhas sem emoção nem violência;

2º, pelo domínio de si próprio.

Em resumo, a carreira militar do oficial do Exército Brasileiro, após processo de formação na AMAN, inicia-se, conforme antedito, no posto de Aspirante a oficial e, sequencialmente, obedecendo ao fator tempo entre uma patente e outra; ostentar idoneidade moral e não incidir em nenhum tipo de conduta que desabone e conspurque à dignidade da profissão militar; concluir com êxito os cursos que se fazem necessários por imposição e/ou determinação legal, além de resplandecer saudável compleição física. Este militar ascenderá nos cargos, capacitando-se a assomar ao generalato (BRASIL, 1980).

No que diz respeito aos postos mais elevados da conjuntura hierárquica das Forças Armadas, a exemplo do Exército, sua ascensão preconiza magnificência, destemor e abnegação irrestrita às máximas da carreira militar.

O perfil do profissional que congrega tais características está apto para exercer, de forma íclita, o comando de unidades militares. Após todo transcurso temporal e, finda a carreira militar, o militar é direcionado à reserva, sendo-lhe, ademais, assegurados todos os direitos os quais lhe incumbe.

### **2.1.2 A família militar**

A partir da segunda metade do século XX, iniciaram-se estudos científicos no campo da temática militar, sobretudo sobre o Exército, motivados pelos movimentos políticos e pela época em que os militares estiveram sob direção do governo brasileiro nos idos de 1964 (ZAVERRUCHA; TEIXEIRA, 2003).

O interesse dos pesquisadores da época, até então restrito às especificidades do momento histórico pelo qual passava o Brasil, isto é, acerca do envolvimento militar nos aspectos da política brasileira, das discussões sobre a existência ou não de uma ditadura, das pretensões dos militares ao assumir a chefia do Estado Brasileiro, dentre outros pontos, foram o estopim para fomentar mais avanço, ao longo do tempo, em termos de estudos e pesquisas científicas sobre essa categoria profissional.

Por sua vez, verifica-se que, além das temáticas de cunho político, administrativo ou operacional, que são adstritos às condições militares, no início da década de 1990, percebe-se uma sensibilidade dos pesquisadores em investigar outros pontos da vida militar. Desta forma, antropólogos e cientistas sociais enveredaram pesquisas nos mais variados campos do militarismo, buscando compreender questões que redundavam nos aspectos da formação militar, socialização militar, características da profissão militar, formação da identidade militar, dentre outros. (SILVA, 2013).

Mesmo assim, ao se referir às pesquisas antropológicas brasileiras sobre militares, Castro (1990) refere que,

Apesar da exortação sempre repetida por esses pesquisadores para que se estudem os militares a partir de uma perspectiva institucional, produziu-se muito pouco além do que foi citado. No campo da antropologia brasileira em particular, inexistem estudos específicos sobre os militares. Na falta de outras etnografias, esta deve ser vista como uma incursão inicial – e,

portanto, apenas de reconhecimento – a um território vasto e que merece ser mais explorado. (CASTRO, 1990, p.17).

Silva (2013), nesse diapasão, inclui em seus argumentos a mesma tônica da necessidade de incursões científicas nesta área, nomeadamente sobre o aspecto exploratório da família e a seara militar.

Outrossim, há que se pontuar, também, que, em virtude desse contexto incipiente de pesquisas, é possível salientar que a instituição militar, particularmente o Exército Brasileiro, insculpe em seu bojo uma essência eminentemente “totalizante”, nas palavras de Castro (2009).

Sendo assim, o acesso às suas estruturas organizacionais para explorar cientificamente as vivências da caserna ainda são pautadas por um delicado exame de admissibilidade perante o pesquisador interessado e a organização militar alvo do estudo (SILVA, 2013). Portanto, o acesso à instituição prevê a obtenção de uma autorização expressa do superior hierárquico, o comandante da unidade militar na qual se pretende pesquisar. O que pode aparentar ser um óbice para a epistemologia.

Quando se fala em família militar, um dos precursores do estudo dessa temática no Brasil foi Celso de Castro, que iniciou suas observações quando buscou, mediante uma abordagem perscrutadora, conhecer como ocorria o processo de ingresso de filhos de militares na AMAN. Assim, ao trazer a lógica do sentido endógeno do alistamento militar, estando diretamente associado à influência familiar, identificou que existe uma interrelação entre a escolha pela profissão militar e a família da qual esse militar faz parte (SILVA, 2013).

Falcke e Wagner (2005) exemplificam essa questão ao afirmar que a família é orientada com base na função transgeracional dos valores familiares. Nesta senda, conforme os autores, os efeitos que acontecem na família, e que são repetidos pelas gerações posteriores, são oriundos das representações que são absorvidas e reproduzidas pelos seus indivíduos quando diante dos estímulos. Sendo assim, conforme Molina e Dias (2012), pode-se citar o caso dos filhos que seguem a carreira do pai, que é militar.

A educação militar prescreve obediência a uma série de regramentos, muitas vezes tidos como conservadores e coercitivos (CASTRO, 2009). Tais fatores, insculpidos pela lógica do equilíbrio/estabilidade, encontram na família um ponto de convergência e apoio às suas diretrizes (SILVA, 2013), pois, como

ambiente favorável à socialização, também é um espaço que oportuniza o desenvolvimento saudável de seus entes (SANTOS *et al.*, 2017).

A família militar, nesse aspecto, merece importante guarida no seio da instituição militar, pois está imbricadamente concatenada aos valores cultuados pelo militarismo, sendo o principal deles: a solidariedade/camaradagem (CHINELLI, 2018). Fator este que atesta a “importância do espírito de sacrifício e de luta, o qual possibilita aos integrantes da Força Terrestre alcançarem o sucesso pessoal e profissional, com o sentimento de dever cumprido, seja qual for a missão” (CASTRO, 2018, p.12).

Segundo Castro (2018), no âmbito das Forças Armadas, em especial no Exército Brasileiro, a Família Militar é homenageada em um período marcado pela data 18 de setembro. Este é o dia representativo da Família Militar no Brasil. O autor destaca que tal feito foi estatuído por meio da Portaria nº 650 de 10 de junho de 2016 e tomou como referência simbólica o assento de nascimento de Dona Rosa Maria Paulina da Fonseca (1802 - 1873), considerada como a “Patrona da Família Militar” por ser a mãe do primeiro presidente republicano militar, o Marechal Deodoro da Fonseca, e possuidora de grande patriotismo, dedicação à família e ao Exército, fatores bastante valorizados e cultuados pela instituição militar.

É importante esclarecer que a Família Militar abarca tanto a família nuclear – unidade familiar composta pelos seus pais e filhos – e também as relações sociais que são desenvolvidas no meio militar e que muito interferem e fundamentam sua dinâmica (CHINELLI, 2018).

[...] Assim é possível compreender os motivos pelos quais a rede de relações no meio militar é vista como “uma grande família” pela maioria de seus membros, já que seus modelos de conduta estão orientados para essa “solidariedade difusa duradoura” característica dos laços familiares. É a partir dessas relações de reciprocidade e solidariedade que se dá a dinâmica de interações no meio militar [...] (CHINELLI, 2018, p.79).

Como se não bastasse, a esse respeito complementa Silva (2018), pontuando que a noção de família militar também pode apresentar repercussão nas características da própria profissão militar.

[...] A “família militar” brasileira seria constituída, portanto, por um caráter englobante e segmentário: identifica o todo, a

grande família militar, como uma comunidade composta de militares e seus familiares, mas também pode ser instrumentalizada para falar de partes da organização militar (os irmãos de armas, quadros, seções e unidades do Exército), ou para representar relações de vizinhança entre cônjuges e filhos de militares como “parentes circunstanciais” [...] (SILVA, 2018, p.93).

Desse modo, é importante ressaltar que, segundo a autora, ao apresentar a ideia de parentesco circunstancial nas relações sociais militares, significa dizer que, em razão das linhas limítrofes das fronteiras entre essas famílias serem tão tênues e próximas, principalmente pelo fato de experimentarem as mesmas experiências de campo, esta condição as torna íntimas e, portanto, familiares. Caracterizando uma importante rede de apoio.

O sentimento de união e solidariedade é justificado, muitas vezes, pelo fato de que todos ali estão em contato frequente e compartilham das mesmas dificuldades: a adaptação a uma nova residência, a distância da família de origem, o recorrente sentimento de solidão (CHINELI, 2018, p.77).

Segundo Monnerat (2018), o processo de vinculação à família militar ocorre por meio dos laços matrimoniais selados no casamento, momento este bastante significativo para a noção de pertencimento à “grande família”, ora compreendida como a união de pequenos microssistemas familiares imbricados à instituição Exército Brasileiro.

Eaton e Fees (2002) caracterizam a família militar como apresentando um contexto específico e exigente quando comparada à família composta por membros civis (não militares). Isto porque, conforme Hazle *et al.* (2012) e Park (2011), torna-se evidente o envolvimento direto das famílias dos militares no cotidiano profissional militar, pois, em analogia, é como se elas estivessem por “servir” ao lado destes. O que se faz necessário, em decorrência das exigências no que se refere a compromisso, lealdade, tempo e energia (SEGAL, 1986), bem como habilidade de se justapor às mudanças (CARVALHO; WHEALIN, 2012).

Neste ponto é possível verificar que o que se entende por família militar está diretamente associado às disposições do contexto militar. Sendo assim, o que acontece na família é uma sobreposição dos valores adimplidos e exercitados pela instituição militar, que, por estar inserida, a família acaba adquirindo a performance militar desejada. Desse modo, explica Silva (2013)

que a coesão aos preceitos militares compõe a ideia de família – tida como instituição ideal.

O que se observa desses aspectos é que fazer parte do “mundo militar” – marcado por preceitos de hierarquia e disciplina, condutas ponderadas, linguajar e códigos próprios com gírias e insígnias, cerimoniais; enfim, com cosmologia, temporalidade e historicidade próprias – implica incorporar nas famílias um estilo de vida marcado por valores e comportamentos imprescindíveis aos militares, como a “distinção de caráter”, a “retidão moral”, a “solidariedade” e o “companheirismo”, de modo a procurar reforçar o que se entende como um conjunto de características produtoras de coesão no Exército. Logo, esse modelo de família seria uma espécie de modelo ideal da instituição, que expressa e estende o padrão das relações e normas do quartel para o espaço da casa. (SILVA, 2013, p.869).

A esse respeito, ressalta a autora, que fazer parte de uma família que está alicerçada nos princípios que regem a instituição militar, vivenciando as experiências da caserna direta e indiretamente, tem relação com a proeminência de militares oriundos de famílias militares, bem como de filhas de militares que se casam com militares. Por tais razões, a família militar pode ser interpretada com o caráter de oclusão entre Exército e família.

Citando a realidade da Força Aérea Portuguesa, Gil (2009) sinaliza que, dentre as principais características que envolvem a profissão militar constam: a permanente disponibilidade para o serviço, transferências, serviços de escala, missões no estrangeiro e cursos de promoção/formação.

Partindo desse pressuposto, a realidade da carreira militar submete tanto os que nela se inserem, quanto seus familiares, à presença de estresse constante (BALTAZAR; SALVADOR, 2012). O que demanda, por parte dos pais, ajustar o convívio familiar ao cenário do cotidiano militar, tornando possível a manutenção do equilíbrio familiar (RIGGS; CUSIMANO, 2014) mediante elementos que redundam na valorização das crenças familiares (união), padrões de comunicação (diálogo) e organização (flexibilidade) (WALSH, 2003).

Pois, segundo Stafford e Grady (2003), constituem-se como fatores de risco para a carreira militar a existência de conflitos familiares, distúrbios, inexistência de comunicação entre os cônjuges e a falta de resiliência aos imperativos da carreira; especialmente, porque, segundo os autores, a família

militar move-se duas a três vezes mais frequentemente do que a família composta por membros civis.

O modelo de família militar, de acordo com Silva (2013), tem como arquétipo a representação da família militar por meio da imagem da mulher como responsável pela manutenção do ambiente doméstico, por meio de funções de cuidado da prole e conservação do lar. Ela também funcionará como elo importante na ascensão profissional do marido ao longo da sua carreira militar.

Neste esteio, a autora elenca que alguns dos papéis que a esposa do militar desempenha ao pertencer à Família Militar se diversificam em comportamentos complementares à dinâmica da carreira e ao contexto laboral do marido.

Neste sentir, torna-se imperioso que a esposa do militar acompanhe o marido nos processos de transferências os quais são indispensáveis na carreira. Sendo-lhe fiel companheira nos interregnos que oscilam entre dois a três anos, aos quais estão jungidos os respectivos deslocamentos. Além de ater-se com exclusividade, mesmo que exerça alguma profissão, às disposições e demandas da família e dos filhos, enquanto o marido dedica-se à carreira militar.

Continua a autora, destacando que, além do estrito devotamento à família, a esposa do militar precisa, em determinados momentos da carreira do marido, exercer, na conjuntura do Exército, “funções públicas” e de caráter filantrópico, no intuito de melhor integralizar a família militar.

A despeito dessa atuação, convém ressaltar que cabe à esposa do militar proceder com diligência e deferência nos comportamentos sociais e na interação com outras famílias. Dessa forma, deve-se evitar perpetrar condutas, por meio de palavras ou gestos, assim consideradas “inadequadas” ao ambiente militar. Portanto, reforçando a manutenção da cordialidade e da solidariedade com as demais famílias.

Em vista disso, conclui Silva (2013) que a esposa do militar precisa ostentar “[...] uma conduta que deve seguir similitudes em relação ao *modus operandi* das relações profissionais do cônjuge, isto é, observando os protocolos e prescrições inerentes à hierarquia militar”. (SILVA, 2013, p. 869).

Importa registrar, ainda, que, em virtude dos avanços tecnológicos e do fator de surgimento de entidades familiares nas suas variadas concepções e características, tal fato repercutiu efeitos no âmbito das Forças Armadas, mormente no Exército, pois, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, e a conseqüente abertura para que elas pudessem exercer a profissão militar – por volta dos anos 1990, a família militar também sofreu mudanças durante esse processo. Tanto é que, a depender do tipo de configuração familiar, podendo essa ser composta de ambos os cônjuges militares, ou um deles somente, a conformação das atribuições, sobretudo nos deveres atinentes à manutenção do ambiente doméstico, também serão alvo de impactos, principalmente quando é a mulher que é militar e o homem não. (ADÃO, 2010).

Ademais, depreende-se, portanto, nas palavras de Silva (2013), que existe, no cerne das Forças Armadas, especialmente no Exército, a lógica da divisão sexual dos trabalhos domésticos. Sendo a mulher dedicada aos enleios do cuidado e ao homem cabendo a função de prover financeiramente e ser o sustentáculo ativo dessa família. Refletindo, neste aspecto, a noção da família nuclear, com viés patriarcal.

Por tais razões, observa-se uma forte vinculação da família militar com as convenções do Exército. Todavia, Silva (2018), ao tratar da realidade dos estudos sobre as famílias militares no Brasil, na atualidade, identifica a necessidade de maiores esforços, no sentido de investigar a referida temática, pois, tendo em vista as vias ainda serem escassas, vislumbra a vulnerabilidade de políticas de apoio à família do militar no âmbito da instituição.

[...] os militares brasileiros não dispõem de atendimento especializado para os casos de estresse e dificuldade de adaptação dos familiares em cada novo lugar ou missão do marido militar, e parecem contar com a criação de contextos familiares entre as pessoas envolvidas desse universo (principalmente a forte agência feminina) como seus recursos de suporte. (SILVA, 2018, p.111).



## 2.2 PATERNIDADE NO CONTEXTO MILITAR

A seguir serão apresentados os subtópicos relativos à paternidade contemporânea e ao pai militar.

### 2.2.1 Paternidade contemporânea

Para Roudinesco (2003), a família é um organismo complexo e multifacetado. Ao longo da história, ela sofreu modificação em sua estrutura, sendo irremediável a influência da cultura e de ideologias correlatas. Assim, a depender da circunscrição geográfica do globo, as peculiaridades são iminentes. No entanto, em termos gerais, anota a autora, na constituição familiar, a família manteve sua composição originária pautada no relacionamento entre indivíduos com vista à procriação, estabelecendo-se por meio da interação descendente e ascendente.

Nessas condições, a família pode ser considerada uma instituição humana duplamente universal, uma vez que associa um fato de cultura, construído pela sociedade, a um fato de natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica. (ROUDINESCO, 2003, p.11).

Por sua vez, Donati (2011), partindo do pressuposto sociológico, assevera que o termo família deve ser visualizado considerando sua abordagem relacional. Para tanto, aduz que concepções ideológicas que tratam da definição de família atribuindo-lhe uma natureza estrita de “coisa” devem ser rechaçadas. Assim como a compreensão que a reduz à etiologia espacial ou biológica. A família, neste ínterim, deve ser visualizada como “fenômeno social total” (p. 55).

As dificuldades de definição da família devem-se em grande medida ao seu caráter *suprafuncional*, isto é, ao fato de que ela não existe para satisfazer uma ou algumas funções sociais, mas constitui um leque potencialmente indefinido, visto ser uma *relação social plena*, ou seja, é um “fenômeno social total” que – direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente – implica todas as dimensões da existência humana, desde as biológicas às psicológicas, econômicas, sociais, jurídicas, políticas e religiosas. (DONATI, 2011, p. 55).

Desse modo, conforme assevera o autor, a família, nessas condições, compreende uma configuração relacional que pode ser definida:

[...] como lugar-espço (a casa), célula da sociedade (por analogia orgânica com o organismo biológico), modelo (padrão simbólico), relação social (isto é, como ação recíproca que implica intersubjetividade e conexões estruturais entre sujeitos). (DONATI, 2011, p. 49).

A Abordagem Relacional da Família, elaborada por Donati (2011), considera a família como um conjunto unitário que não parte unicamente do indivíduo, mas das relações que são desenvolvidas entre seus membros. Segundo o autor, “a família é um bem relacional que consiste de relações”. (p.100). Nesse esteio, a família consubstancia uma rede de interações, unida pelo código simbólico do amor, que envolve reciprocidade, dom, generatividade e sexualidade. Perfazendo, portando, sua identidade.

Explica Petrini (2011) que

A teoria relacional propõe um modo de observar a família, de avaliar a situação e de intervir segundo o método relacional. A observação, o diagnóstico e a intervenção devem ser relacionais. Nesse sentido, a observação deve focalizar as relações, pois os problemas da família nascem nas relações, não nos indivíduos. Os problemas implicam comportamentos e reações individuais, mas se situam no espaço das relações. Quando se tomam os indivíduos como ponto de partida, não se chega às relações. Pelo contrário, partindo das relações, encontram-se os indivíduos. (PETRINI, 2011, p. 31).

Por outro lado, tal Abordagem, ao proporcionar conhecimento mais amplo sobre família, enseja ser possível haver intervenções abrangentes, principalmente no campo das políticas sociais, em virtude da melhor compreensão de suas peculiaridades, que são construídas na complexidade das relações humanas.

[...] A finalidade é exatamente ativar a família como sujeito. Valorizar a subjetividade da família significa favorecer a intensificação das relações dos membros da família entre si. É importante, então, que as famílias compreendam estas dinâmicas e se organizem para terem representantes que dialoguem com as autoridades públicas. Nesse sentido, a família se torna sujeito político, interlocutor das instituições públicas, quando se organiza em associações familiares. (PETRINI, 2011, p. 33).

Afora essas denominações conceituais de família, numa perspectiva histórico-metodológica, Donati (2011) aponta três formações histórico-sociais que remontam à origem da família, quais sejam: a perspectiva histórico-social tradicional ou pré-moderna, caracterizada pelos primeiros delineamentos de

registros sobre a família, que remontam à idade antiga, mormente às civilizações romanas e gregas, pois família, nessa seara, significava agregação de indivíduos com vista à procriação, sendo célula *mater* da comunidade, tinham por principais características a forte presença do poder patriarcal e a descendência provir da linha patrilinear.

Por sua vez, a perspectiva histórico-social capitalista ou de primeira modernidade tinha como pressuposto gerador a progressiva abertura do mercado globalizado, com o conseqüente prenúncio da influência do capital na sociedade, e, inelutavelmente, sobre a constituição familiar. Nesta época observa-se o surgimento da, assim denominada, família burguesa.

Finalmente, a perspectiva histórico-social contemporânea ou pós-industrial, momento ínsito de transformações e reformulações em toda base social. Pois, reverberando efeitos originários da Revolução Industrial, concebe uma nova sociedade de modelo tecnocrata, com relações sociais mais individualizadas, autônomas e fluidas (LIPOVETSKY, 1989), pautadas na lógica mercadológica do consumo.

Nesse contexto, o mercado afirmou-se ainda mais como um poder impessoal, capaz de condicionar os indivíduos e os Estados, mas também de introduzir nas relações cotidianas, os critérios, os valores, os métodos que lhe são próprios, sinteticamente indicados como intercâmbio de equivalentes. (PETRINI, 2011, p.17).

Considerando a escala genealógica da evolução da família, Donati (2011) informa que as formas familiares podem ser analisadas sob dois vieses constitutivos: quanto ao tipo da relação conjugal ou vida esponsal, e no que tange ao tipo de relação parental. No que se refere a este último ponto, a relação parental pode ser encarada como sendo de jaez matrilinear ou patrilinear.

Segundo Donati (2011), praticamente em todas as sociedades das quais se tem conhecimento, prevaleceu o formato de família de cunho patrilinear, ou, comumente falando, de natureza patriarcal. Neste tipo de família, importa salientar que a principal característica imperante em seu bojo era o fato da existência do poder hierárquico exercido pelo *pater famílias* em detrimento dos demais sujeitos que estavam subordinados à sua autoridade.

Em resumo, o *pater famílias*, conforme sinaliza Lira (1999),

Era o chefe do grupo familiar, exercente do poder marital, com direitos absolutos sobre a mulher, que remanescia *in loco filiae*. Dispunha de poderes também absolutos sobre os filhos, com direito de vida e morte sobre eles, *jus vitae necisque*. (LIRA, 1999, p.83).

Sendo assim, o exercício desmensurado de poder facultava ao *pater famílias* também a possibilidade de rejeitar ou aceitar um filho de sua linhagem biológica ou não. Assim como dedicando-lhe direitos sucessórios,

Ele pode lhe dar tudo, assim como a qualquer estranho, instituí-lo herdeiro, deserdar seus filhos legítimos em prol dele, pois é o senhor de sua casa. Mas pode igualmente deixá-lo na indigência, ignorá-lo completamente: esta criança não é seu filho, ele nada lhe deve (MULLIEZ, 1990, *apud* ROUDINESCO, 2003, p. 11).

O cristianismo, em contrapartida, desvinculou a ideia do poder do *pater famílias* diretamente associado a um ser humano, mas atribuindo-o a Deus. Explicando que o homem era um veículo (meio), mediante o qual este poderia irradiar o seu poder. A legitimação deste poder só poderia ocorrer por meio do casamento (vínculo matrimonial). (ROUDINESCO, 2003).

Mesmo havendo essa contraposição, a figura do pai não perdeu influência, permanecendo intocável até o final do século XIX. A mulher, desde tempos outrora, não tinha participação na vida pública da sociedade. Assim como na Grécia antiga e nos prelúdios da Idade Média, a sua desvalorização era tangível.

Conforme anota Roudinesco (2003), na Grécia antiga costumava-se diferenciar os sexos. Trabalho este desenvolvido pelos filósofos, em especial Aristóteles, que afirmava que, dentre outras coisas, a superioridade do macho era encarada, em termos biológicos, pelo vigor e altivez de seu sêmen, enquanto os fluidos femininos eram meros condutores e propiciadores do desenvolvimento da vida intrauterina. Neste sentido, os traços “identitários” da prole, majoritariamente permaneciam com o pai.

Todavia, no século XX, a posição de supremacia do homem foi relativizada para dar espaço à influência da mulher. Tal fato se deu em razão do reconhecimento inerente da posição da mulher na sociedade.

Assim, foi primeiramente do declínio do poder divino do pai, e de sua transferência para uma ordem simbólica cada vez mais abstrata, depois da maternalização da família, que surgiu, em toda sua força, a sexualidade das mulheres. Um desejo

feminino, fundado ao mesmo tempo sobre o sexo e o gênero, pôde então brotar, depois de ser tão temido, à medida que os homens perdiam o controle sobre o corpo das mulheres. Com a conquista definitiva de todos os processos da procriação pelas mulheres, um temível poder lhes foi reservado no final do século XX. Elas adquiriram então a possibilidade de se tornar mulheres prescindindo da vontade dos homens. Daí uma nova desordem familiar consecutiva ao surgimento de uma nova fantasia de abolição das diferenças e das gerações. (ROUDINESCO, 2003, p. 56).

A contemporaneidade, nesse sentido, apresentou profundas mudanças na sociedade, sobretudo na organização familiar. Pois, segundo Petrini (2005, p. 42), “a família participa dos dinamismos próprios das relações sociais e sofre as influências do contexto político, econômico e cultural no qual está imersa”. Fazendo-se premente, portanto, a adaptação a essa dinâmica diacrônica, pois, nas palavras de Engels (1984, p. 91), “A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema”.

Neste sentido, segundo Pleck (1997), as transformações e revoluções sociais, às quais cite-se a hegemonia do modelo industrial, os baixos índices de natalidade propiciados pela utilização massiva dos métodos contraceptivos e o substancial envolvimento ativo das mulheres no mercado de trabalho, motivaram peculiaridades na concepção paternal.

Explica Roudinesco (2003) que o movimento feminista galgou para as mulheres direitos, sem os quais a dominação masculina não se fazia mais premente. A autonomia consistente no discernimento volitivo da procriação afetou a composição e o tamanho das famílias.

Com a crise do patriarcado (CASTELLS, 1999) e as vicissitudes que permearam o século XX, os contextos envolvendo a conjugalidade e a sexualidade, no mesmo sentido, foram abalroados por efusivas transformações (THERBORN, 2006).

Sobre este aspecto, sinalizam Bauman (2004) e Donati (2006) que o teor que respaldava o espectro da família “tradicional”, em razão da instabilidade das relações, fez a família adquirir uma conformação “líquida” ou “flutuante”, respectivamente. Segundo Singly (2007), houve relativização do seu modelo pré-fixado, gerando uma autonomização do sujeito perante a família. Com efeito, para Giddens (1993), a relação afetiva passou a ser definida nos

âmbitos da conveniência e oportunidade que cada um lhe imputa, influenciando na decisão de permanecer ou não na relação.

Nesta senda, há que se pontuar que, ao revés dessas implicações, cite-se que o envolvimento paterno perpassou por importantes mudanças. Pois, desde as concepções pretéritas, o exercício da paternidade estava vinculado à conduta do pai como provedor financeiro e sustentáculo da moral e da educação religiosa dos filhos (LAMB, 1992). Ressalta-se que, após a Revolução Industrial, caracterizada pela alta demanda de trabalho e tempo, resultou no impacto da qualidade do convívio familiar deste pai e, conseqüentemente, na transferência da responsabilidade da manutenção do ambiente doméstico e cuidado dos filhos às mães (COLEY, 2001).

Contudo, nos dias atuais, a despeito das implicações positivas que a contemporaneidade trouxe no contexto das relações humanas, Tourinho *et al.* (2017), investigando como ocorre o envolvimento paterno no contexto das camadas sociais, contrapondo se existiria similitude no campo do envolvimento paterno das camadas sociais alta e baixa, identificou que, nas camadas sociais menos favorecidas da sociedade, ainda vige o modelo de paternidade pautado na imagem do pai provedor e, portanto, menos envolvido com o filho.

Fein (1978) e Schweber *et al.* (1988 *apud* DESSEN; LEWIS, 1998) registram que o papel do pai perpassou por sensíveis mudanças históricas, sendo relevante destacar três papéis predominantes, quais sejam: tradicional, moderno ou emergente. Sendo o primeiro caracterizado pelo aspecto majoritariamente econômico, donde esse pai está posicionado nessa família como provedor financeiro, tendo pouca responsabilidade com os afazeres domésticos, sobretudo o cuidado dos filhos; em contrapartida, o pai, na concepção moderna, tem como pressuposto direcionador e característica marcante, a preocupação com o aspecto do desenvolvimento humano de sua prole, principalmente naquelas vertentes que dizem respeito à questão sexual, moral e acadêmica. Sendo por fim, o pai emergente, oriundo da contemporaneidade, funda-se na reciprocidade das responsabilidades do lar juntamente com a mulher. Nesse sentido, desempenha com mais contundência atividades de cuidado para com os filhos, até então exclusivas da mulher.

Consoante Lamb, Pleck e Levine (1985), após estudos que procuraram investigar o padrão de relacionamento do pai com seu filho, em termos de

quantidade (assim considerado o padrão de repetição) e o tipo de atividades desenvolvidas, caracterizaram o envolvimento paterno na contemporaneidade evidenciado na seara tripartite: interação, acessibilidade e responsabilidade. Donde interação refere-se a atos de cuidar, alimentar, brincar; acessibilidade relaciona-se à disponibilidade ao filho e responsabilidade às medidas responsivas de fiscalização e atuação em todos os setores (emocional, saúde, etc.).

O primeiro componente da teoria de Lamb (1985), ao se referir à questão dos atos de interação do pai para com o filho, adverte o autor, alegando que, para fins de aferição do referido grau, não se considera as atividades domésticas relacionadas a criança, mas o contato efetivo com ela; “o primeiro e o mais restritivo é o tempo passado em interação efetiva com a criança (a alimentá-la, a ajudá-la nos trabalhos de casa ou a jogar bola no jardim)”. (LAMB, 1992, p.22)

O seguinte componente, ao indicar o padrão de envolvimento paterno pautado na acessibilidade, continua o autor, explicando que são atividades praticadas pelo pai em vista do filho, porém com menor interação.

Estas atividades pressupõem os pais estarem acessíveis para a criança mais do que em interação direta. São exemplos, estar na cozinha a cozinhar enquanto a criança brinca na divisão vizinha ou mesmo aos pés do adulto. (LAMB, 1992, p.22).

Por fim, explica o terceiro ponto da teoria, considerado o mais crítico, por avaliar o nível de assunção de responsabilidade do pai perante seu filho. Segundo o autor, trata-se da relação entre ser responsável, ser capaz e estar disposto a ajudar o filho quando assim aprover.

Para tanto, discrimina as ações de responsabilidade na seguinte passagem,

Responsabilidade implica saber quando a criança precisa de ir ao pediatra, marcar a consulta e assegurar que a criança chegue lá. Responsabilidade implica tomar medidas quanto aos cuidados da criança assegurando-se que tem roupa para vestir ou que fica acompanhada quando está doente. (LAMB, 1992, p.22).

Sobre isso importar registrar que ser responsável em uma relação parental não se resume unicamente a atender financeiramente às despesas da residência juntamente com os filhos. Ser pai provedor não aduna razões

suficientes, em que pese necessárias, que endossem e completem o sentido da paternidade ideal (CARVALHO, 2013). Pois, como bem demonstrado, a paternidade sob o enfoque da responsabilidade deve vislumbrar as demais tarefas que derivam do “ser” pai. Ou seja, funções de educar, cuidar, auxiliar nas atividades do cotidiano, brincar, ser carinhoso, dar atenção e, acima de tudo, estar vinculado ao filho. Tais elementos agregam expectativas com relação à paternidade hodierna.

Na mesma linha, Palkovitz (1997) propôs em três dimensões a definição da experiência do envolvimento paterno (domínios cognitivo, afetivo e comportamental), discriminando em 15 (quinze) componentes, sobremaneira, as ações que são afetas ao envolvimento paterno, a saber: comunicação (ouvir, falar); ensino (aquisição de novas habilidades); monitoramento (fiscalizar comportamentos da criança); processos de pensamento (preocupação com a criança); pequenas tarefas (atos de interesse da criança); prestação de cuidados (alimentar, dar banho); manutenção relacionada à criança (limpeza, reparos); interesses compartilhados (ler junto com a criança); disponibilidade (participar de eventos com a criança); planejamento (turismo, férias); atividades compartilhadas (fazer refeições); provimento (alimentação, moradia); afeto (beijar, dar carinho); proteção (zelar pelo ambiente) e apoio emocional (incentivar, apoiar).

A nova paternidade, conforme Cerveny e Chaves (2010), resultado das efusivas transformações sociais das últimas décadas, reflete com clareza a nova tendência das relações familiares hodiernas. Guarneçada pelo espectro jurídico e social, o exercício da parentalidade está alicerçado e incentivado pelo princípio do Planejamento Familiar. Sendo assim, no que se refere ao sujeito pai, Gomes *et al.* (2013) afirmam que ele está em transição e Lamb (1992) destaca que ele está mais envolvido na vida do filho.

[...] Desse modo, embora o envolvimento paterno, por vezes, ainda não apresente um grande crescimento quantitativo, atualmente existe um maior desejo de participação, por parte dos pais, na criação de seus filhos, acompanhado de uma nova capacidade de paternagem, cujas características estão mais associadas à figura materna. (CARVALHO, 2013, p. 19).

Nesse sentido, Carvalho, Moreira e Rabinovich (2015) observam que o conceito de paternidade sofreu modificações:



A observação do conceito de paternidade, sob o enfoque histórico, mostra que as características dos papéis e interações familiares sofrem transformações na sociedade ocidental, desde o modelo patriarcal, entendido como modelo de organização familiar centrado na figura masculina, até a multifacetada sociedade pós-moderna quando surgem novas formas de família. Sendo que o papel que o pai exerce hoje, particularmente nas sociedades ocidentais, é único na história da humanidade. (CARVALHO; MOREIRA; RABINOVICH, 2015, p. 425).

Todavia, sinaliza Sarti (2004) que, em que pese a modernização ter trazido avanços nos mais variados segmentos da sociedade. No campo da paternidade e das políticas públicas ainda se percebe um sensível afastamento do Estado no que se refere à promoção do sujeito pai, sendo parco o desenvolvimento de programas de assessoria e acompanhamento voltados à categoria. Neste caso, ainda se percebe, com certa evidência, o direcionamento das políticas familiares voltado para as mulheres.

Tal déficit é observado por Carvalho (2013) ao proclamar, exemplificativamente no Brasil, que, no campo dos direitos sociais, sobretudo de natureza previdenciária, oportunizam à mãe, caso possua vinculação profissional, a possibilidade de requerer licença remunerada e pelo prazo estipulado em lei, assim denominada licença maternidade, que pode variar de no mínimo 120 dias à 180 dias. No caso da licença paternidade, o gozo do benefício se resume a avaros 20 dias (desde que a empresa, ao qual o pai esteja laborando, seja conveniada ao Programa Empresa Cidadã), caso contrário, o prazo legal será de 5 dias.

Isto posto, para o enfrentamento dessas questões e outras tantas prementes, faz-se necessário,

Rever as políticas vigentes e suas influências na participação dos homens como pais; rever as políticas nacionais, incluindo a saúde da mãe e da criança (particularmente o envolvimento do pai no nascimento da criança) para considerar o envolvimento do homem; revisar as políticas nacionais de trabalho para estudar formas de um maior engajamento do pai, dando a clara conexão entre emprego do homem e sua participação como pai; estudar maneiras de desenvolver políticas alternativas ainda na infância para um maior envolvimento do pai [...]. (BARKER, 2008, p.51).

Por outro lado, prosseguindo no estudo das reminiscências da paternidade, convém salientar que a paternidade socioafetiva complementa a

nova perspectiva que orienta a definição da função paterna atualmente (OGAKI; SEI, 2015). Nesse aspecto, conforme define Costa (2009), a paternidade socioafetiva se peculiariza em detrimento da biológica, pela presença do elemento volitivo do afeto e cognitivo do “querer”. Ou seja, o elemento típico da intenção de ser pai daquele que se sabe que não é fruto de sua concepção genética.

A esse respeito, complementa Pereira (2006) *apud* Tartuce (2007) registrando que a filiação biológica não expressa genuinamente o sentido da paternidade, maternidade ou “verdadeira filiação”. A simples comparação de materiais genéticos proveniente dos exames laboratoriais de DNA não é suficiente para exteriorizar o verdadeiro significado da filiação e, conseqüentemente, sobre a paternidade.

Isto posto, a paternidade biológica, tão somente considerada, não tem o condão de elidir com a preponderância da paternidade inclinada aos laços de afeto e reciprocidade. A Constituição Federal inovou o campo do Direito de Família, sobretudo as relações familiares, por valorizar e tomar por referência o verdadeiro sentido do exercício da parentalidade. Com efeito, o legislador pátrio, o poder judiciário e demais seguimentos da sociedade reconhecem a plenitude da paternidade socioafetiva.

[...] nunca foi tão fácil descobrir a verdade biológica, mas essa verdade tem pouca valia frente à verdade afetiva. Tanto assim que se estabeleceu a diferença entre pai e genitor. Pai é o que cria, o que dá amor, e genitor é somente o que gera. Se durante muito tempo por presunção legal ou por falta de conhecimentos científicos confundiam-se essas duas figuras, hoje possível é identificá-las em pessoas distintas (DIAS, 2009, p. 331).

Por sua vez, de acordo com Vilela (1979), a paternidade é muito mais um fato de cultura, do que um fato propriamente ínsito ao biológico. Neste sentir, a família subleva a noção de espaço econômico, religioso e social, para elevar-se às proposições da afetividade e do companheirismo. Provocando, desse modo, o esfacelamento da paternidade, pautada unicamente sob o viés consanguíneo, efetivando, portanto, a transcendência do conteúdo biológico da paternidade.

Dessa forma, como ficou demonstrado, a família contemporânea se transportou do período qualificado como institucionalista, para reafirmar-se na

temporalidade eudemonista, donde o principal fundamento é a promoção da felicidade individual dos seus membros (DIAS, 2005).

A esse respeito, corrobora Pereira (2004) que

A família passou a ser, predominantemente, *locus* de afeto, de comunhão do amor, em que toda forma de discriminação afronta o princípio basilar do Direito de Família. Com a personalização dos membros da família eles passaram a ser respeitados em sua esfera mais íntima, na medida em que disto depende a própria sobrevivência da família, que é um “meio para a realização pessoal de seus membros. Um ideal em construção”, conforme salienta Rosana Fachin. É na busca da felicidade que o indivíduo se viu livre dos padrões estáticos para constituir sua família. (PEREIRA, 2004, p.118).

Bronfenbrenner (2011), estudioso da Psicologia do Desenvolvimento Humano e criador da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, endossa a importância do pai na vida do filho. Segundo ele, as crianças tendem, notadamente, a ser mais responsáveis nas famílias em que o pai era o principal companheiro e disciplinador para o menino e, por sua vez, a mãe para a menina.

Corroborando, Riggs e Cusimano (2014) ilustram que a redução da disponibilidade e do envolvimento paterno, conseqüentemente, podem implicar desfavoravelmente na criança o desenvolvimento do sentimento de perda na relação proximal com suas figuras de referência. Portanto, StGeorge *et al.* (2015) consideram que as interações paternas no âmbito do desenvolvimento infantil apresentam, sobremaneira, contribuição latente.

O envolvimento paterno consubstancia alguns fatores que vão irradiar efeitos no relacionamento do pai com o filho. Isto posto, conforme Barker e Verani (2008), existem questões que influenciam o ato de envolver-se com o filho. Sendo assim, cite-se que o nível educacional, conjuntamente com o perfil financeiro, relacionamento com a genitora, idade da criança, existência ou não de políticas de promoção à paternidade na sociedade, qualidade do relacionamento com os próprios pais, dentre outros, vão peculiarizar o perfil de envolvimento paterno.

A modernidade impôs particularidades nos campos sociais, econômico e político. No que diz respeito à seara do afeto, há que se encerrar a diversidade de arranjos familiares com suas promiscuidades ou desordens (ROUDINESCO, 2003). O exercício da paternidade, nesta senda, consubstancia desafios e,

sobretudo, reconhecimento (STAUDT; WAGNER, 2008). Pois, em que pese movimentos de restauração da paternidade, reafirmando como direito propriamente dito, em muito se observa, pelas práticas sociais e senso comum, que o exercício dessa demanda ainda é difícil na sociedade (CÚNICO; ARPINI, 2013).

Sob a luz dessa análise, pode-se pensar na desigualdade entre o que está sendo exigido do homem moderno e as condições que a sociedade e a legislação dispõem para que tais mudanças aconteçam. Ao passo em que se espera do homem maior sensibilidade e o exercício de uma paternidade mais responsável e participativa, percebe-se que o próprio contexto social cria linhas de fragilização da paternidade na medida em que não deixa espaço para que ela se fortaleça. (CÚNICO; ARPINI, 2013, p.34-35).

A função do cuidar, amar e dedicar-se às tarefas básicas perante a prole ainda é vista como exclusividade da mulher (MASSOUDI *et al.*, 2011). Neste sentido, justifica-se como necessidade precípua o desenvolvimento de programas de inclusão e intervenção direcionados ao pai (TUDGE *et al.*, 2000), no sentido de clarear o entrosamento pai-filho, criando mecanismos facilitadores, condicionando o ato de ser pai a uma atividade prazerosa, natural e responsável (FAGAN; IGLESIAS, 1999).

Bertolini *et al.* (2002) enfatizam a necessidade de estudos nacionais de caráter qualitativo abordando o sujeito pai. Salientando que a pesquisa não deve se resumir ao elemento cognitivo da mãe acerca do que é a figura paterna, mas registrar, sobremaneira, a concepção da paternidade diretamente com os envolvidos com o ato paternal. Pois, do contrário, a essência da pesquisa estaria comprometida, por inculir a visão de um único indivíduo em detrimento do outro.

Nesse ponto, Waltzer (2003), ao registrar que a família se resume num conjunto intercalado de interações especiais, registra que a família é uma fonte de desigualdades, principalmente no que se refere à distribuição de afetos, riquezas e níveis. Sendo assim, ainda segundo o autor, a família se perfaz em um “mini estado”, no qual a presença de uma figura suprema, a exemplo do pai ou da mãe, define sua forma de governo e critérios de convivência.

### 2.2.2 O pai militar

Depreende-se, por tudo que foi exposto até o presente momento, que a paternidade é um importante fenômeno social, pois, presente nas relações humanas, está diretamente associado ao aspecto evolutivo da espécie humana, mormente quando sua análise está pautada na compreensão de que sua função tem como pressuposto a transmissão à prole dos traços genéticos/hereditários e também valores e bens psicossociais/imateriais (DIAS; AQUINO, 2006).

A paternidade, sobremaneira, é, antes de mais nada, um direito que, após exercido, repercute deveres e obrigações. Ao lado da maternidade, compõe-se o elo basilar que funda a existência da família, assim considerada em sua gênese conceitual (MATOS; MAGALHÃES, 2019).

Como direito, independente das condições, características individuais, momento histórico e aspectos circunstanciais do território/cultura, a paternidade insere-se no alvedrio daqueles que assim desejam vivenciá-la (GOMES *et al.*, 2004).

O exercício da paternidade por um profissional militar enseja alguns aspectos circunstanciais que, se comparados a uma família composta por membros não militares, apresenta, com certa evidência, traços distintivos e peculiares.

Dentre eles, afirma D'Araújo (2004) que a carreira militar subjuga seus integrantes a uma disponibilidade inadiável ao serviço militar, sobretudo porque a constância na profissionalização que os submete a diversos afazeres procedimentais, tem relação direta com a mensuração da proficiência deste militar no campo ao qual está inserido. Repercutindo, inclusive, no status de desempenho deste militar na ascensão profissional dentro da instituição.

Neste sentir, continua a autora, destacando alguns elementos que subordinam a profissão militar: envolver mobilidade ao longo de todo território brasileiro ou estrangeiro; desimpedimento às convocatórias de missões, sejam elas de paz ou de beligerância; treinamentos, exposição a riscos, obediência irrestrita, dentre outros.

Nestes termos, a propensão para a existência de atritos no cerne da família torna-se bastante recorrente (CARREIRAS, 1997), principalmente

porque a carreira militar condiciona todos os integrantes da família militar a servir ao lado deste (PARK, 2011).

A delicadeza destes percalços na vida e carreira militar merece especial atenção, seja das autoridades diretamente relacionadas ao setor Estatal, assim como o militar, propriamente dito, pois, questões conflituais no seio da família interferem na dinâmica profissional deste militar, afetando seu rendimento e, por ventura, o equilíbrio do próprio sistema (CAMPANIÇO, 2015). A família, na vida do militar, outrossim, posiciona-se como importante vetor motivacional extrínseco em sua vida (LUTZ *et al.*, 2012).

Neste espectro, a título de comparação, Walsh (2014), após realizar pesquisa com pais militares norte-americanos ex-combatentes da guerra travada entre os EUA e o Oriente Médio, para identificar os percalços e desafios para a paternidade após processo de implementação, diga-se de passagem, após o retorno destes à residência, identificou que os efeitos colaterais dos ambientes aos quais os militares estavam servindo provocaram sensíveis mudanças prejudiciais no que tange ao exercício da paternidade. Cita que os fatores traumáticos vivenciados pelos militares têm o condão de repercutir efeitos negativos tanto na paternidade quanto na conjugalidade destes.

Por isso, tornam-se necessárias medidas emergenciais<sup>5</sup> de amparo aos militares e sua família. Ações estas que identifiquem, com antecedência, os primórdios dos efeitos deletérios dos traumas percebidos nestas condições de adversidade profissional, a serem mensurados tanto para os militares, quanto para os demais integrantes da família. Pois, conforme anota Renshaw *et al.* (2008), os cônjuges de militares também são suscetíveis a correr risco de problemas de saúde mental.

Quando se fala em paternidade militar, a compreensão restrita do significado do termo “pai” deve ser visualizada, refletida e interpretada ao se sobrepor o conceito de paternidade às condicionantes adquiridas no exercício da carreira militar, assim como ao que se denomina Família Militar. Estes

---

<sup>5</sup> Nos EUA existe um interessante programa de amparo às famílias dos militares veteranos e da ativa das Forças Armadas. Trata-se de uma iniciativa do Centro de Depressão e do Departamento de Psiquiatria da Universidade do Michigan. O referido programa foi alcunhado de STRoNG FAMILIES e oportuniza ao pesquisador uma melhor compreensão da realidade do pai militar, sobretudo no que concerne a medidas de apoio para a plenitude da parentalidade e suas relações familiares. Para conhecer o programa acesse: <https://m-span.org/>

sendo reflexos da influência do Exército no campo privado da família e relações pessoais de seus integrantes.

Desse modo, casa e caserna estão intimamente relacionadas a tal ponto que, em certos momentos, elas se mesclam, não havendo fronteiras fixas entre a família e o quartel (entre o “privado” e o “público”). No limite, podemos falar que o Exército é produtor de parentesco/família, mesmo em configurações familiares diferentes (SILVA, 2013, p. 880).

Castro (2009), citado anteriormente, explica essa relação apresentando a noção que insere o Exército, e demais Forças Armadas, ao que se pode denominar, natureza totalizante. Que açambarca para si tudo aquilo que está dentro de seu raio de atuação. Sendo, com efeito, aquela força vinculante subjacente que exerce influência na conjuntura de seus integrantes e aos que nela estão diretamente relacionados.

Desta forma, diga-se de passagem, a massiva inserção cotidiana dos valores da instituição transforma e molda a personalidade do militar, que, jungido às máximas endossadas pela caserna, termina por assumi-las como constructos de sua personalidade e as reproduz no seu campo relacional imediato, ou seja, na sua família. Assim,

[...] a própria estrutura da família é condicionada ao modo de vida e rotina de trabalho do cônjuge militar, ao passo que também é demonstrado que a família é garantia de uma carreira promissora no Exército e que ela também é valorizada e evocada diversas vezes para que se mantenha a coesão no ambiente militar (SILVA, 2013, p. 879).

Os valores militares, como vetores importantes na integração do militar, dizem respeito a atributos que, dentre outros, se relacionam à hierarquia, à disciplina, ao senso de coletividade, à solidariedade, à obediência, à estima pela pátria e pela moral (LEAL, 2013). Portanto,

[...] o sujeito não é só produto das heranças que ocorrem no interior da família, mas também da que ele recebe na esfera social, econômica e cultural, próprias do contexto em que vive (BUCHER; MALUSCHKE, 2008, p.77).

Absorto nessa realidade voraz do militarismo (SEGAL, 1986), o pai militar, nas palavras de Molina e Dias (2012), pugna como forte representante dos ditames da seara militar no âmbito da família. A esse respeito, é possível vislumbrar, no aspecto pessoal dele, atributos relacionados à imposição de poder (autoridade), figura provedora e diretiva da família. Todos estes

apreendidos no esteio da instituição militar, sendo, também, reflexo da paternidade de outrora (LAMB, 1992).

Segundo Relvas (2004), a figura da referência paterna transmite para a prole, por meio da interação direta, valores dentre os quais se subsumem valências metodológicas que cunham benefícios estratégicos nos campos da solução de conflitos, negociação e desenvolvimento do senso de autoridade.

O modelo de parentalidade vigente manifestou profundas transformações, como bem salientam Carvalho *et al.* (2015), registrando, como principais marcos o fator do envolvimento paterno, a concepção do novo pai e a mudança da hierarquia nas relações.

[...] a compreensão da sociedade contemporânea perpassa pelo entendimento de modelo de pai e vice versa, uma vez que se está frente a uma nova sociedade e um novo modelo de pai, impregnados de diversidade, em função de um modelo econômico globalizado que imprime características de novas estruturas políticas de dominação (implicando a participação, o diálogo e envolvimento), de desenvolvimento econômico sustentável e de um novo modelo não hierárquico de relações. (CARVALHO *et al.*, 2015, p. 427).

No que tange ao envolvimento paterno no contexto da carreira militar, em virtude das características que encetam a carreira militar, tal aspecto consubstancia-se como um desafio à carreira militar, pois a ausência da figura parental impõe-se como estressor aos filhos. Sobretudo, porque, reduzindo-se a disponibilidade e o envolvimento, conseqüentemente, pode implicar desfavoravelmente na criança o desenvolvimento do sentimento de perda na relação proximal com suas figuras de referência (RIGGS; CUSIMANO, 2014).

Pois, no que tange ao ajustamento psicossocial das crianças e adolescentes das famílias militares, ilustram Creech *et al.* (2014) que crianças e adolescentes na faixa etária de seis a 17 anos evidenciaram padrões de ansiedade, depressão, dentre outros distúrbios internos, comparativamente maiores do que as crianças de famílias não militares. Fazendo-se necessário, portanto, a manutenção de uma parentalidade coordenada (WALSH, 2014).

[...] "coparentalidade" é um termo conceitual que se refere às maneiras pelas quais os pais e/ou figuras parentais se relacionam entre si no papel parental. A coparentalidade ocorre quando os indivíduos têm responsabilidade sobreposta ou compartilhada pela criação dos filhos em particular, e



consistem no apoio e coordenação (ou falta dela) que a figura dos pais exibe na educação dos filhos. [...] (FEINBERG, 2003, p.96).

Com o constante avanço da tecnologia, os meios de comunicação (e-mail, telefone, mensagens de texto, etc.) tornaram-se mediadores importantes quanto ao aspecto do deslocamento geográfico que reveste a função militar. Proporcionando uma maior acessibilidade do pai militar com seu filho (HOUSTON *et al.*, 2013), mantendo o equilíbrio familiar e o contínuo envolvimento paterno (WILLERTON *et al.*, 2011).

## 2.3 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Pensar em desenvolvimento humano é poder compreender o espaço social no qual todos estão inseridos e analisar a sua interferência sobre as estruturas que compõem a compleição de cada sujeito, individualmente considerado, durante seu curso de vida (CAIRNS *et al.*, 1996 apud Dessen *et al.*, 2005).

O desenvolvimento humano, em sua forma mais geral, é visto como sendo qualquer processo de mudança progressiva que ocorre com base nas interações estabelecidas dentro de um contexto, englobando desde os processos biológicos do organismo até as mudanças sócio-históricas ao longo do tempo (MAGNUSSON; CAIRNS, 1996 *apud* DESSEN *et al.*, 2005, p. 23).

Nesse sentido, pontuam Dessen *et al.* (2005) que o desenvolvimento deve ser visualizado partindo da compreensão bidirecional das interações entre ambiente/sujeito, pois o contexto no qual esse indivíduo está inserido é um fator relevante para se compreender as transformações que sobrevêm sobre ele, assim como a influência no seu desenvolvimento.

[...] o próprio desenvolvimento humano envolve uma ampla e complexa variabilidade de comportamentos e padrões interacionais, tornando-o menos previsível do que em outras espécies. O desenvolvimento sempre ocorre envolto em fatores sociais, históricos, culturais e físicos, em contextos que estão em contínuas mudanças. (DESSEN; SENNA, 2014, p.73-74).

A esse respeito, o tratamento interdisciplinar que enseja estudos nessa temática denomina-se ciência do desenvolvimento humano. Esse campo científico parte do vetor de ação baseado nos fenômenos desenvolvimentais que incidem no indivíduo, tendo como referência os pressupostos exarados pelas teorias psicológicas, biocomportamentais e sociais (DESSEN *et al.*, 2005).

Sobre este aspecto, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano participa do enquadramento na ciência do desenvolvimento humano por considerar o contexto como elemento primordial que interfere no processo de construção do agente social. Neste sentir, desenvolvimento não significa unicamente falar em mudança, mas na permanência e constância. Um ciclo de constantes interações que se somam e definem o ser (KOLLER, 2004).

A referida abordagem teve como pensador principal os excertos de Urie Bronfenbrenner, filho de um médico e de uma professora de língua russa, nascido em 1917, na Rússia, período crítico em virtude dos agressivos levantes sociais que tiveram como líder Lenin, bem como os efeitos nefastos da Primeira Guerra Mundial. Em 1923 mudou-se para os Estados Unidos com a família para se afastarem das reverberações insidiosas deste momento histórico. (ALVES, 1997).

Em 1938 concluiu os estudos nas áreas de música e psicologia na Escola Superior de Haverstraw, localizada na cidade de Nova Iorque/EUA. E, em 1942 defendeu sua tese doutoral na Universidade do Michigan, após investigar, baseado na técnica sociométrica<sup>6</sup> de Jacob Levy Moreno (1889-1974), a estrutura e o desenvolvimento de um dado grupo de classe social.

Neste esteio, pôde identificar que tanto os indivíduos, quanto as classes sociais ou grupos, são estruturas interdependes que se relacionam organicamente no contexto, operando, por meio das interações recíprocas, intervenções no campo desenvolvimental de cada um. Sendo, portanto, inexequível estudá-los isoladamente ou desconectados (MONREAL *et. al.*, 2012).

Por fim, concluem as autoras a biografia de Bronfenbrenner com a seguinte passagem:

[...] En el año 1948, a la edad de 31 años, acepta una plaza de desarrollo humano, estudios familiares y psicología em la Universidad de Cornell (Universidad del Estado de Nueva York), donde permanece hasta su jubilación. [...] Finalmente, a la edad de 88 años, um 25 de septiembre del 2005, Bronfenbrenner muere como consecuencia de complicaciones derivadas de su diabetes. (MONREAL *et al.*, 2012, p. 81).

Bronfenbrenner considerava que o desenvolvimento humano poderia ser definido como o conjunto de processos que avaliam a conexão do ambiente e as particularidades do indivíduo, que, por estarem relacionados, produzem impacto no curso de vida deste indivíduo (BRONFENBRENNER, 2011).

---

<sup>6</sup> A técnica sociométrica desenvolvida pelo cientista romeno Jacob Levy Moreno, em 1934, tinha por pressuposto analisar as relações interpessoais que ocorriam dentro de um determinado agrupamento de pessoas, buscando identificar como ocorre sua organização, *status* dos integrantes, sua evolução e os relacionamentos. O objetivo dessa técnica era avaliar os padrões de interações espontâneas pelos quais as relações de afinidade, rejeição, indiferença, dentre outros, ocorriam dentro de um grupo. Para essa teoria, a avaliação desses padrões não poderia ocorrer considerando os sujeitos em suas posições individualizadas no grupo, mas, em todo contexto coletivo. (SARAVALI, 2005).

Neste sentido,

O modelo bioecológico, juntamente com seus respectivos delineamentos de pesquisa, é uma evolução do sistema teórico para o estudo científico do desenvolvimento humano ao longo do tempo. Dentro da Teoria Bioecológica, o desenvolvimento é definido como fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humano por meio das sucessivas gerações e ao longo do tempo histórico, tanto passado quanto presente (BRONFENBRENNER, 2011, p. 43).

Por meio dessa abordagem, Bronfenbrenner desenvolveu o Modelo PPCT, assim caracterizado como composto pelos elementos interconectados: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo.

Os *processos proximais* têm bastante relevância, pois compreendem a interação da pessoa com o contexto, assim como com os acessórios que dele fazem parte. “Os processos proximais são os mecanismos primários que produzem o desenvolvimento humano” (DESSEN *et al.*, 2005, p. 82).

A ênfase no processo se estabelece mais acentuadamente quando há referência ao potencial genético associado ao potencial ambiental. A natureza bidirecional é expressa no processo proximal, por meio de formas peculiares de interação entre a pessoa e o seu ambiente físico, psicológico ou social. (DESSEN *et al.*, 2005, p.83).

Tudge (2008) explica que os processos proximais, em outras palavras, dizem respeito às ações cotidianas que os indivíduos praticam e nas quais se engajam. No caso das crianças, tais considerações podem ser vislumbradas com clareza naquelas situações que envolvem, por exemplo, brincadeiras com outras crianças; ser cuidado pelos pais, entre outros aspectos.

Os processos proximais são formas duradouras de interações face a face, que se dão em bases razoavelmente regulares, por determinados períodos de tempo, e podem ser exemplificados pelas interações que ocorrem durante atividades realizadas entre pais e criança, ou entre criança e criança, em jogos e brincadeiras individuais ou em grupos, entre outros. (DESSEN; SENNA, 2014, p.86).

O próximo elemento do modelo proposto por Bronfenbrenner diz respeito à *pessoa*. Nesta categoria, o que se procura investigar são as variáveis que compõem o seu sentido. Desse modo, consideram-se as dimensões biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais. Fatores estes que vão delinear e

avaliar as individualidades da pessoa no campo social no qual está inserida (BRONFENBRENNER, 1998).

Neste quesito, sinaliza Tudge (2008) que o elemento pessoa apresenta as seguintes características:

[...] **Características de demanda** são aquelas [...] de “estímulo pessoal”; aquelas que agem como um estímulo imediato para outra pessoa, tais como idade, gênero, cor da pele, aparência física, etc. Essas características podem influenciar as interações iniciais em função das expectativas que se formam instantaneamente. **Características de recurso**, pelo contrário, não são imediatamente aparentes, embora às vezes sejam inferidas, em graus diversos, das características de demanda que são percebidas. São características parcialmente relacionadas com recursos cognitivos e emocionais (por exemplo, experiências passadas, habilidades e nível de inteligência) e também com recursos sociais e materiais (por exemplo, acesso à boa comida, moradia, cuidado parental, oportunidades educacionais apropriadas a uma determinada sociedade, etc). Finalmente, **características de força** são aquelas relacionadas às diferenças de temperamento, motivação, persistência, etc. (TUDGE, 2008, p. 4, grifo nosso).

O terceiro elemento é o *contexto*. O contexto no qual o indivíduo está inserido é percebido pela interação dos níveis ecológicos que são dispostos ao longo do ciclo de vida. Estes níveis são discriminados em microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (BRONFENBRENNER, 2011).

O microsistema compreende o padrão inicial de interações que o sujeito desenvolve cotidianamente. Refere-se ao ambiente imediato do qual esse indivíduo faz parte e está engajado em atividades. O mesossistema é a soma dos variados microsistemas que participam da vida do indivíduo e a relação entre eles. Ou seja, o local de trabalho, a família, o local onde reside, e etc., e a relação entre eles (TUDGE, 2008).

O exossistema está relacionado ao impacto que outros ambientes, os quais não estão relacionados diretamente ao âmbito de vivência da pessoa, terminam por incutir influência no seu desenvolvimento. Os fatores externos ao microsistema experienciado pela pessoa, a exemplo dos pais de uma criança que tiveram um dia estressante de trabalho, promovem variações nos aspectos relacionais e de envolvimento dos genitores para com essa criança (LERNER, 2011). A esse respeito, sinaliza Bronfenbrenner (2011) que, além do trabalho dos pais da criança, existem mais dois exossistemas de relevante impacto no

desenvolvimento da criança, quais sejam: rede de apoio social e a comunidade ao qual a família está inserida.

Por fim, continua Lerner (2011) informando que o macrosistema

[...] é o nível que engloba todos os outros da ecologia do desenvolvimento humano; este nível envolve a cultura, as macroinstituições, como o governo federal, e as políticas públicas. O macrosistema influencia a natureza das interações de todos os outros níveis da ecologia do desenvolvimento humano. (LERNER, 2011, p. 23).

A dimensão *tempo* do Modelo PPCT de Bronfenbrenner apresenta um papel crucial na Teoria Bioecológica (TUDGE, 2008). Ele se subdivide em microtempo, mesotempo e macrotempo ou cronossistema.

O microtempo refere-se à continuidade *versus* descontinuidade dentro de episódios contínuos do processo proximal. O mesotempo reporta-se à periodicidade desses episódios por amplos intervalos, como dias e semanas. Finalmente, o macrotempo focaliza nas expectativas e eventos em mudança no âmbito da ampla sociedade, tanto dentro como através das gerações, como influenciam e são influenciados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 995).

Em outras palavras, discrimina Tudge (2008) que o microtempo está relacionado com a ação que está sendo executada no momento. O mesotempo refere-se à frequência quantitativa com que essa atividade é realizada. Enquanto que o macrotempo diz respeito à suscetibilidade dos processos de desenvolvimento humano quando se toma como referência a periodicidade histórica – destacada em anos, décadas ou momentos significativos da historicidade humana.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano se amolda ao presente estudo, quando a pretensão é avaliar o envolvimento paterno no contexto da carreira militar, pois, em que pese as especificidades da carreira para o pai militar e sua família, a imposição das demandas do microsistema de atuação deste militar termina por implicar impacto na seara da família, tanto no que diz respeito à cónyuge e no que tange aos filhos. O microsistema da atuação militar influencia na dinâmica familiar.

### 3 MÉTODO

Neste capítulo serão apresentados o delineamento do estudo, o local e os participantes da investigação, o instrumento utilizado para a coleta de dados, os procedimentos e a análise de dados.

#### 3.1 DELINEAMENTO

Com o objetivo de compreender de que forma o exercício da profissão militar pode impactar no envolvimento paterno, foi realizada pesquisa qualitativa do tipo exploratório, por meio de estudo de casos múltiplos.

A pesquisa qualitativa tem o condão de perscrutar o ambiente em que os atores sociais estão subsumidos, objetivando uma melhor percepção acerca dos detalhes que lhe são inerentes. Procura, então, encontrar, com possível precisão, como os acontecimentos se revelam, sua relação e conexão, suas características e natureza (RUDIO, 1999), respondendo questões íntimas que não poderiam ser quantificadas (MINAYO, 2002).

Em se tratando de histórias que são narradas oralmente sobre fatos circunscritos à vida do participante da pesquisa, compete ao entrevistador exercer sua função considerando algumas características, sinalizadas por Portelli (1997), como essenciais para a elaboração e construção do trabalho científico. Sendo assim, o autor pontua que a ética/moral, o compromisso com a fidelidade dos fatos, responsabilidade com o próximo e a transparência no que concerne ao processo de construção da pesquisa devem orientar todo processo científico.

O perfil que molda o escopo da pesquisa qualitativa valoriza com mais contundência a trajetória processual da investigação (BOAVENTURA, 2004). Assim, a adoção da abordagem qualitativa adequa-se ao perfil exploratório da presente investigação, pois o que se pretende é o aprofundamento da temática explorada. Sendo os resultados obtidos, fruto desse processo.

Segundo Yin (2012), o estudo de casos múltiplos caracteriza-se como sendo uma investigação exaustiva e detalhada de objetos de pesquisa. Pode haver estudo de caso único ou de vários e essa modalidade de pesquisa busca

explicar, discriminar elementos que compõem o contexto fenomenológico dos objetos da pesquisa.

Trata-se de uma metodologia aplicada para avaliar ou descrever situações dinâmicas em que o elemento humano está presente. Busca-se apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado. (MARTINS, 2008, p.11).

### 3.2 LOCAL E PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada com seis homens oficiais militares. Os critérios de inclusão foram: ser pai, ter idade entre 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) anos e estar vinculado ao Comando da 6ª Região Militar. Todos os entrevistados prestam serviço em quartéis localizados na cidade de Salvador/Bahia.

O Comando da 6ª Região Militar é uma das doze regiões militares do Exército Brasileiro no território brasileiro, sendo fundada em 1923. É denominada Região Marechal Cantuária (BRASIL, 1988) e tem como sede a cidade de Salvador/Bahia, mas também exerce jurisdição no estado de Sergipe.

Seguem alguns dados sobre os participantes, com nomes fictícios, para que não sejam identificados.

**Tabela 1 – Dados sobre os participantes. Salvador/Bahia, 2019**

Nome fictício	Idade (em anos)	Escolaridade	Religião	Posto na atividade militar	Carga horária semanal de trabalho	Estado Civil	Nº de filhos
João	37	Pós-graduação	Católica	Major	40 horas	casado	2
Marcos	33	Superior completo	Católica	Capitão	40 horas	casado	1
Vinícius	36	Superior completo	Espírita	Capitão	48 horas	casado	2
Jorge	43	Superior completo	Católica	Tenente Coronel	40 horas	casado	2
André	34	Superior completo	Adventista	Capitão	40 horas	casado	3
Rafael	45	Mestrado	Espírita	Coronel	40 horas	casado	2

Fonte: elaboração do autor.



Considerando os critérios de inclusão, a idade dos participantes varia de 33 a 45 anos. Dos seis militares, quatro têm nível superior de escolaridade, um tem especialização e outro fez mestrado. Todos têm religião, sendo três católicos, dois espíritas e um adventista. Sobre o posto na atividade militar, três são capitães, um major, um tenente coronel e um coronel. Cinco apresentam carga horária semanal de trabalho de 40 horas e um deles atua por 48 horas. Todos são casados e são pais.

### 3.3 INSTRUMENTO

Para a coleta de dados foi construído o “Roteiro de entrevista envolvimento paterno no contexto da carreira militar” (APÊNDICE A), que contém questões abertas abordando: (a) dados de identificação; (b) paternidade; (c) paternidade e formação militar.

O levantamento das questões teve como alicerce os referenciais teóricos embasados na Teoria Tripartite de Lamb (2004) sobre o envolvimento paterno e na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (2011), que discute os padrões de desenvolvimento humano baseados na interação entre o sujeito o contexto bioecológico.

Nestes termos, é importante registrar que, independentemente da abordagem teórica usada na investigação, a entrevista semiestruturada<sup>7</sup> deve orientar-se pautada na organização e na abordagem minuciosa das questões contidas no roteiro (MANZINI, 2012).

Uma entrevista bem sucedida depende muito do domínio do entrevistador sobre as questões previstas no roteiro. O conhecimento ou familiaridade com o tema evitará confusões e atrapalhos por parte do entrevistador, além disso, perguntas claras favorecem respostas também claras e que respondem aos objetivos da investigação. (BONI *et al.*, 2005, p.78).

### 3.4 PROCEDIMENTOS

---

<sup>7</sup> A entrevista semiestruturada é uma técnica de pesquisa que reúne perguntas abertas e fechadas sobre determinado tema de investigação. Permite que o pesquisado possa discorrer com mais abrangência os tópicos da entrevista, ao mesmo tempo que oportuniza ao pesquisador maior quantidade de dados para serem analisados. (BONI *et al.*, 2005).

Inicialmente foi solicitada e concedida a autorização do Comando da 6ª Região Militar para a realização do estudo (Anexo A), e as entrevistas foram realizadas no 19ª Batalhão de Caçadores, Batalhão de Pirajá, Salvador/BA. Feito isso, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal (CAAE 15318819.0.0000.5628) que consta no Anexo B. Após tal aprovação, foi realizada a coleta de dados. Com base nos critérios de inclusão<sup>8</sup>, a própria instituição na qual foi realizada a pesquisa convidou militares a participarem do estudo. Para aqueles que aceitaram, foi agendado dia e horário para a realização das entrevistas, que ocorreram em uma sala designada pela unidade militar, que se caracterizava por ser privativa.

As entrevistas foram gravadas para que nenhuma informação se perdesse e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

As gravações das entrevistas foram transcritas e os dados obtidos foram analisados de forma descritiva.

No que diz respeito à análise do conteúdo, realizada com base nos dados coletados, por meio de entrevistas que utilizaram roteiro de entrevista semiestruturado, salienta Duarte (2004) que

A análise final das entrevistas consistirá em dar sentido ao conteúdo do mosaico de categorias ou indexadores no interior dos quais estarão agrupadas as unidades de significação, tendo como referência os objetivos da pesquisa e o contexto em que os depoimentos foram colhidos. (DUARTE, 2004, p.220-221).

Em outras palavras, a análise de dados tem por finalidade apreender os fenômenos observados e contrapô-los à pesquisa bibliográfica construída durante o percurso investigativo, no intuito de desencadear conclusões que comprovem ou rejeitem as hipóteses enumeradas na pesquisa científica.

---

<sup>8</sup> Os critérios de inclusão foram: ser oficial militar do sexo masculino, ser pai e ter idade entre 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) anos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os seis casos de pais militares e, logo em seguida, os resultados obtidos serão discutidos à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

### 4.1 CASO 1 – JOÃO

João tem 37 anos, seu nível de escolaridade é pós-graduação e afirma ser católico. À época da entrevista, seu posto na atividade militar era o de major. O participante é casado e reside em vila militar, juntamente com a esposa e duas filhas, uma com oito anos e a outra com três. Sua esposa é civil e trabalha como farmacêutica.

Ao ser questionado sobre a carga horária semanal de trabalho, informa:

[...] dentro da normalidade, nós trabalhamos de segunda até quinta feira, são oito horas diárias, e na sexta-feira são mais cinco horas. Então, daria 35, 36 horas semanais. Isso é a normalidade, mas a gente tem, por exemplo, o militar quando tira serviço, e isso é bem comum, ele fica 24 horas direto. Esse final de semana mesmo eu estava de serviço, trabalhei um dia só 24 horas. Se formos somar essas 24 horas com essas 36 horas vamos ter 60 horas semanais. Se você tira dois serviços na semana você chega perto de 80, 90 horas semanais, então, existe essa diferença. Mas são aproximadamente 40 horas semanais e varia a depender da situação do serviço (João).

A esse respeito, fica evidente que um dos atributos que encetam e subsumi a atividade militar é a constante disponibilidade para o serviço<sup>9</sup>, o que também é destacado por Silva (2013, p.878) ao afirmar que o militarismo é “uma profissão que demanda uma alta carga horária de trabalho e que tem como prioridade o ‘dever pela pátria’”.

Sendo assim, a própria natureza do serviço, como sendo de extrema utilidade pública, por tratar-se diretamente da defesa da soberania nacional, dentre outras peculiaridades, faz-se mister cada militar engajar dedicação e força aos ditames máximos na defesa da pátria.

---

<sup>9</sup> Art. 31, I da Lei 6880/80

“I - a dedicação e a fidelidade à Pátria, cuja honra, integridade e instituições devem ser defendidas mesmo com o sacrifício da própria vida”.

Prestando as Forças Armadas (FFAA) um importante contributo à segurança do Estado e sendo a segurança um direito constitucionalmente consagrado o qual, em conjunto com a justiça e o bem-estar social e econômico dos cidadãos, constitui um dos três fins do Estado social. (BATISTA, 2014, p.7).

A vivência da família do militar em uma Vila Militar, conforme relatado, significa uma maior apreensão dos valores insculpidos e lapidados no âmbito do Exército. Nesse âmbito, a concepção de Família Militar torna-se mais pujante, sobretudo pelo fato de a família estar convivendo diariamente com a vida militar. Facultando, inclusive, no desenvolvimento de laços de solidariedade e apoio com outras famílias dentro da Vila.

Nestes termos continua a autora,

É nas vilas, principalmente, que as esposas passam a vivenciar a idealizada “Família Militar”, que, nesse contexto, se refere ao fato de que o espaço da vila compreende famílias que compartilham os mesmos tipos de experiências, anseios e dificuldades e que acabam reconhecendo seus vizinhos (outras esposas e filhos de militares) como parentes circunstanciais, pessoas às quais se poderão procurar apoio no dia a dia. (SILVA, 2013, p.869-870).

#### **4.1.1 Paternidade**

Ao ser indagado sobre o que é ser pai, afirma que “é a continuação da vida [...] eu acho que o filho é essencial para a continuação da vida, das gerações e, de fato, é uma sensação ímpar você ter filhos”. Para ele, a característica de um pai ideal é a presença cotidiana:

Ainda mais hoje em dia acho que na nossa sociedade é a questão da presença. O pai tem que ser presente, tem que estar participando, passando os ensinamentos, porque quanto mais ausente ele é, o filho fica mais à mercê da sociedade, à mercê de pessoas que não querem o bem, por ser má influência para a criança. Hoje em dia a gente observa isso e, querendo ou não, a sociedade é uma sociedade doente, então é um trabalho árduo, mas que tem que ser diuturno e tem que ser, como eu falei, você tem que estar presente, para estar orientando a criança [sobre] qual melhor caminho e quais as ideias que ela tem que estar desenvolvendo (João).

João considera a sua experiência enquanto pai como positiva: “Eu não tenho do que reclamar, eu sou muito feliz graças a Deus, minhas filhas têm

saúde, minha família é bem construída. Minha esposa também é bem presente, então eu acho uma experiência para mim muito boa”.

No âmbito familiar é importante considerar as relações que se estabelecem (DONATI, 2011). Segundo Silva *et al.* (2007), na atualidade, há uma maior participação do pai no esteio dos cuidados e conservação familiar. Conseqüentemente, o envolvimento paterno se solidariza com bons sentimentos ante os filhos.

Sobre o envolvimento paterno, o entrevistado afirma ter um alto nível de interação com as filhas:

Eu faço questão de sempre estar presente [...] desde as atividades mais simples. Eu tenho o privilégio, por trabalhar perto de onde eu moro, [...] aqui no quartel, por exemplo, as refeições, nós temos aqui café da manhã, almoço que é cedido pela Força, só que existe essa opção de, no intervalo do almoço, quem quiser almoçar fora, deixa essa opção. Por exemplo, eu faço questão, pela proximidade, isso já há um bom tempo eu procuro até morar perto do trabalho para ir almoçar em casa. Então, todo dia eu almoço com minhas filhas, todo dia quem arruma para ir para o colégio sou eu, então, eu tenho uma proximidade grande. Questão de atividade escolar a gente procura estar auxiliando, tá junto, quando não eu, minha esposa, mas eu sempre procuro estar interagindo, observando o que é que está acontecendo com elas, não deixando, enfim, principalmente porque é uma época que não volta. A gente sabe que quando cresce, filho fica mais distante. Mas eu procuro estar com essa interação de sempre estar brincando. Para mim é prazeroso (João).

Ele afirma ser acessível às filhas, embora reconheça que a mais velha recorre mais à mãe do que a ele, enquanto a mais nova o procura bastante. Em termos de responsabilidade,

Graças a Deus eu sou privilegiado, não falta nada. Eu tenho um relacionamento muito bom, tanto com minha esposa quanto com minhas filhas. Como eu falei, eu não deixo faltar e sempre procuro estar dando o melhor para minhas filhas, mas dentro de uma educação [...] financeira de que você não pode dar tudo para as crianças, tem que ser mediante uma troca, um entendimento de que você não pode ter tudo. Porque eu acredito que, senão, você iria criar uns monstrinhos que lá na frente, na sociedade [...] que você vai ter tudo [...] que tudo é fácil. Então, eu acredito muito nisso (João).

No que tange aos fatores que favorecem o seu envolvimento com suas filhas, João, ressalta que o amor conjugal, representado no bom relacionamento com sua esposa, promove o envolvimento paterno.

Bem [...] eu acho que o bom relacionamento com minha esposa [...] o casal é o pilar tanto para o pai quanto a mãe terem esse envolvimento com o filho. Se o casal estiver bem, eu acho que já é um passo grande para os filhos ter aquele parâmetro, aquele ideal do que que é certo e do que é errado. Acho que esse é o principal fator desse envolvimento [...] desse favorecimento, desse envolvimento e [...] enfim [...] com os filhos (João).

Menezes (2016) explica que a família é constituída pelo amor dos cônjuges, como, também, pelo vínculo afetivo nutrido pelos demais integrantes entre si. Este fator, por si só, faz com que o outro almeje à promoção do desenvolvimento de seus membros, visto que o sentimento de ligação e consideração mútuos, por excelência, torna factível alcançar esta máxima. Neste caso, segundo o autor,

[...] na família, devem ser distinguidos dois tipos de relações que dão coerência ética: o amor de um cônjuge pelo outro e o amor destes para com seus filhos. A família é o local no qual o amor é essencialmente exercido com toda sua qualidade enquanto ato restaurador que capacita o homem e a mulher a responderem mutuamente às expectativas de cada um na sua individualidade. (MENEZES, 2016, p.128).

Por outro lado, o que dificulta o envolvimento do entrevistado João com as filhas são os próprios imperativos da carreira militar. A questão do afastamento do lar para cumprimento de missões, em pontos geograficamente específicos e peculiares, faz a paternidade adquirir um tom desafiador.

Por vezes até a própria profissão [...] ela requer que a gente se afaste em determinados momentos [...] então para um cidadão comum geralmente ele sai de casa seis, sete horas da manhã [...] vai chegar 17, 18 horas [...] e ele tem essa rotina muito bem acertada. E o militar por vezes, sofre um pouco com isso [...] é pego de surpresa, por um afastamento temporário [...] às vezes você não sabe quantos dias vai ficar ausente [...] então, às vezes, você sai de casa e fica 10 a 15 dias [...] e às vezes você explicar isso para uma criança é difícil. Para a esposa já é difícil [...] para a crianças... as crianças ficam perguntando quando é que papai volta [...] quando a gente sabe, a gente fala: daqui a um ou dois dias, mas não é incomum esses afastamentos temporários de três, quatro ou cinco dias. Se a gente for pegar uma amostragem, aqui do batalhão, a gente não tem um militar que não fica passando dois a três semanas [...] fique três, quatro dias fora de casa. Muita gente pergunta

quantas horas vocês trabalham, a gente responde 36 horas. Ficam comentando que é pouco, mas ficar uma semana fora é como se eu trabalhasse o mês todo (João).

A realidade profissional dos militares das Forças Armadas está cercada de sutilezas. Muitas vezes, a conciliação dos papéis de chefe de família, pai e marido, com as condições imperantes do seu *status* perante o Exército, auxilia o desenvolvimento de conflitos no campo familiar (CAMPANIÇO, 2015), pois, muitas horas investidas no campo do trabalho, conseqüentemente, subtraem a disponibilidade desse sujeito ante suas obrigações familiares. (GREENHAUS; BEUTELL, 1985).

Neste sentido, o choque existente entre o atendimento das valências profissionais e familiares cria o ambiente dúbio e com aspectos mormente diversos entre si. Portanto, em virtude das diferenças entre ambos os contextos bioecológicos, cabe ao profissional, sobretudo no século XXI, ter flexibilidade (EATON, 2003).

#### **4.1.2 Paternidade e formação militar**

Ao ser questionado se, em sua perspectiva, haveria algum impacto da formação militar em suas características pessoais, João respondeu afirmativamente:

Ah com certeza. Porque a questão disciplinar ela é muito desenvolvida dentro da formação militar [...] isso acaba gerando um reflexo na sua personalidade que você vai levar também para dentro de casa para seus filhos. Eu já tenho a geração [...] meu pai também é militar e, desde criança, hoje sou militar e passo para as minhas filhas e querendo ou não você tem principalmente a parte de disciplina. Então é disciplina com tudo, disciplina intelectual, disciplina com horário, de fazer o que é certo, de explicar os impactos do que é fazer errado [...] acho que é nesse sentido (João).

Por sua vez, ao ser indagado se, em sua opinião, haveria algum impacto da formação militar no exercício de sua paternidade, o participante considera que isso é inevitável. Foi possível também identificar, no discurso do participante, os impactos decorrentes da carreira militar ao endossar, veementemente, os valores militares, sendo eles, a disciplina, hierarquia e justiça.

Querendo ou não é inevitável [...] Minha esposa até acha estranho [...] eu até brinco com ela: aqui (em casa) é que nem quartel [...] eu exijo, eu falo que é para fazer desse jeito [...] não estou dando opção [...] é para fazer assim. Aí minha esposa fala: “aqui você não manda não” (risos), mas é assim [...] a gente leva para dentro de casa, mas tem que ter a justa medida de como tratar as crianças para não ser tão rigoroso, para elas terem o entendimento do que é certo e do que é errado e ter as punições. Eu acho que na vida isso falta no país [...] temos que ter métodos coercitivos [...] essa aplicabilidade desses métodos... ter punição. Não pode você dar uma ordem para arrumar o quarto, a criança não arrumar e ficar por isso mesmo e você no dia seguinte dar um presente. Eu acho que você não está fazendo um papel correto [...] para educar. Eu sei, é ruim, mas às vezes você tem que deixar de castigo, não vai brincar, ou você vai deixar de dar uma mesada, um presente num determinado momento, para a criança entender por onde ter aquele mérito [...] ser merecedora daquele item, enfim, do anseio dela (João).

No que tange às relações sociais que são criadas no meio militar e sua interferência na rotina da família, o participante relata ser este também um fator irreduzível na carreira militar.

Assim [...] é inevitável [...] nós temos um aspecto que é bem negativo para os filhos é a questão das transferências [...] então o militar, principalmente o de carreira, ele é transferido, por vezes, de dois em dois anos, de três em três anos. Então, para os filhos impacta bastante porque a criança ela é acostumada, ela estuda dois anos no colégio [...] Eu digo isso porque está acontecendo comigo agora [...] eu já tinha morado aqui em Salvador/BA cinco anos, depois eu fiquei mais dois anos e já estou movimentado para Belém/PA, estou indo para lá mês que vem [...] aliás [...] daqui a dois meses. Então a minha filha, a maior já está falando da escola, dos amigos [...] e ela tem amigo espalhado pelo Brasil todo, porque, hoje eu estou em Salvador, antes estava na fronteira do Brasil, no Amazonas, depois São Luís/MA, depois Rio de Janeiro/RJ, já morei em Brasília/DF e aí vai (risos). Então, querendo ou não a criança deixa amigos, e por vezes nunca mais os verá ou então vai encontrar cinco, seis, sete anos para frente. O impacto social das transferências ele é negativo, mas é inevitável, tem que haver uma adaptação. A criança chega em um lugar, não conhece ninguém, muitas vezes nos primeiros meses é muito traumático para a criança. Para ela se inserir no grupo é mais difícil, mas claro que depois de um tempo a criança se adapta e passa a ter seus melhores amigos novamente, mas é um impacto social que a carreira impõe à família (João).

Os constantes deslocamentos e os consequentes encontros e desencontros, por si só impõem ao militar e sua família abrangência no seu campo de relacionamentos interpessoais (SILVA, 2013). O militar, diante dos



desígnios da profissão, conglomerada no campo social, ao qual está inserido, muitos contatos.

Nesse ínterim, a comunhão de interesses partidários de uma mesma causa, visto que o Exército, como as duas outras Forças, são instituições que canalizam e centralizam a vida dos que lhe são subordinados, o ciclo de viver ao redor de um grupo, todos simpatizantes e solícitos nas mazelas e benesses da Instituição, conforme visto anteriormente, desenvolve um acintoso espírito de corpo, conjurando, portanto, a famigerada Família Militar.

Ao desbravar a referida temática, o discurso do participante João é, indubitavelmente, a favor da vantagem de se pertencer à Família Militar. Nesse aspecto, registra a Família Militar como sendo um círculo de apoio e solidariedade, sobretudo nos momentos de dificuldades, transferências, expressando, nestes termos, o sentimento de camaradagem pujante no grupo.

[...] o que é bastante peculiar é que todo lugar que a gente vai você acaba que conhece alguém. Por exemplo, eu estou indo para Belém/PA. Tem um camarada que serviu comigo há dois anos atrás na fronteira, outro que serviu comigo aqui em Salvador, tem outro camarada que serviu comigo há 10 anos e está lá, aí já está olhando apartamento: “olhe, quando você chegar você pode ficar aqui em casa”, então, é assim a Família Militar é unida porque ela sabe das dificuldades. Você sair de uma cidade e ir para outra que não conhece, isso é bem difícil, mas é claro, a internet ajuda, você pesquisa, mas assim, você não mora lá [...] nunca pisou, não sabe do clima [...] se é muito frio, muito quente, mas a Família Militar ela ameniza um pouco essa questão dessas mudanças frequentes que a gente tem. O temporário é fixo em um lugar, mas o militar de carreira, a própria profissão impõe isso, ele não consegue ficar muito tempo em um local. Até que ele consegue, algumas vezes, eu por exemplo, fiquei em Salvador/BA 5 anos, máximo que consegui, mas por vezes, ou por opção dele ou da Força, ele tem esse remanejamento para “re-completamento” em outros locais, por fases da carreira [...] é natural (João).

#### 4.2 CASO 2 – MARCOS

O participante tem 33 anos e seu nível de escolaridade é superior completo. Seu posto na atividade militar, ao tempo da coleta de sua entrevista, era de Capitão. Considera-se católico. É casado e reside em vila militar, juntamente com a esposa e o filho de quatro anos. Sua esposa é civil e trabalha de forma autônoma em casa, realizando serviços de fotografia.

Sobre a carga horária de trabalho, informou ser de aproximadamente 40 horas semanais, todavia, é incólume ao pontuar, assim como no caso de João, ser o serviço militar uma função que exige disponibilidade máxima do militar, pois, “a gente tem hora para chegar, mas não tem hora para sair” (Marcos).

#### **4.2.1 Paternidade**

Ao ser indagado sobre o ato de ser pai, explica que “ser pai é um dos momentos que você mais espera na vida, digo, para a vida do homem casado, que tem uma família estruturada. E para nós é um sonho passar aquilo do que você aprendeu para uma pessoa do seu sangue, seu filho”. Outrossim, para Marcos, a característica primordial do pai ideal é ser presente na vida do filho.

Pai ideal é aquele pai presente que pode estar sempre ali com o filho, ajudando no que der e vier. Sempre no que ele precisar ali e sempre estar transmitindo amor ali para ele isso eu acho que é o pai ideal (Marcos).

Marcos afirma ser sua experiência enquanto pai muito boa, registrando que, em conjunto com sua esposa, promove a criação do filho, tendo em vista ele ter sido motivo de planejamento prévio e, portanto, para ambos os pais, tanto nos momentos de felicidade, tristeza ou dificuldade, é uma satisfação criar um ser fruto da concepção discernida de ambos.

Minha experiência é muito boa e a gente, a partir dali, teve o filho, que foi planejado, vamos dizer assim [...] a gente queria e parou o remédio e, depois de dois meses, minha esposa soube que estava grávida [...] E a partir de então a gente sempre foi em função do nosso filho que ia nascer e que futuramente seria nossa criação. A gente iria criar nosso filho e foi desde o começo eu sempre junto com ela, até no momento de gravidez. Ela quando acordava de madrugada dizia “acorda que o filho também é teu” (risos). [...] por mais cansado que a gente chegasse do serviço, a gente sempre estava lá. É uma experiência muito boa. Tem os momentos difíceis e os momentos fáceis, momentos alegres e de tristeza, eu tento estar sempre ali com o nosso filho (Marcos).

Segundo Menezes (2016), o grande desafio da família hodierna é coordenar os interesses individuais e conjugais, para que essa interrelação venha favorecer o desenvolvimento da afetividade representado pelo amor entre os cônjuges e deste para com seus filhos.

Por sua vez, Cramer e Palacio-Espasa (1993) explicam que a chegada do primeiro filho na vida do casal promove uma série de transformações na conjuntura da vida familiar, pois, tal fator, implicará nos pais a adoção de medidas no que tange ao compartilhamento emocional para com este filho e, também, como forma de organizar o seio familiar.

O panorama da família, ao longo dos últimos anos, consigna a família como estando em constante evolução (ROUDINESCO, 2003). Aliado a este fator, diga-se de passagem, a interferência ideológica do capitalismo (ARAUJO, 2011). Portanto, mesmo com essas condicionantes, é possível verificar que o esteio da paternidade contemporânea se justifica no maior interesse do sujeito pai na interlocução dos cuidados do filho (LAMB, 1992). Ou seja, continua o autor, consigna-se para o pai funções até então exclusivas da maternidade.

Sobre o envolvimento paterno, Marcos confirma ser um pai bastante presente na vida do filho. Aproveitando os momentos livres, após o expediente militar, para desenvolver o máximo de brincadeiras e interação com o filho. Afirma, também, ser esta posição compartilhada unanimemente com a mãe.

Minha esposa fala que o pai é a parte da brincadeira (risos). A brincadeira é comigo, ela fala, porque lá em casa a gente também tem um peixe e um cachorro, aí a gente é só brincadeira (risos). E ela sempre fala que o filho da gente só se machuca comigo (risos). Quando eu chego a gente vai brincar, vai fazer as coisas, assim, a gente passa muito tempo no quartel e quando eu chego em casa eu deixo tudo. O quartel fica no quartel e eu chego para vestir a carapuça de pai (risos) e a interação com o meu filho é muito boa. Eu vou todo dia almoçar em casa, faço questão, para ele ter justamente essa noção de estar sempre junto, almoçar junto, sentar à mesa, estar ali e ele, às vezes, quando estou atrasado e tenho que comer rápido, ele reclama (risos): “papai, cadê minha comida?” As brincadeiras eu creio que estou sempre ali [...] a gente está sempre brincando [...] sempre inventando coisas novas (Marcos).

A concepção de envolvimento paterno é explicada pela teoria tripartite formulada por Lamb (1992), que considera o envolvimento paterno mensurado pelos aspectos da interação, acessibilidade e responsabilidade.

Ao ser indagado sobre os referidos requisitos, o participante relatou que, no aspecto da interação, o seu envolvimento com o filho é muito bom e intenso, pois desenvolve com ele muitas atividades lúdicas e de contato. Procura

sempre apresentar-se acessível ao filho e manter um nível de responsabilidade à altura de suas necessidades e da família.

Aí vamos até a segunda parte, que é sobre acessibilidade. Aí é o que eu falei para ti [...] quando eu chego em casa [...] quando eu estou em casa, é praticamente o tempo todo com ele. A gente, até eu e minha esposa a gente fala: vamos dar o máximo da gente para ele, porque assim ele vai ver que a gente está ajudando e ele também está ajudando a gente a ser. Para ele falar o que é que ele precisa, o que é que ele está sentindo ali no momento, o que ele quer fazer. Também o tempo da gente [...] o meu e o da minha esposa. Às vezes a gente tenta falar para ele: “olhe, você fica aí jogando seu joguinho e a gente vai assistir nossa televisão, nosso filme”. Aí depois quando passa o tempo, nós voltamos a atenção para ele, aí eu o pego para brincar no quintal, lá no parquinho, eu faço de tudo um jeito para a gente estar dando sempre atenção.

[...]

A gente quando está assistindo, aí sempre vem aquelas propagandas de brinquedos, aí a gente sempre fala: “não, meu filho, a gente vai ver o que a gente puder. Pode ser que a gente compre, tem que ver se temos dinheiro” e aquele negócio [...] para você ganhar alguma coisa, você tem que fazer coisas em casa, você tem que guardar seus brinquedos, tem que fazer sua tarefinha, não pode reclamar muito, não pode fazer malcriação com ninguém. A gente incuti isso na cabeça dele (Marcos).

Percebe-se, nos discursos do participante, que, dentro do campo analítico da Responsabilidade, existe a presença marcante da ideologia de que se deve trabalhar, fazer o que deve ser feito, para, então, poder usufruir dos frutos positivos desta ação.

A concepção ora visualizada remete ao estudo do conceito de dádiva elaborado por Marcel Mauss (ENGELMANN, 2016), ao trazer a noção do “dar, receber, retribuir”. No campo das relações familiares, o substrato da convivência familiar se subsumi aos constantes atos de retribuição e dádiva inseridos entre seus integrantes.

Tal aspecto é apreendido pelos entes observando-se a escala evolutiva e transgeracional da família. A reciprocidade na família é um dom (DONATI, 2006). E o referido aprendido é transmitido por meio das trocas de experiências entre os membros. Portanto, ao verificar, na fala de Marcos, que o filho tem que contribuir para poder ser recompensado, significa, antes de mais nada, promover o vínculo familiar e atuar na disciplina do filho.

Diferente da ótica mercantil, cujo vínculo se esgota no ato do pagamento da mercadoria, as trocas dadas articulam o sentido de que mais importante que o objeto doado ou retribuído é o vínculo criado nesta relação, prolongando-se no tempo e unido às pessoas. (ENGELMANN, 2016, p.61).

Em seguida, acerca dos fatores que favorecem o envolvimento paterno, o participante respondeu que evita passar para o filho as preocupações cotidianas da vida em sociedade. Assim, quando chega em casa, após o expediente no quartel, é para dedicar-se exclusivamente ao filho.

Eu acho que é esse fato... quando estou chegando em casa e deixando de lado essa parte de preocupação, para não estar passando essas preocupações para ele e, também estar sempre querendo brincar com ele; interagir mesmo. Essa parte de reclamar, falar que tem contas para pagar, a gente evita falar quando ele está perto. Quando ele está dormindo a gente conversa sobre assuntos de adultos, propriamente ditos (Marcos).

E, não obstante, o que desfavorece o envolvimento paterno, na concepção do participante, são os próprios ditames da profissão. Pois, a depender das circunstâncias momentâneas, condiciona o militar a manter-se mais tempo no quartel.

Eu não vejo que a gente tenha dificuldade, só mais assim em relação ao trabalho. Trabalhar final de semana. A gente planeja uma coisa aí surge um imprevisto e eu tenho que estar aqui. Por exemplo, as missões que aparecem inopinadamente que a gente tem que estar aqui no final de semana [...] a gente passa noites aqui [...] acampamentos, por exemplo. Eu tenho que ficar direto aqui dentro [...] não posso ir para casa, isso aí dificulta o acesso com o filho, aí tem uma certa dificuldade [...] o tempo que a gente passa longe ele fica perguntando à minha esposa por mim (Marcos).

Segundo Silva (2013), ser militar do Exército é “uma profissão que demanda uma alta carga horária de trabalho e que tem como prioridade o ‘dever pela pátria’, elemento externo e envolvente da casa”. Portanto, redundando no espectro da disponibilidade *in totum*.

#### **4.2.2 Paternidade e Formação Militar**

Ao ser inquirido se a formação militar processou algum impacto em suas características pessoais, o participante respondeu afirmativamente. Ressaltou os aspectos da hierarquia e disciplina. Fator que também reverberou na sua

forma de agir perante a sociedade, bem como em sua relação com outras pessoas.

Ao seu turno, no que se refere à questão da formação militar e à repercussão de impacto na sua paternidade, o participante asseverou positivamente, principalmente ao se referir às atividades físicas desenvolvidas no âmbito das Forças Armadas. Pontuando que, durante as brincadeiras com o filho, às costuma aplicar.

Essa parte do físico, eu gosto muito da parte física. Eu levo às vezes isso muito para casa. Minha esposa fica meio preocupada: “ei, você não está no quartel não”, aí eu o pego, fico inventando umas brincadeiras estilo aqui no batalhão, modificado, lógico (risos). Mas, tem impacto sim, a formação militar (Marcos).

Inclusive, a esse respeito, o participante relata que procura envolver o filho no seu cotidiano profissional, sobretudo nos momentos em que existem ações militares típicas, em que, por exemplo, o participante precisa “entrar em forma”. Ao seu modo, a inclusão de seu filho proporciona que ele participe dos dinamismos da vivência militar.

Neste aspecto, Adão (2010) explica que, no contexto da família militar, a participação da família do militar em eventos cívicos promovidos pelo Exército tem por finalidade auxiliar no engajamento da família deste militar ao contexto da realidade militar. Estas ações, portanto, são tidas como de relevante importância no âmbito do Exército, como das outras Forças.

O incentivo institucional é condição para que a preeminência da coletividade, o espírito de união e a camaradagem se estendam para além das fronteiras profissionais da caserna e se mantenham nas demais dimensões da vida. (CHINELLI, 2018, p.80).

Nesse diapasão, registra o participante,

Isso aí interfere bastante, sempre quando tem atividades, eu tento trazer tanto minha esposa quanto meu filho para ele ver o que realmente acontece. Eu não gosto de levar nada para casa, a parte militar, mas essa parte quando tem para relacionar o batalhão com a Família Militar, quando tem esses jantares minha esposa faz questão de participar. Aí teve o dia das crianças, meu filho gostou muito, teve a caminhada por conta do centenário, ele veio e gostou (Marcos).

A Família Militar, segundo observa Marcos, desempenhou um importante auxílio em sua vida, principalmente nos momentos em que houve transferências e também na gravidez da esposa.

O vínculo que a gente tem com a Família Militar é muito grande. A gente fala que os amigos que a gente tem são os irmãos, porque sem eles, se a gente ficasse no nosso mundo, só eu e ela, a gente não seria o que somos hoje. A ajuda é muito grande, é a família da gente, eu mesmo sou filho de militar, já morei em vários lugares, então a gente contava com eles ajudando (Marcos).

Por tais razões, referenda Chinelli (2018) que,

Dado o escasso contato com as famílias de origem, é muito comum que oficiais, esposas e filhos se voltem para seus pares, as demais famílias que residem nas vilas e prédios militares. O sentimento de união e solidariedade é justificado muitas vezes pelo fato de todos ali estarem em contato frequente e compartilham as mesmas dificuldades de adaptação. (CHINELLI, 2018, p.77).

#### 4.3 CASO 3 – VINÍCIUS

Vinícius tem 36 anos, é casado, seu nível de escolaridade é superior completo. Tem como seguimento religioso a prática do Espiritismo. Sua patente na organização militar é Capitão. É pai de um casal de filhos, reside na Vila Militar juntamente com eles, a esposa e a mãe. Alega possuir uma rotina de trabalho de 48 horas semanais.

##### 4.3.1 Paternidade

Questionado sobre o que é ser pai, explicou que a figura paterna deve ser participativa na vida e formação do filho, independentemente da condição conjugal entre o homem e a mulher, seja divorciado ou casado. Asseverou, ademais, que é importante contribuir na transmissão de valores para o filho. Nesta senda, resume a noção de pai ideal com sendo aquele que é presente na vida do filho.

A fala do participante revela a contemporaneidade que traduz a concepção evolutiva do papel paternal. O pai contemporâneo, neste formato,

pressupõe a presença, a participação ativa na vida do filho. Esta noção é assim apresentada por Mazzo *et al.* (2020), na seguinte passagem,

[...] na atualidade o papel de pai está em processo de transformação, ampliando suas funções, em movimento de aproximação e envolvimento, buscando uma relação mais afetiva e significativa com seu filho [...] esse maior envolvimento e vinculação afetiva entre pais e filhos certamente contribui para o desenvolvimento de relações mais genuínas, com trocas afetivas mais intensas e sólidas e, portanto, com uma existência mais saudável para pais e filhos. (MAZZO *et al.*, 2020, p. 36).

Quando questionado sobre sua experiência enquanto pai, Vinícius respondeu “Para mim é boa, até porque eu tenho um envolvimento um pouco maior com o menino porque ele é especial e, ele faz tratamento fora. Ele requer bastante atenção”.

E o seu envolvimento paterno, analisado sob o viés da abordagem de Lamb (1992), em que se investiga a interação, acessibilidade e responsabilidade, o participante explicou que, no campo da interação, mostra-se ativo no que concerne às atividades de levar para a escola, brincadeiras e cuidados em virtude de o filho mais velho, com 12 anos, ser pessoa com deficiência.

Relata que seu envolvimento com este filho é mais intenso, pois ele exige mais cuidados do que a filha de cinco anos. Mas, em que pese chegar à noite em casa, não dispensa o contato com a família. Em termos de acessibilidade, recorda que o ambiente doméstico de sua residência é acolhedor às demandas dos filhos.

Sua esposa é civil e tem formação na área de Enfermagem, todavia, conforme relata, o único provedor da casa é ele. Assim, no que atine ao constructo da Responsabilidade, afirma:

Lá em casa, por enquanto, só quem provê os recursos sou eu [...] minha esposa está até fazendo um trabalho semelhante ao seu, só que na área de Enfermagem [...] só que ela não está trabalhando no momento, então [...] está voltada para as crianças. Não vamos dizer que sou rico porque sou oficial, [...] nada disso, até porque o menino tem um gasto maior, mas é assim, não é aquele tipo de criança que “pai, eu quero tal coisa”, “quero agora” [...] não é aquela questão de ser mimado, mas eu tenho condições de arcar com lazer, educação, alimentação, tranquilamente, tudo o que eu não ofereço, não é por questão de disponibilidade, é por questão de educação, dosagem para não ficar mimado (Vinícius).



Segundo Pinto (2018), é possível verificar que prevalece nas famílias militares a concepção pautada em um modelo de família nuclear, com mesclas do patriarcalismo, na qual as mulheres estão estruturadas ao redor da profissão do marido militar e subjugadas, *a priori*, às peculiaridades da função profissional destes. Responsabilizando-se, outrossim, pela harmonia doméstica e criação dos filhos.

O participante, prosseguindo na entrevista, quando perguntado sobre quais fatores favoreciam o seu envolvimento paterno para com os filhos, respondeu que o fato de gostarem das mesmas atividades auxiliou nesse resultado satisfatório. Pois, quando era criança, praticava as mesmas atividades que os filhos, como brincar com os animais domésticos, jogar bola, bonecos, dentre outros.

De outro lado, o que desfavorece seu envolvimento paterno, esclarece ser a intensidade do trabalho desenvolvido no Exército. Que, algumas vezes, o faz extrapolar o horário habitual de regressar à sua residência e se relacionar com os filhos. Pois, como os filhos têm horário para dormir, conseqüentemente, quando isso acontece, perde a oportunidade de convivência com eles naquele dia.

#### **4.3.2 Paternidade e Formação Militar**

Ao ser interpelado se havia algum impacto da formação militar em suas características pessoais, o participante declarou ser inevitável.

Essa pergunta é interessante porque eu sou neto e filho de militar [...] lógico que interfere muito [...] tanto eu como meu filho, estudamos em colégio militar e já tem essa educação já diferente de alguns outros locais, não vou falar público ou particular porque faz muito tempo que não me envolvo com esse tipo de educação, somente as das crianças. Mas aqui a gente cultua bastante os valores, e o pai passa a incutir isso nas crianças, coisa que algumas outras profissões talvez não tenham tanto que nem aqui. E outro aspecto [...] já é a segunda vez que a gente mora na Vila Militar, que é dentro do quartel, então, as crianças começam a ver [...] tal coisa é certa, tal coisa é errada, organização, limpeza e aí elas começam a ver que é diferente do que a gente vê aí fora quando sai da Vila (Vinícius).

Pelo que foi relatado pelo participante, o impacto da família no que tange às escolhas de vida dos indivíduos é marcante no campo militar. A delegação das heranças adquiridas e vividas pelos integrantes pertencentes a outra geração e o exemplo referencial para os descendentes contribuem para a formação da identidade destes membros (MOLINA; DIAS, 2012).

Neste sentir, argumentam as autoras que:

Na família militar, o pai, na maioria das vezes, mantém-se como disciplinador, alimenta suas fantasias narcísicas ao desejar que o filho o siga na escolha da profissão, assim como repassa o compromisso de ter um membro da família oficial combatente na próxima geração, representado, simbolicamente, pelo ritual de entrega da espada de oficial do exército para o filho, que, muitas vezes, mantém o mesmo "nome de guerra" (nome que oficializa a identidade do militar nas organizações e que fica impresso acima do bolso direito do uniforme que ele utiliza) do pai. (MOLINA; DIAS, 2012).

Kron (2000) aponta que a escolha de uma profissão é influenciada por elementos intergeracionais inculcados no âmbito dos rituais familiares e por meio dos mitos que cada família carrega consigo. Segundo a autora, os mitos têm relação com a homeostase familiar.

A lógica da homeostase familiar no campo dos sistemas familiares tem como pressuposto considerar a família com sendo algo estável, embora seja suscetível aos dinamismos do contexto. Neste aspecto, eventuais acontecimentos que abalroam o "equilíbrio" da família, como, por exemplo: morte, doença, eventos internos, dentre outros, impactam o processo da homeostase familiar (BOUSSO, 2008). Isso se verifica no caso das famílias que têm a tradição geracional de possuir integrantes fazendo parte dos quadros das Forças Armadas. Agir de outra forma seria infligir impacto em sua estrutura previamente estabelecida. Pois, segundo Glat (2003), as relações que ocorrem no núcleo familiar não só dependem das características pessoais dos seus integrantes, mas também dos papéis que são exercidos por eles no âmbito da unidade doméstica.

O participante registra que a sua formação militar impactou na sua paternidade. Os ditames oriundos da vida militar e o fato de descender de militares auxiliaram na transmissão de valores. Contudo, visualiza como

impacto negativo da carreira militar, em sua paternidade, ficar muito tempo afastado de casa participando das missões.

Quando interpelado sobre se as relações sociais decorrentes da carreira militar interferem na rotina da família, respondeu negando qualquer tipo de interferência. No entanto, registra que a Família Militar e o espaço institucional do Exército promovem apoio e assessoria nas dificuldades. Para tanto, cita como exemplo a questão das transferências, às quais, nessas circunstâncias, o Exército disponibiliza material e pessoal para auxiliar aqueles militares em trânsito. Assim, há a designação de um “padrinho”, que servirá para recepcionar o militar forasteiro, bem como, dirigir-lhe os primeiros passos na terra desconhecida.

#### 4.4 CASO 4 – JORGE

O participante Jorge é Tenente Coronel no Exército, tem 43 anos, é católico, casado, pai de dois filhos com respectivamente 17 e 14 anos. Seu nível de escolaridade é superior completo. Reside em condomínio privado, que não é militar. Sua carga horária de trabalho desempenhada no âmbito do Exército supera as 40 horas semanais, conforme esclarece. Sua esposa é civil e é formada em Serviço Social, todavia não exerce profissionalmente tal função.

##### 4.4.1 Paternidade

Quando indagado sobre o que é ser pai, respondeu que a paternidade significa responsabilidade. Pois, compreende que o ser humano que foi concebido pela união matrimonial entre o homem e a mulher, não participou do processo de escolher querer vir ao mundo. Nesse sentido, esclarece que, em sua concepção, o pai ideal é aquele que conglomera o espírito da justiça, ou seja, punir quem deve ser punido e recompensar quem age corretamente.

Por tais razões, rememora sua experiência paterna expondo ser muito boa.

Eu considero maravilhosa. Eu acredito que é um aprendizado para a vida e para o ser humano. Inicialmente a gente tem um

receio quando falam que vamos ser pai, mas, ao longo dessa jornada, a resposta que vou ter que te dar é: maravilhosa (Jorge).

Em seguida, ao se analisar o exercício da paternidade do participante sob enfoque da teoria de Lamb (1992), que analisa o envolvimento paterno ao discriminar o padrão de interação para com os filhos, quanto à acessibilidade e responsabilidade, Jorge explicou que, em termos de interação:

No dia a dia eu passo o dia trabalhando, finalzinho da tarde para a noite eu chego [...] eu quero estar junto [...] eu quero saber como é que foi o dia [...] eu quero saber o que é que aprendeu [...] eu quero saber o que é que teve no colégio, quais são as atividades. Minha rotina é essa. Não abro mão do “bom dia pai, bom dia mãe”, “como é que foi o seu dia?” Isso aí eu não abro mão, é uma coisa que eu cobro, então se ele não me pergunta, eu faço a cobrança em cima, porque é assim, é uma coisa que eu acho que gera um vínculo, a questão da interação, brincadeira, a questão da participação de atividades em família. Gosto de ir ao cinema, gosto de ir ao cinema com a família, não só, ou eu e a esposa. Eu gosto de ir com a família. Como a gente fala “o tijolo completo” (risos). A equipe completa (Jorge).

Pelo relato do participante é possível identificar que a paternidade não está restrita unicamente às funções de sustentáculo financeiro. O pai emergente (DESSEN; LEWIS, 1998), nestes termos, assume completa gerência dos aspectos que não só redundam no sustento material dos filhos, mas, sobretudo, no envolvimento emocional e físico.

O pai contemporâneo está em transição (GOMES *et al.*, 2013) e, pelo relato do participante no que diz respeito ao componente da interação, é possível vislumbrar todos os requisitos que caracterizam esta ação.

No campo da acessibilidade, Jorge respondeu que se mostra bastante disponível aos filhos. Interessa-se pelo cotidiano deles e sempre busca ter contato e conhecimento dos eventos que sucedem na vida dos filhos. Tanto o pai, como a mãe, segundo observa, têm o dever de orientar o filho, colocar-se disponível para conhecer suas necessidades, pois, continua Jorge, os filhos adolescentes que possui são seres em formação e que ainda não alcançaram a autossuficiência. Portanto, precisam de baliza e direção.

Por fim, quando se chega à análise da responsabilidade, o participante resume o teor deste componente com a palavra “planejamento”. Assim explica:

Eu acredito que lá em casa não tenham o que reclamar (risos). Então assim, questão de família é uma coisa que trabalho e, eu digo que sou metódico nesse ponto, é sobre planejamento. Parece conversa de administrador público, mas eu planejo para amanhã, para o final do ano e para daqui a 10 anos. Então é assim que eu funciono, eu não consigo, por exemplo, comprar nada sem que haja um planejamento. Minha esposa diz que eu compro o carro pelas rodas (risos), mas não é porque eu me adianto não, um ano ou dois eu começo a pesquisa. Onde é que quero chegar nisso aí, por exemplo, coisas de pai mesmo: qual colégio vou querer, aí eu pesquiso sobre o colégio, o que é que eu quero daquele colégio, o que ele pode me ofertar, aquele bairro, aquele local. Eu teria condições de pagar o melhor aluguel, o melhor apartamento, a melhor moradia, mas o lugar não apresenta o que eu quero, então, convivência com outras pessoas, acesso, então é assim. Minha vida, de certa forma, ela é planejada, não vai acontecendo e, nesse planejamento, pedra fundamental é a família, então é nesse ritmo de vida que eu sigo (Jorge).

Neste ponto, interessante destacar que, além de Lamb (2004), outros autores se dedicaram à investigação científica da paternidade, elaborando propostas que corroboram com os estudos sobre a paternidade, mormente no campo do envolvimento. Sendo assim, é possível aplicar, neste quesito respondido pelo participante, as missivas ponderadas por Palkovitz (1997), que, ao analisar o constructo da paternidade, estabeleceu 15 formas de se aferir o envolvimento paterno. E nesta senda, dentre elas, destaca-se o planejamento, conforme citado pelo participante.

Sobre os fatores que favorecem o envolvimento paterno do participante, informou que é o fato de priorizar a família, em todos os sentidos e necessidades. Completa: “O que favorece o envolvimento é estar bem com a família” (Jorge).

Inobstante, explica que o que dificulta o seu envolvimento paterno é a falta de rotina no campo profissional. As horas dedicadas ao trabalho impactam no seu convívio familiar.

A falta de uma rotina diária. Porque é que eu falo da falta de uma rotina? Devido a profissão a gente tem uma disponibilidade permanente, então digamos, hoje eu sei que vou para casa, amanhã eu posso ser acionado e para onde? Não sei! Posso ser acionado para outra cidade, então, assim, eu tenho as atividades funcionais, mas eu não tenho a certeza, digamos, eu sei que vou sair todo dia, as horas que vou retornar [...] isso aí é inerente à profissão! Família de militar as pessoas se acostumam, as pessoas passam a entender que é necessário, o militar tem essa peculiaridade, o médico tem a

peculiaridade dele, o engenheiro tem a dele. Então, assim, cada uma tem suas facilidades, suas bondades! (Jorge).

#### 4.4.2 Paternidade e Formação Militar

O participante, ao ser inquirido se havia algum impacto da formação militar em suas características pessoais, convictamente e sem titubear, respondeu afirmativamente.

Completamente. Então assim, é outra realidade cultural, a gente vem com aqueles costumes de casa, quando a gente passa em um concurso público para a carreira militar, você carrega consigo a história de sua família, sua cultura, seus costumes e o exercício da profissão militar tem seus costumes, suas crenças, seus valores, então você tem que se amoldar a essa cultura, a essa crença e a esses valores. Por que isso? A instituição está aqui há mais de 300 anos e a gente vai passando, a gente vai construindo, vai edificando, mas é assim, é a gente que vai aderindo a essa cultura. Se a gente parar para pensar direitinho, passo mais tempo aqui do que na minha casa, então, chego por volta das 6h da manhã, na teoria saio por volta da 17h30/18h da tarde [...] isso fora as outras atribuições, ou seja, passo mais tempo aqui do que em casa. E questão da formação, a gente entra jovem, aí a gente recebe aquela carga de informação, a gente tem que atender determinados padrões e, a gente se amolda. Aquilo ali se amolda, vai formando o caráter, ajustando culturalmente. A gente vai tendo conhecimento e contato com outros valores (Jorge).

A fala do participante corrobora com os excertos da revisão de literatura sobre o tema militar. O conteúdo trazido pelo participante revela a natureza totalizante da instituição militar. Espaço formado para amoldar o perfil físico, lógico e emocional dos que a ela se subordinam, unificando padrões comportamentais pautados em valores e regras de conduta previamente estabelecidos.

Em todo mundo, as organizações militares caracterizam-se por uma estrutura marcadamente hierarquizada, em que valores como a honra, a lealdade, a coragem física e moral, a obediência, a camaradagem, o espírito de serviço público, o cumprimento da missão e o espírito de sacrifício correspondem aos alicerces da formação de qualquer militar, aliados aos códigos de honra específicos e aos regimes disciplinares e judiciais próprios, mais exigentes do que os impostos à população em geral. (SANTOS, 2012 *apud* CAMPANIÇO, 2014, p.1).

Ao ser questionado sobre se havia impacto da formação militar no exercício de sua paternidade, respondeu anuindo, sobressaltando, como principal motivo, a proeminência das horas expendidas no quartel. A lógica da disponibilidade máxima em prol da pátria sobrepuja o seu laço com a família, acarretando em um menor tempo disponível aos filhos.

Tem. Porque assim, se a gente pegar o gancho com aquelas três ideias lá em cima: interação, acessibilidade e responsabilidade. Nem sempre eu consigo interagir, nem sempre eu consigo estar acessível, nem sempre eu consigo ter a disponibilidade. Então é assim, devido à característica da profissão militar eu já tive que me ausentar por mais de ano [...] se tem impacto, é claro que sim [...] o garoto está novo, o adolescente está jovem, eu gostaria de estar perto, gostaria, mas não tinha condições. Então tem impacto. Meu foco é estar junto da família, então é coisa que a gente vai superando (Jorge).

À vista disso, o participante relata que usa como forma de equilibrar a atenção aos filhos, na execução de suas atividades acadêmicas, a proporcionalidade.

[...] terminado o dia, aí é o dia da Matemática e da Física de um. No outro dia é o da Química ou da Geografia com o outro né (risos). Então é assim, a gente vai se ajustando à nossa realidade, mas, com certeza, tem impacto (Jorge).

Sendo assim, ao ser questionado se as relações sociais decorrentes da carreira militar interferem na rotina da família, respondeu negando e explicando que as relações sociais dos militares e sua família são travadas e intensificadas no âmbito da própria força. Entre os colegas de farda.

A relação social, assim, eu vou dizer não tanto, não tem tanta interferência porque a gente não desenvolve muita relação social. O militar, propriamente dito, tem muito contato, relação social com o pessoal do trabalho, a esposa não. Eu digo sempre para minha esposa “meus amigos passaram a ser seus amigos (risos)”. Porque assim, quando a gente sai de uma cidade para outra, acabou aquele vínculo, aquela raiz ficou para traz, não é esquecida, mas ficou (Jorge).

E completa, registrando que as constantes transferências e mobilidade, ao longo de todo território brasileiro, pelos quartéis militares, fazem com que as relações sociais construídas nos espaços externos à estreita realidade militar sejam finitas e de curta duração. Por isso, torna-se um desafio, para todos os integrantes de sua família, o recomeçar a vida em cada lugar diferente para onde o militar é transferido.

Silva e Costa (2018), ao analisarem a dinâmica conjugal de mulheres que são casadas com militares, verificaram que o padrão de integração social do casal no campo externo, isto é, na sociedade civil, é mais fraco quando comparado com o padrão de interações praticadas dentro da própria instituição.

A esposa do militar, indubitavelmente está jungida ao espectro militar, e, por isso, torna-se uma das principais afetadas pelos impactos decorrentes da carreira do marido militar.

Minha esposa não é militar, é civil. Assistente social. É difícil né, exercer a atividade, por conta dos meandros políticos que envolvem a profissão, digamos, devido à minha carreira, digamos assim [...] esposa de militar, ela casa com o militar e casa com a profissão. Ela já passou em concurso público no Paraná, para os bombeiros no Rio de Janeiro. Pode exercer? Não. Fica um ano ou dois em um local e vai embora. Quando chega a notícia da aprovação, já está na hora de seguir destino (risos) (Jorge).

A partir de pesquisa científica abordando a mulher na sua relação com o Exército, Goldenberg (2018) afirma que:

As mulheres pesquisadas destacam como principal problema da “família militar” o fato de as mudanças serem inevitáveis, recorrentes e compulsórias. Elas relatam o enorme sofrimento, trabalho e desgaste emocional de estarem sempre dizendo adeus à família, aos amigos, aos vizinhos e recomeçarem tudo do zero em um período de tempo tão curto: desde o funcionamento da casa, a adaptação dos filhos nas escolas, a dificuldade de fazer amizades e de engajar-se em novas atividades sociais entre inúmeras outras obrigações e responsabilidades das esposas de militares. (GOLDENBERG, 2018, p. 198).

Todavia, continua a autora,

Apesar dos conflitos e tensões que as mudanças sucessivas provocam, e do pouco tempo de permanência em cada local, as mulheres de militares se orgulham de ter priorizado o casamento e os filhos, enaltecendo a cooperação, união, solidariedade, a dedicação e o cuidado permanente da família e da carreira do marido. Elas demonstram que se sentem recompensadas por serem reconhecidas como verdadeiras parceiras, o “suporte”, a “âncora” e a “retaguarda” familiar. (GOLDENBERG, 2018, p. 199).

A Família Militar, na compreensão do participante, é como se fosse uma irmandade. É algo mais forte e diferente, que, independentemente do tempo,



não se perde o envolvimento. É uma família, por assim dizer, pequena, mas, de qualidade.

[...] esses grupos que a gente vai formando, vai criando ligação de três em três anos, parece que a gente criou um vínculo, tipo uma irmandade, coisa de irmão. Teve o caso de um colega que servi com ele há 23 anos em Paulo Afonso/BA. Hoje reencontrei ele, parece que o tempo não passou. A melhor expressão para definir isso é “parece que o tempo não passou”. Teve uma interrupção, e quando voltou, parece que está tudo atualizado a partir dali. É diferente esse vínculo. É como se a amizade nunca tivesse se perdido. Então, por Família Militar, a gente vai reduzindo a quantidade e melhorando a qualidade (risos) (Jorge).

#### 4.5 CASO 5 – ANDRÉ

O participante tem 34 anos, é capitão do Exército Brasileiro, seu nível de escolaridade é superior completo, é casado, pai de três filhos (dois meninos de 6 e 10 anos e uma menina de 12 anos). Reside em condomínio particular, juntamente com a esposa, filhos e sogra. É praticante da religião Adventista Protestante e, quando questionado sobre a carga horária desempenhada no Exército, respondeu

[...] oficialmente, digamos assim, em torno de 8 horas diárias, mas eu costumo estar no quartel por mais tempo [...] de 10 a 12 horas, com exceção da sexta que é meio expediente e costumo ir embora mais cedo (André).

##### 4.5.1 Paternidade

Ao ser questionado sobre o que é ser pai, o participante respondeu que, em sua concepção, ser pai é um divisor de águas, e, por ser cristão, considera ser uma missão dada por Deus e, portanto, sua missão de vida.

Para o participante, o pai ideal tem que ter como atributos a responsabilidade, a dedicação e a afetividade.

Eu acredito que um pai para ser um bom pai, primeira coisa é ele ter responsabilidade, tendo em vista que existe um novo ser ali, muito provavelmente totalmente dependente dele e da mãe, logicamente. A dedicação é outro atributo extremamente necessário para um pai para que a formação do filho seja adequada e, eu acredito também que, além disso, a questão mais afetiva também para essa formação do caráter. Não é unicamente você prover o alimento, segurança, um teto. Não!

Entra muito a parte afetiva aí no sentido do carinho, atenção (André).

Continua observando André que, com a inserção das tecnologias no cotidiano das famílias, sobretudo o celular e as redes sociais, é perceptível que as famílias estão dando menos atenção aos filhos, pois se encontram entretidas com estas ferramentas. Nesse sentir, pondera que é muito importante para o pai dedicar atenção ao filho, atribuindo carinho e afetividade nas relações e, portanto, contribuindo com sua formação.

Segundo Nascimento e Meier (2000), os processos tecnológicos acompanham a variação do contexto social. Sendo assim, na realidade das famílias, com a inserção e o uso de tecnologias, é um fator inevitável e que deve ser encarado, questionando-se tanto as vantagens quanto as desvantagens, pois os impactos são indubitáveis.

Continua asseverando que os avanços tecnológicos e a família apresentam dois vieses: o positivo, considerando os frutos que podem ser proporcionados por este meio, seja com assimilação de conhecimentos novos ou aplicação no trabalho; como o negativo, que pode reduzir os seres à mediocridade, como, também, ser caminho para agregação de valores negativos e vícios perigosos.

Desse modo, pontua Verza e Wagner (2010):

*Los cambios introducidos por el teléfono móvil en las relaciones familiares fueron diversos. El teléfono móvil conquistó un espacio considerable en las familias con hijos adolescentes y acabó teniendo una participación activa en el proceso de independencia y construcción de la identidad de los jóvenes. La inserción de la tecnología en el día a día de las familias, instauró nuevos patrones de comunicación entre padres e hijos, volviendo más desafiadora la tarea de relacionarse en tiempos de las NTICs - Nuevas Tecnologías de Información y Comunicación. (VERZA; WAGNER, 2010, p.62).*

A experiência paternal do participante é boa, conforme relata. Alega ser um pai ativo e brincalhão, atribuindo essa característica ao fato de ter sido pai jovem. Observa que os filhos lhe têm admiração, pois ele sempre está presente e disponível para todos eles.

Ao ser questionado sobre como ocorre seu envolvimento paterno no campo da Interação, Acessibilidade e Responsabilidade, respondeu que a sua interação com os filhos é excelente. Alega que, ao chegar em casa, após

expediente militar, conduz todas as atividades que estão pendentes. Sinaliza que prepara a mesa para a alimentação dos filhos, executa com eles e a esposa culto religioso e separa tempo para passeios e brincadeiras. Informa que dedica uma maior atenção à filha de 12 anos, pois ela está estudando no colégio militar, mas que, com todos, interage bastante.

No campo da acessibilidade, segundo o participante, é outro ponto que considera excelente, pois, assim como interage de forma acentuada com os filhos, demonstra em paralelo ser muito disponível às suas necessidades. Registra que, assim que chega em casa, os filhos basicamente voltam-se mais a ele do que à mãe. Com efeito, tendo em vista o forte vínculo que une o pai com os filhos, o participante procura participar da educação deles. Afirma que, mesmo mostrando-se disponível, não quer parecer que esteja “mimando” as crianças.

Por fim, ao ser inquirido sobre a responsabilidade, afirmou:

Lá em casa, particularmente, a gente tem como única fonte de renda a minha. Minha esposa é dona de casa. Eu sou o principal provedor de todas as necessidades das crianças, no aspecto material. Então, parte de escola, casa, alimentação, tudo isso a gente provê e, também esse suporte com minha esposa. A gente dá esse suporte afetivo mesmo; de estar próximo da criança e aí a coisa é interdisciplinar, ela se relaciona uma coisa com a outra, com os dois aspectos da interação e acessibilidade que você citou (André).

Conclui informando que se considera responsável pela transmissão dos valores morais aos filhos, na educação e efetivação de princípios éticos na vida deles. Pontua ser esta obrigação mais cabível ao pai, do que à mãe. Respeitando os devidos papéis de cada um.

Na fala do participante exsurge alguns indicativos investigados no campo da paternidade e seus desdobramentos. O participante experimenta a paternidade executando atividades e funções, assim consideradas, pertencentes à categoria do pai emergente (DESSEN *et al.*, 1998), desenvolvendo um senso de pai participativo e aplicado às questões do filho. Na concepção de Gomes *et al.* (2013), um “novo pai”.

Todavia, é possível identificar, também, que o participante rememora conceitos e atuações característicos do patriarcalismo, ou da família tradicional. Conceitos estes, que revelam que o papel do pai é de ser o responsável pela

educação moral dos filhos, assim como, sustentáculo ético e provedor financeiro da casa (COLEY, 2001).

Na conjuntura da família constituída por militar, conforme salienta Monnerat (2018), o perfil de uma família patriarcal/tradicional é propagado pela instituição militar da qual o militar faz parte. O padrão de homem provedor e mulher responsável pelos cuidados da casa e filhos é factível. Nestes termos, explicam Silva e Costa (2018):

Podemos, inclusive, destacar que esses modelos se assemelham ao de família patriarcal, reatualizada, a qual, segundo Gilberto Freyre, se caracteriza pela divisão sexual do trabalho, reservando para as mulheres o domínio doméstico, enquanto para os homens, o papel de provedor do lar. De acordo com tal arranjo, a divisão sexual do trabalho é hierarquizada e destinada às mulheres o domínio doméstico, enquanto para os homens, o papel de mantenedor do lar. (SILVA; COSTA, 2018, p.139).

Questionando sobre o que favorece o envolvimento paterno, André respondeu que são várias coisas que facilitam o seu envolvimento com os filhos. Uma delas é o fato de ter sido pai jovem, gostar de atividade física e ser preparador físico. Somando a isso, cita a questão do apego que os filhos lhe dedicam por estar, sempre que possível, presente na vida deles.

Pelo contrário, relata que alguns fatores desfavorecem o seu envolvimento com os filhos. Um deles é a questão relacional com a filha mais velha. Acredita que o seu nível de exigência educacional interfere no vínculo com a filha. Pois, diferente dela, sempre teve facilidade para aprender e estudar. A filha, em contraste, é diferente e carece de atenção. E o outro fator são os intercorrentes atritos conjugais

[...] existem outros fatores [...] questão familiar, conjugal. Existem ali os atritos e isso interfere um pouco e, como todo casal, a gente tem as nossas diferenças e a gente entra em um nível de discussão e, particularmente a minha esposa, ela não tem o controle emocional muito trabalhado, é bem eventual, mas já aconteceu, e eu percebi que isso interferiu nas crianças (André).

A existência de conflitos conjugais no esteio de uma relação parental apresenta variados significados e interferem nos padrões desenvolvimentais da criança ou adolescente. A família, sendo encarada como estandarte de apoio no desenvolvimento infantil e adolescente, a ocorrência de eventos que

vilipendiam a sensação de harmonia do ambiente doméstico apresenta reverberações negativas no contexto pessoal de cada integrante desta família (BENETTI, 2006).

[...] o campo das relações familiares é uma área de investigação fundamental para a compreensão do desenvolvimento psicológico. Nesse aspecto, a contribuição específica das relações familiares envolvendo situações de conflito conjugal evidenciou-se como um tópico de investigação importante nos estudos sobre os distúrbios no desenvolvimento da criança e do adolescente. Até o momento, as pesquisas apontam para o impacto negativo do conflito conjugal no desenvolvimento psicológico, principalmente daquelas situações familiares envolvendo violência física e verbal entre o casal. Os resultados dos trabalhos indicam que os conflitos conjugais estão relacionados a distúrbios em diferentes aspectos do desenvolvimento da criança e do adolescente, tais como nas áreas emocional, cognitiva e social. (BENETTI, 2006).

#### **4.5.2 Paternidade e Formação Militar**

No referido tópico foi questionado ao participante se a formação militar impactou suas características pessoais. André respondeu afirmativamente, salientando que a formação militar, muito pelo contrário do que falam, não instaurou uma lavagem cerebral, mas um esclarecimento que o auxiliou na compreensão da realidade que o cerca.

[...] ao entrar para as Forças Armadas, eu tive a oportunidade de ter uma visão diferente e, pelo menos, questionar a realidade que era imposta para mim, até então. Então, as Forças Armadas, as nossas instituições de ensino, tanto na formação de nós, militares de carreira, também a formação dos temporários, com menor intensidade, nessa retirada das “escamas” dos nossos olhos, digamos assim, que fazem a gente enxergar a realidade de forma desvirtuada, eu tive a oportunidade de questionar, tendo em vista que não é algo imposto, pelo menos eu não me senti assim, como algumas pessoas falam, sobre sofrer a lavagem cerebral, pelo contrário, a gente estava “lobotizado” e a gente vê que existe uma outra coisa e a gente se abre para estudar melhor aquilo [...] (André).

Conforme regulamento e a principiologia que rege a metodologia de ensino da AMAN, percebe-se que uma das finalidades da formação do líder militar é instruí-lo à pesquisa e ao constante aprimoramento.

A estrutura de ensino tem por objetivo, também, criar no futuro oficial, o hábito do autoaperfeiçoamento pela busca do conhecimento constante. Dessa forma, por meio da realização

de um Trabalho de Conclusão de Curso e do Programa de Leitura, são estimulados o gosto pela pesquisa e o aprimoramento individual. A observação crítica sobre o desempenho dos oficiais e graduados nas diversas atividades, também serve de suporte ao autodesenvolvimento, pois eles deverão ser modelos de conduta e referenciais para os cadetes. (ACADEMIA MILITAR, 2011, p. 249).

Por conseguinte, ao ser questionado sobre se havia algum impacto da formação militar em sua paternidade, assentiu explicando que

[...] tem aquela questão que o próprio Exército tem como máxima: hierarquia e disciplina, então dentro de casa a gente tenta seguir isso, logicamente a gente vê que as famílias têm uma tendência do filho ficar cada vez mais exigente, e querer cobrar dos pais e, meio que a pirâmide vai se invertendo, ao passo que eu tento, pelo menos, que isso não aconteça lá em casa, a gente tenta estabelecer bem a hierarquia, que cada familiar tem seu papel na família, a mãe e o pai são hierarquicamente superiores na conjuntura familiar, os filhos são inferiores nesse aspecto, não quer dizer que um seja melhor do que o outro, é funcional. É o papel familiar, e também a questão da disciplina, desde pequenas tarefas, por exemplo, minha filha já varre a casa, enche as garrafas com água, o mais novo limpa a caixinha de areia dos gatos, fazendo pequenos trabalhos em casa. Embora não seja exclusividade dos militares, pois outras famílias também fazem, mas a minha formação militar favorece que a gente adote esses procedimentos (André).

Segundo Castro (1990), a cultura militar apresenta-se de forma sólida, com conceitos rígidos e uma estrutura segmentada, baseada em regras, e disposições comportamentais. As ações que visam à disciplina do militar repercutem também fora do campo institucional. Para tanto, devem ser internalizados os valores ápices da hierarquia e disciplina. Pois, sem elas, não há que se falar em Forças Armadas (BATISTA, 2014).

A formação de um núcleo familiar por um militar, além de encontrar guarida e influência dos valores militares (ADÃO, 2018), é possível identificar que, dentro desse espaço privado da família, os seus integrantes recebem esses estímulos e aderem às disposições institucionais nas quais este militar está envolvido durante todo o seu processo de socialização.

No que tange ao impacto da carreira militar no envolvimento paterno do participante, foi respondido que sim. Tanto impacto positivo, quanto negativo. O negativo se refere aos afastamentos necessários, quando da existência de alguma missão ou atividade funcional. Contudo, nestes afastamentos, segundo

o participante, existe uma perspectiva positiva, e ela seria o afloramento do sentimento da saudade que, em sua concepção, quando acontece, significa que entre ele, os filhos e a esposa existem afetividade, amor. Sendo, portanto, algo satisfatório.

[...], porém, eu percebo que a minha ausência faz aflorar o sentimento de saudade e mostra o nosso vínculo afetivo. Quando a gente volta e chega em casa e é aquela alegria, a gente conversa por telefone com as crianças e minha esposa, lógico, e aí você vê que há um sentimento de saudade, e se tem sentimento de falta, saudade é porque tem amor. Isso aí é uma coisa positiva (André).

As ausências recorrentes no meio militar, como atributo indispensável na execução de atividades, cumprimento de missões, seja de treinamento, bélica ou de paz, constitui o cotidiano da carreira militar (CASTRO, 1990). A família do militar, conseqüentemente, encara estas situações com certo receio. Sobretudo, os filhos, que podem demonstrar estresse ou outras reverberações emocionais (RIGGS; CUSIMANO, 2014).

Em vista disso, a título de exemplificação, Monnerat (2018) relata que a realidade que cerca a família militar, jungida aos mandamentos da instituição, configura-se conflituosa, especialmente para a esposa do militar, tendo em vista ser a principal encarregada de suportar e mediar o ônus causado pelas transferências militares.

O medo de que seus filhos não tenham vínculo com a família de origem apareceu diversas vezes nos depoimentos e evidencia o quanto as constantes mudanças trazem a essas mulheres a sensação de que elas não estariam ligadas à rede família mais extensa. (MONNERAT, 2018, p.51).

A família do militar deve, sobremaneira, dispor da resiliência e exercitar o que se denomina parentalidade coordenada (WASH, 2014). Desta forma, tanto a figura parental que fica, e aquela que se dirige às obrigações socioprofissionais, proporcionam apoio mútuo e harmonizam o ambiente doméstico. Sendo assim, compartilham as funções do cuidado e responsabilidades (SANTOS, 2012).

Do mesmo modo, com o famigerado avanço tecnológico, as relações humanas sofreram considerável impacto. Pois, com a eliminação das barreiras, mormente demográficas, que dificultavam a comunicação, segundo Lieberman e Van Horn (2013), as novas tecnologias assistiram os pais militares na

manutenção do envolvimento com os filhos. Em suma, as ferramentas de comunicação (e-mail, mensagens e ligações telefônicas) amenizaram o espectro da ausência de uma das figuras parentais (HOUSTON *et al.*, 2013).

Posteriormente, foi perguntado ao participante se, de algum modo, as relações sociais decorrentes da carreira militar interferiam na rotina de sua família, respondeu que não enxerga esta situação de forma significativa. Alega que, por conta das transferências, as relações sociais travadas são voltadas basicamente para os militares que vivenciam o mesmo dilema.

[...] as nossas relações sociais elas são basicamente voltadas para as pessoas do próprio trabalho, porque a gente está sempre em mudança e eu particularmente nunca servi onde minha família reside e nem a dela. Ou seja, a gente sempre está numa cidade “estranha”. Nosso vínculo de amizade gira em torno das pessoas do quartel (André).

Registra o participante que a vida na Vila Militar corrobora o espírito da Família Militar. Pois, o contato com outras famílias e a conseqüente interação com o ambiente militar favorecem a formação dos filhos e a relação do pai para com o filho. Segundo informa, é um ambiente onde as relações sociais são mais intensas.

Sobre a Vila Militar, referenda Silva (2018):

Assim, a estrutura arquitetônica das vilas pelas hierarquias dos maridos militares permite que todo mundo saiba onde todo mundo mora, o carro que cada um possui, e esse caráter das moradias configura-se como uma espécie de extensão do quartel, nas suas devidas proporções. Há o reconhecimento do vizinho como alguém prestador de solidariedade e afetos, que compartilha das mesmas relações, experiências, anseios e dificuldades (as constantes mudanças, a ausência da família de origem e a ausência do marido/pai quando este está em atividades no quartel); mas há também imposições do trabalho em momentos mais diversos do cotidiano das famílias, que geram controle e vigilância (SILVA, 2018, p. 99).

#### 4.6 CASO 6 – RAFAEL

Rafael tem 45 anos, é oficial superior do Exército Brasileiro, atualmente encontra-se no posto de Coronel, seu nível de escolaridade é mestrado. É casado, e dessa relação advieram dois filhos com idades de oito e 11 anos. Reside na Vila Militar com a família. Sua religião é o Espiritismo. Alega dispor de uma rotina de trabalho de “[...] 40 horas no mínimo, mas eu tenho dedicação



exclusiva à pátria, então pode ser até 24 horas todos os dias da semana”.  
(Rafael).

#### 4.6.1 Paternidade

Sobre o que é ser pai, o participante respondeu que:

Ser pai em resumo é ser o responsável por uma das missões mais nobres dadas ao homem que é criar e educar, no sentido amplo, um ser humano, passando valores, conhecimentos e preparando esse ser para a vida em sociedade (Rafael).

Então, conseqüentemente, o pai ideal, na concepção do participante, seria aquele responsável tanto pelo provimento das necessidades primárias do filho, quanto sendo um elo na educação deste, por meio do reconhecimento dos momentos em que deve premiar ou castigar. Objetivando desenvolver seu caráter para se tornar um homem de bem.

Pelo exposto é visivelmente perceptível que a fala do participante expressa uma das tipologias que caracterizaram o processo evolutivo da paternidade: a paternidade moderna, ou seja, um pai preocupado com a formação da identidade, educação e moral do filho. Do mesmo modo, identificaram Vieira *et al.* (2014), analisando pesquisas sobre a paternidade no contexto nacional, que prevalece, nas famílias, a concepção de um pai provedor e disciplinador, responsável pela moral dos filhos.

Pesquisadores tais como Fein (1978), Lamb (1992), dentre outros, desmistificaram os papéis exercidos pela paternidade ao longo da história ocidental e criaram categorias, caracterizadas e influenciadas pelo processo de desenvolvimento no qual a sociedade à época estava imersa. Sendo assim, na concepção desses pesquisadores, a paternidade perpassou a fase tradicional, moderna e, agora, se encontra respaldada na emergente/contemporânea.

A experiência paterna do participante Rafael, segundo informa, consubstancia-se como sendo muito enriquecedora, pois, o âmbito que respalda o ato de ser pai resplandece em muitos campos de sua vida, tanto o pessoal, como ser humano, e o profissional. Sendo, portanto, questões imbricadas e que devem estar em sintonia com a mãe.

A minha experiência tem sido muito enriquecedora. Nós aprendemos diariamente com os filhos, nós pais, ou, pelo

menos eu como pai, busco me aperfeiçoar em sintonia com a mãe no objetivo de suprir as necessidades de educar os filhos, mas essa busca ela não é engessada, dela faz parte também o papel de ouvir, compreender o filho e aprender com o filho coisas sobre o filho, sobre a vida. Trazendo uma nova perspectiva diariamente para minha própria vida como pai, mas também como ser humano e como profissional (Rafael).

Ao ser questionado sobre como seria seu envolvimento paterno, tomando como referência a investigação que é subdividida no campo da interação, acessibilidade e responsabilidade (LAMB, 1992), o participante respondeu que, no que se refere ao campo da interação, considera seu envolvimento genericamente bom, mas ressalta que, a depender da faixa etária do filho, e também sua personalidade, há a tendência do envolvimento sofrer variações.

Neste aspecto cita que o filho mais velho, quando mais novo, não permitia aproximações físicas com muita facilidade. Apresentava resistência a certos atos de carinho (abraçar, beijar) ou brincadeiras que envolviam contato físico. Enquanto que o filho mais novo, por outro lado, era mais envolvido fisicamente, mas que, agora, prefere, no que tange à interação direta, uma menor aproximação. Mas considera, mesmo assim, que possui um contato maior com o filho menor.

Bem, meu envolvimento é bom. Cada filho tem uma característica, uma personalidade diferente, e essas personalidades vão mudando ao longo do tempo. Então, o mais velho quando era mais novo, idade anterior, não gostava tanto da interação física, não gostava muito de abraço, de beijo, esse tipo de coisa, até as brincadeiras de contato não gostava muito, mas a partir da fase posterior, talvez ali, a partir dos 10 anos, ele começou a amadurecer e aceitar mais essa interação. Então, tanto na troca de carinho, quanto na parte de brincadeira física, ele foi aprendendo a dominar melhor o corpo, força e foi compreendendo o papel do pai na família. [...] já o menor é o contrário, ele era mais agarrado, em termos de contato físico [...] a atual, ele passou a desejar um pouco menos de contato, mas ainda assim a interação com o menor ainda é um pouco maior, tanto na troca de carinho quanto na parte das brincadeiras, por exemplo, cavalinho, eles gostam e pedem (risos), às vezes brincadeira de luta, brincadeira de tiro, um pega a pistola de brinquedo e atira no outro, joga chinelo (risos). Mas também abraça, beija, senta junto para ver televisão, encosta o pé no outro. Dou colo para o filho, o outro também vem, encosta a cabeça, então eu acho boa! (Rafael).

No campo da acessibilidade, diz demonstrar bastante disponibilidade aos filhos, mas reconhece que existem certas ocasiões, raras, diga-se de passagem, em que se restringe a assuntos específicos sozinho, ou com a participação da esposa, e, por isso, não dá acesso aos filhos. Entretanto, afora isso, considera-se bastante envolvido com os filhos em termos de acessibilidade, pois avalia ser muito importante, visto que é uma fase importante de aprendizado, de orientação e cuidado.

Paralelamente, a responsabilidade foi avaliada pelo participante como sendo boa também. Relatou que, em comunhão com a esposa, envida esforços nas responsabilidades parentais e no planejamento familiar. Afirma dedicar bastante atenção a todos os pormenores que envolvem os filhos, seja na questão, assim dita, interna (questão psicológica, saúde, integridade), como externa, pois, como pai de filhos menores de idade, perante a lei, são os pais os responsáveis pelos atos praticados pelos filhos no meio civil. Ambos os filhos apresentam patologias, o mais velho tem diabetes e o menor é autista. Tanto o participante, quanto a esposa contribuem financeiramente nas despesas da casa. A esposa não é militar, é professora.

Quando questionado sobre quais fatores favorecem seu envolvimento paterno, Rafael respondeu ser o apoio da esposa e seu esforço em buscar tempo para dedicar aos filhos.

Algumas coisas favorecem, uma das coisas mais importantes que favorece é o reforço positivo da esposa, mas também a minha, em razão direta, a minha disponibilização de tempo para eles. Quanto mais tempo eu dispuser para eles efetivamente, sem levar agenda, fazer trabalho para ficar de corpo presente, olhar no olho, tentar compreender, estar do lado vendo televisão, se apresentando disponível para a interação, então quanto maior esse tempo alocado, o retorno também é proporcional, eles retornam com uma maior interação (Rafael).

A participação da mulher como fator de preponderância e oportunização para exercício da paternidade é encarada como inevitável. Pois, segundo pesquisas, o envolvimento paterno é facilitado quando há, conseqüentemente, além do interesse do pai, o apoio e incentivo da esposa. Sobretudo na divisão de tarefas que concernem ao filho e participação nas ações de cuidar (SANTOS *et al.*, 2017).

E quanto ao aspecto dos fatores que desfavorecem seu envolvimento, da mesma forma que os outros entrevistados, relatou ser a demanda de trabalho, que, por sinal, em algumas ocasiões, serem de trato imperiosos, tutelando “vida ou morte” ou algum interesse jurídico relevante da instituição. Por conta disso, sente-se afetado em não estar completamente presente na vida dos filhos. Além disso, coloca como impacto relevante na família a questão das mídias sociais, celular, internet e a televisão, pois, também suprimem a interação dos integrantes. Entretanto, reputa ser este impacto na proporção de 5%, enquanto que o primeiro ascende à marca dos 95%.

#### **4.6.2 Paternidade e Formação Militar**

Confrontado com o respectivo tópico, Rafael foi indagado se havia impacto da formação militar em suas características pessoais. Evidenciou ser 100% impactado, pois o conteúdo performático que é transmitido pela instituição aos militares é intenso e duradouro, refletindo nas condutas, tanto sociais, profissionais e pessoais/familiares.

Sim. 100%. O militar mesmo sem farda continua sendo militar. A formação ela é muito impactante no caráter, na pessoa... e eu que fiz um ano de escola preparatória e cinco anos de AMAN. A gente acaba internalizando muitos valores, isso passa a fazer parte da vida, no dia a dia, na conversa, nos termos usados, no jeito de se portar, no jeito de se vestir, no jeito de trabalhar e acaba interferindo também no relacionamento com a família. O papel de educar, o papel do pai que é mais de educar, o pai também dá o afeto, mas ele tem que dar a educação, esse papel ele se confunde um pouco com o papel do chefe militar, porque o chefe militar, isso está previsto nos regulamentos, em especial no estatuto dos militares, que tem esses deveres de zelar pelo subordinado, de exigir o cumprimento das normas. Então se você para pra pensar, o papel do pai e o papel do chefe militar têm muitos pontos de contato (Rafael).

E, acerca do impacto da formação militar em sua paternidade, o participante respondeu que, em sua perspectiva, esse impacto é latente. Corroborando com a fala anterior, abordou a instituição família como corolário de uma unidade militar.

Têm vários. A minha formação militar ela compreendeu a internalização de valores e de hábitos, então esses valores e hábitos que eu incorporei são ferramentas que estão à minha

disposição e eu uso. E como é que impactam no meu papel de pai? Impactam na medida em que não sou tolerante com algumas falhas de caráter, eu busco, antes de cobrar, dar o exemplo, então são fatos que foram internalizados e que são ferramentas que a gente acaba lançando mão e repito, mais ou menos o que eu falei na pergunta anterior, a gente tem que ter o cuidado para poder dosar isso daí, para não transformar a casa em quartel. Então, mesmo a gente achando que a pegada não é forte, ela é forte. Então, ter a presença de outro adulto, para dar o contrapeso é importante. Até no próprio quartel a gente vê essa figura dual do comandante e do subcomandante (Rafael).

Rafael conclui sua opinião afirmando que, em famílias com pai e mãe engajados, as decisões sobre os filhos serão sempre mais justas. Por isso, é importante ter pais participativos, que compartilham a função do cuidar.

A esse respeito, segundo Frizzo *et al.* (2005), a coparentalidade é um importante liame que medeia o papel conjugal e parental dentro de uma relação familiar. Ela permite que ambas as figuras parentais estabeleçam com os filhos uma relação triádica (SHOPPE *et al.*, 2001), viabilizando que o ato de cuidar seja compartilhado colaborativamente entre os pais.

[...] a coparentalidade envolve apoio e comprometimento mútuo no exercício da parentalidade. É através desta relação que os pais podem negociar seus papéis, responsabilidades e contribuições para a criança. (MARGOLIN *et al.*, 2001 *apud* FRIZZO *et al.*, 2005)

Acrescente-se que o profícuo exercício da coparentalidade proporcionará um saudável engajamento na relação familiar, sobretudo no combate ao estresse ou demais fatores desvantajosos que se sobreponham à família. No entanto, caso existam conflitos na atribuição da coparentalidade, viabiliza-se o efeito reverso. (VAUGHN, 2000).

No que toca à pergunta se havia algum impacto da carreira militar no envolvimento paterno do participante, respondeu que sim, alegando que, como todo e qualquer ser humano, a existência de problemas ou dificuldades termina por interferir na sintonia do ambiente familiar, pois diminui a interação, por afetar a autoestima e sua disponibilidade. Assim, revela que, sempre que possível, separa questões do trabalho das questões familiares.

Sim. Nós somos seres humanos, nós militares quando nós temos momentos difíceis, ruins, por mais que tentemos não trazer problema para casa, de um modo ou de outro, eles acabam afetando a pessoa; fica mais preocupada, mais

impaciente e a interação com o filho ela sente esse reflexo. Nós militares e qualquer outra pessoa, temos que ter esse cuidado de separar as coisas, deixar as coisas do trabalho, fisicamente no trabalho e em casa só raciocinar com família seria o ideal, mas nem sempre é assim, mas no todo, quanto mais vezes você conseguir fazer isso, melhor você vai estar preservando a interação (Rafael).

Por fim, ao ser questionado se as relações sociais decorrentes da carreira militar interferem na rotina da sua família, informou que sim. Diante disso, arrematou que, por ter tido a experiência de residir tanto em Vila Militar quanto em ambientes externos, as experiências sociais com outras famílias e pessoas acontecem. Sobretudo em Vila Militar, onde o contato com os amigos proporciona momentos de lazer, positivos ou negativos, tanto para os adultos quanto para as crianças. Outro aspecto relatado pelo participante é que a vida em uma Vila Militar é regrada. Deve-se seguir um padrão de conduta visando à ordem e ao respeito, e aqueles que não conseguem atender a esses requisitos estão dispostos a correr o risco de serem alijados deste ambiente.

Especificamente sobre as Vilas Militares, explica Silva (2018) que são

[...] moradias que são padronizadas e que tanto física quanto administrativamente seguem uma estrutura específica pautada nos valores e normas do Exército. São casas agrupadas em vilas de acordo com a hierarquia militar, com arquiteturas e dimensões maiores à medida que a patente militar aumenta e com regras de convivência e normas para o “bom” uso das residências e relacionamento entre o pessoal militar. (SILVA, 2018, p.91).

## 4.7 DISCUSSÃO GERAL

Na discussão geral, os principais resultados serão discutidos à luz da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

A referida teoria tem como pressuposto investigar a influência do contexto no processo de desenvolvimento da pessoa. Analisando o viés que compreende os fatores bioecológicos como determinantes na compreensão do impacto que o meio opera em cada sujeito, assim considerado em sua individualidade.

Para tanto, Bronfenbrenner (2011) desenvolveu a Teoria Bioecológica que abarca o Modelo PPCT (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo). E, a partir dessas variáveis, é possível compreender como o processo de desenvolvimento da pessoa é impactado pelos padrões biológicos e contextuais.

Juntos, esses quatro elementos constituem a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, pelo modelo processo-pessoa-contexto-tempo (PPCT) para conceitualizar o sistema de desenvolvimento integrado e delinear pesquisas que estudem o curso do desenvolvimento humano. (LERNER, 2011, p.25).

Nos itens, a seguir, serão explicitados os principais resultados que podem ser discutidos considerando o processo, a pessoa, o contexto e o tempo.

### PROCESSO

Os processos proximais constituem o elemento que envolve o entrelaçamento entre o indivíduo e o contexto (LERNER, 2011). Sendo assim, a dinâmica que adstringe a compreensão das vicissitudes permeadas entre os campos ecológicos e os sujeitos é processual.

Bronfenbrenner e Morris (1998 *apud* LERNER, 2011) explicam que o processo

[...] abrange formas particulares de interação do organismo com o ambiente, chamada processo proximal, que operam ao longo do tempo e são situadas como os mecanismos primários que produzem o desenvolvimento humano. Contudo, a força desses processos para influenciar o desenvolvimento humano é presumida, e mostrada, por variar substancialmente como

função das características da Pessoa em desenvolvimento, do Contexto tanto imediato quanto mais remoto e dos períodos de Tempo nos quais o processo proximal ocorre. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 994 *apud* LERNER, 2011, p. 25).

Portanto, por assim dizer, é possível compreender o Processo como sendo o componente de ligação que conduz a interrelação entre as demais instâncias que afetam o desenvolvimento humano.

Mediante o exposto, o presente estudo, ao buscar compreender como ocorre o envolvimento paterno no contexto da carreira militar, o substrato que enleia as duas figuras chaves da pesquisa, qual seja, a paternidade e a carreira militar, é a formação militar.

A formação militar é o elemento primordial que vai estabelecer as ligações entre o sujeito e o contexto que caracterizam a carreira militar. Além disso, a formação militar é o processo no qual o sujeito se ligará aos pormenores do campo institucional, submetendo-se metodológica, objetiva e pessoalmente às tratativas deste meio.

Nesta senda, o processo de formação militar, não apenas com o fulcro de disciplinar o sujeito aos ditames da instituição, imiscui-se tanto no espaço privado, quanto pessoal e temporal do agente. Desta forma, a formação militar, tida como Processo, promove o remodelamento da conduta da Pessoa do agente, considerando as peculiaridades de cada um, impactando no contexto ecológico no qual o participante interage, podendo ser os ambientes pertencentes ao espaço privado (família, amigos), sociedade e trabalho. Além de também ser necessário considerar a temporalidade desse envolvimento, assim definida pelas horas de trabalho dedicadas ao Exército.

A esse respeito, a Formação Militar é o cerne que se interpõe sobre todos os espectros que circundam a existência do agente, conforme evoca o participante Rafael,

[...] o militar mesmo sem farda ele continua sendo militar. A formação ela é muito impactante no caráter, na pessoa [...] e eu que fiz um ano de escola preparatória e cinco anos de AMAN a gente acaba internalizando muitos valores... isso passa a fazer parte da vida, no dia a dia, na conversa, nos termos usados, no jeito de se portar, no jeito de se vestir, no jeito de trabalhar e acaba interferindo também no relacionamento com a família (Rafael).



A repercussão dos efeitos oriundos de uma cadeia performática de valores, códigos e leis, conforme anteriormente visto, é reproduzida pelos militares em voga. Nesse sentido, a Formação Militar é o fluido condutor que nutre a cadeia de ações perpetradas por esses sujeitos. As consequências, portanto, são percebidas tanto no meio interno da Instituição, quanto externo, seja em relação à sociedade em si, à família e sua conduta pessoal.

Segundo Tudge (2008), os Processos Proximais definem-se como engrenagens principais do desenvolvimento. Desta forma, esclarece que o indivíduo, quando interagindo com esses ambientes, externos e imediatos, é capaz de dar sentido e valor ao seu desenvolvimento.

Na visão do participante Jorge, é possível identificar a essência do processo de formação militar e a sua importância.

[...] é a forma com a qual a gente escolheu viver. Eu poderia fazer um concurso fora, poderia, mas, digamos assim, é aquela atividade que você tem um pendor, que você gosta e, resumindo, do meu ponto de vista, tem mais pontos positivos do que negativos (Jorge).

Nestes termos, estabelece Bronfenbrenner e Morris (1998) *apud* Tudge (2008), que

[...] o desenvolvimento humano ocorre através de processos progressivamente mais complexos de interações recíprocas entre um organismo humano biopsicológico ativo, em evolução, e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente externo imediato. Para ser eficaz, a interação deve ocorrer com bastante regularidade durante períodos extensos de tempo. Tais formas perduráveis de interação no ambiente imediato são referidas como processos proximais. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996, *apud* TUDGE, 2008, p.3-4).

## PESSOA

O segundo componente do modelo proposto por Bronfenbrenner leva em consideração os aspectos morfogénéticos e biopsicossociais do processo de desenvolvimento do sujeito. As características pessoais têm relevante impacto na forma como o desenvolvimento opera em cada pessoa.

Bronfenbrenner (2011) definiu esse coeficiente e destrinchou em três variáveis: Demanda, Recurso e Força. A Demanda tem relação com as características de estímulo pessoal (TUDGE, 2008), isto é, questão de idade, gênero, cor da pele, aparência física, assim como outros elementos. O Recurso

é tudo aquilo que é agregado ao longo da existência do indivíduo, e que serve para qualificá-lo e auxiliá-lo. Podem ser Recursos cognitivos ou emocionais, por exemplo: experiências passadas, bem como Recursos Sociais ou materiais, por exemplo: acesso à educação, cuidado parental, etc. (TUDGE, 2008). Por fim, o que se define em relação à última variável, Força, é tudo aquilo que envolve a motivação, persistência, disciplina, etc., do sujeito.

No presente estudo foi possível identificar e correlacionar as informações obtidas nas entrevistas com o parâmetro do referido tópico. Neste caso, no campo da Demanda constata-se que todos os entrevistados apresentam a faixa etária compreendida entre 33 e 45 anos. Sendo quatro dos entrevistados com idades entre 33 e 37 anos e dois com respectivamente 43 e 45 anos. E o tempo de serviço militar entre 15 e 30 anos.

Com base nestas impressões, chega-se à conclusão que os referidos militares ingressaram nas Forças Armadas com praticamente 18 anos de idade, o que demonstra que vivenciaram e experienciaram o mesmo período de aquisição dos valores e adaptação à realidade militar, quando da formação militar.

[...] Através dos manuais e apostilas o cadete adquire conhecimentos sem dúvida indispensáveis ao exercício da profissão, mas é na interação cotidiana com outros cadetes e com oficiais que ele aprende como é ser militar. (CASTRO, 1990, p.15).

Isso significa que, durante todo esse processo, o fim que se pretende é que esses militares adquiram o que se denomina de atributos militares (MORGADO, 2013), ou seja,

[...] É exigido que o militar alcance elevados índices de conhecimento profissional, preparo físico, preparo mental, abnegação, vontade de lutar, sentimento de grupo, crença na profissão e paixão pelo que realiza, tendo em vista o atributo de seus superiores na ordem hierárquica estabelecida entre as patentes (cargos) da profissão. (MORGADO, 2013, p.531).

As exigências que denotam o campo institucional das Forças Armadas têm importante relação com a segunda variável citada por Bronfenbrenner (2011), o Recurso, considerando o que foi explicitado, é aquilo que é imposto e absorvido pelo sujeito ao longo de sua existência. No campo militar, a Instituição submete os seus integrantes a uma série de transferências, em termos de valores, cultura, costumes e vivências.

E estas aquisições externas, nas quais estão envolvidos, compreende a bagagem necessária para que este sujeito atinja as máximas propostas pela missão das Forças Armadas, e, com efeito reverso, amolde sua personalidade. Nesse aspecto, o militar apreende como questão principal a importância da atividade física, como necessária para o desempenho das tarefas; o estudo e a constante especialização.

Na entrevista realizada com o participante Marcos, é possível constatar o quanto o satisfaz a prática da educação física, tanto que o colaborador a aplica no cotidiano de sua família no relacionamento com seu filho.

[...] essa parte do físico [...] eu gosto muito da parte física. Eu levo às vezes isso muito para casa, minha esposa fica meio preocupada: “você não está no quartel não” [...] aí eu pego ele, fico inventando umas brincadeiras, estilo aqui no batalhão, modificado, lógico (risos) (Marcos).

Além dos Recursos sociais ou materiais, também existem os Recursos cognitivos ou emocionais que estão presentes no campo pessoal do agente militar. Esses recursos estão relacionados aos fatores motivacionais do ingresso deles nas Forças Armadas. O principal desencadeador é a questão das experiências passadas, ou seja, a convivência com outros integrantes que fizeram parte das Forças Armadas, a exemplo, do pai ou avô. E que suscitaram a vontade desse agente também prestar serviço militar. Numa cadeia assim definida por Molina *et al.* (2012) de delegação transgeracional.

[...] eu já tenho a geração, meu pai também é militar e, desde criança, hoje sou militar, e passo para as minhas filhas e querendo ou não você tem principalmente a parte de disciplina, então é disciplina com tudo, disciplina intelectual, disciplina com horário, de fazer o que é certo, de explicar os impactos do que é fazer errado, acho que é nesse sentido (João).

[...] eu sou neto e filho de militar, então é a gente ver, lógico que interfere muito, tanto eu como meu filho estudamos em colégio militar e já tem essa educação já diferente de alguns outros locais [...] (Vinícius).

O elemento Força, da tríade proposta por Bronfenbrenner sobre a variável Pessoa, tem como pressuposto as valências que estão adstritas ao âmbito privado de cada sujeito. Ou seja, são as qualidades que determinam o perfil de comprometimento, dedicação, disciplina, motivação, dentre outros, de cada um.

No espaço das Forças Armadas, o período de formação tem por objetivo desenvolver estas habilidades, no intuito de criar um líder nato, que saiba questionar, e esteja preparado para as intercorrências da sociedade, assim como outros eventos sociais. Por conta disso, as estratégias metodológicas insculpidas na ementa do curso preparatório são sensíveis no que tange à valoração destes pontos.

Durante quatro anos de estudos, em regime de internato, os cadetes frequentam um curso que lhes irá proporcionar a obtenção da adequada competência profissional e o desenvolvimento dos atributos da área afetiva fundamentais para o exercício da liderança militar. (ACADEMIA MILITAR, 2011, p. 242).

Em função dessa missiva, um processo de formação pautado no mais alto padrão de aprendizado, com fortificação da ética, moral e os valores, segundo Adão (2018), faz com que os militares se percebam moralmente superiores aos civis.

Conforme observa o participante André, o seu ingresso no Exército lhe proporcionou a oportunidade de questionar o que está ao seu redor, assim como, lhe incentivou ao estudo e ao aprimoramento pessoal.

[...] ao entrar para as Forças Armadas eu tive a oportunidade de ter uma visão diferente e pelo menos questionar a realidade que era imposta para mim, até então. Então as Forças Armadas, as nossas instituições de ensino [...] a gente vê que existe uma outra coisa e a gente se abre para estudar melhor aquilo (André).

## CONTEXTO

O contexto é a variável do modelo PPCT que, consoante o próprio nome indica, significa a interação no ambiente ou espaços mediatos ou imediatos aos quais o indivíduo esteja vinculado. E que provocam interferência no seu processo de desenvolvimento.

Em conformidade com Bronfenbrenner (2011),

O desenvolvimento é definido como a concepção de evolução da pessoa sobre o ambiente ecológico, sua relação com ele, e também com a crescente capacidade da pessoa descobrir, sustentar ou alterar suas propriedades. (BRONFENBRENNER, 2011, p. 91).

O contexto bioecológico compreende o Microsistema, o Mesossistema, o Exossistema e o Macrossistema. O Microsistema é o ambiente de interação imediato em que o participante interage em contato direto com seus vínculos relacionais, a exemplo da família, trabalho, ou demais círculos de interação específicos. Por outro lado, o Mesossistema é a composição dos variados microsistemas aos quais o sujeito esteja vinculado, assim como a interação entre eles.

Na sequência, o Exossistema são também espaços bioecológicos, mas que interferem no desenvolvimento do indivíduo de forma indireta, isto é, são campos onde a pessoa não está presente, mas que por eles é influenciada.

Por sua vez, o Macrossistema, de acordo com Tudge (2008):

[...] envolve os demais sistemas, influenciando (e sendo influenciados por) todos eles. Um determinado grupo social pode compartilhar um conjunto de valores, mas para que qualquer sistema de valores específico exerça influência sobre uma pessoa em desenvolvimento é necessário que seja experienciado em um ou mais dos microsistemas nos quais ela esteja situada. (TUDGE, 2008, p.5).

A estrutura ecológica não pode ser encarada como um fim em si mesmo, ou seja, como se fossem elementos estanques e, objetivamente, dissociados. Pelo princípio da Interconectividade (BRONFENBRENNER, 2011), os contextos estão devidamente relacionados e influenciados uns pelos outros. A pessoa que participa, ao longo de sua existência, de variados sistemas ecológicos, e por isso, conseqüentemente, neles se desenvolve, provoca mudanças e transformações nestes espaços.

Assim, dentro de uma determinada sociedade ou grupo social, a estrutura e a essência do micro, meso e exossistemas tendem a ser similares, como se fossem construídos do mesmo modelo principal, fazendo os sistemas funcionarem de maneira semelhante. (BRONFENBRENNER, 2011, p.90).

Nos itens, a seguir, serão explicitados os principais resultados que podem ser discutidos considerando o micro, o meso, o exo e o macrossistema.

### *Microsistema*

Tendo em vista a anterior definição do que se trata o microsistema, como sendo um espaço de interação “face a face” (BRONFENBRENNER,

2011). No presente estudo, os microsistemas que compactuam o espectro do militarismo, e dos militares que aceitaram participar da pesquisa são: a família, os amigos e a instituição militar.

Conforme relatado em todas as entrevistas, os participantes informaram conviver e interagir com suas famílias, e em dois casos (André e Vinícius), com a família extensa, compreendendo a sogra e a mãe.

Além disso, existe o contexto das Forças Armadas, no qual todos eles desempenham serviço, em cargas horárias variando entre 40 horas semanais ou maiores. E se vinculam aos colegas de farda no seu espaço relacional, desenvolvendo, também com eles, atividades sociais de lazer diversas da profissão, tais como: churrasco, cinema, reunião, etc.

[...] as nossas relações sociais elas são basicamente voltadas para as pessoas do próprio trabalho, porque a gente está sempre em mudança [...] aí sempre há reuniões na casa de um colega, de um sargento, capitão, aí a gente se reúne para fazer um churrasco, isso acontece bastante [...] (André).

### *Mesosistema*

O Mesossistema é a conglomeração de microsistemas e a decorrente relação entre eles. No campo militar é possível identificar que os microsistemas da família, ambiente de trabalho e/ou amigos do militar estão imbricadamente relacionados e conectados pelo vínculo da profissão militar. Aqui também se pode incluir o Colégio Militar, no qual os filhos dos participantes estudam, que interage com as famílias e com o trabalho militar.

Por conta disso, a concepção que envolve a reunião de todos esses ambientes privados e específicos, tendo como elo comum a Instituição Militar, consiste num ambiente de compartilhamento de vivências e experiências emocionais, sociais e profissionais.

Monnerat (2018) entende a Família Militar como sendo uma “grande família” e, por conta disso, compreende-se que seja sua composição eivada da união de todas as massas de famílias existentes do Exército Brasileiro. Ou seja, a Família Militar abarca os microsistemas familiares unidos em prol do tronco militar.

### *Exossistema*

A existência dos microsistemas que compõem a realidade militar e a relação entre eles, por conta de perfazerem um mesossistema, produzem efeitos diretos ou indiretos nos sujeitos que pertencem ou interagem em cada um desses campos. Esses efeitos são relevantes, principalmente na mensuração de como um microsistema opera em outro, sobretudo nas pessoas que fazem parte dele.

Quando nas entrevistas foi levantada a questão que abordava se a carreira militar provocava impacto no envolvimento que os participantes tinham com os seus filhos, todos foram unânimes em afirmar que sim. Os impactos estão relacionados com o fator temporal das transferências geográficas, bem como à rotina de trabalho desempenhada cotidianamente.

As esposas e os filhos pertencentes ao microsistema familiar do militar são os principais afetados indiretamente pelas características de sua profissão. Eles não pertencem oficialmente aos quadros militares, mas precisam suportar as adversidades da profissão.

[...] Então esse é o principal ponto que diferencia a questão familiar, seja com a esposa, seja com os filhos do militar, é essa questão dos afastamentos. Sem contar que existem missões mais longas, no exterior, que duram o ano. Eu tenho um padrinho que ficou um ano no Congo, a filha dele nasceu quando ele estava em missão e a filha maior viu ele uma a duas vezes no ano (João).

Continua o participante João acrescentando que as transferências são um impacto na família, em especial para os filhos.

[...] o impacto social das transferências ele é negativo, mas é inevitável, tem que haver uma adaptação. A criança chega em um lugar, não conhece ninguém, muitas vezes nos primeiros meses é muito traumático para a criança, para ela se inserir no grupo é mais difícil, mas claro que depois de um tempo a criança se adapta e passa a ter seus melhores amigos novamente. Mas é um impacto social que a carreira impõe à família (João).

Neste ponto, Castro (2018) correlaciona os seguintes argumentos,

[...] Para além das sucessivas readaptações às novas localidades e dos transtornos ocasionados pela mudança de casa, vive-se também a dificuldade em se lidar com a matrícula dos filhos em novos colégios. Estes muitas vezes sofrem com a perda dos antigos amigos e colegas, enquanto não fazem

outros. Quando estudam em colégios militares, essa sensação pode ser minorada. Poucos filhos de militares, porém, manterão amizades de longa data, o que é visto como um ponto negativo. (CASTRO, 2018, p.18).

Sendo assim, esposa e filhos sentem reverberar, indiretamente e com mais intensidade, as imposições da carreira militar. Eles não têm qualquer gerência ou participação nas escolhas que são íncultas à Instituição.

### *Macrossistema*

O Macrossistema é a compreensão do todo. É a lógica que abrange significativamente os meios pelos quais todo o contexto bioecológico se relaciona e opera transformação no desenvolvimento do indivíduo.

Isso significa que o complexo de valores, cultura, instituições, ou qualquer outro tipo de estrutura social ampla (BRONFENBRENNER, 1998) pertence à categoria do Macrossistema. Segundo Tudge (2008, p. 5), o Macrossistema “envolve os demais sistemas, influenciando (e sendo influenciados por) todos eles”.

Isto posto, a Instituição Militar e todas as suas engrenagens constituem um importante centro de formação e desenvolvimento de padrões típicos de ações. Através de um intenso processo de formação militar, com ideologia pragmática composta de valores, normas e costumes próprios. O universo metódico e performático são as garantias que forjam a cultura militar.

Todos aqueles que fazem parte deste contexto atestam que o ambiente militar é totalmente divergente daquele que lhe é externo, pertencente à sociedade civil. O mundo militar promove a ruptura e o renascimento de um novo sujeito.

[...] questão da formação, a gente vai [...] quando a gente entra, a gente entra jovem, aí a gente recebe aquela carga de informação, a gente tem que atender determinados padrões e, a gente se amolda. Aquilo ali se amolda, vai formando o caráter, ajustando culturalmente, a gente vai tendo conhecimento e contato com outros valores [...] (Jorge).

Tudo o que é agregado pelo militar, em termos de valores, significado, dentre outros, na concepção de Rafael, são ferramentas que estão à sua



disposição e que, portanto, as usa, seja no campo social, profissional ou familiar.

[...] a minha formação militar ela compreendeu a internalização de valores e de hábitos... então esses valores e hábitos que eu incorporei são ferramentas que estão à minha disposição e eu uso [...] (Rafael).

## TEMPO

Para finalizar, o último integrante do modelo PPCT de Bronfenbrenner é o Tempo. Este, como o próprio nome indica, tem o decurso temporal como elemento crucial (TUDGE, 2008) na visualização dos processos que incutem transformações no desenvolvimento do indivíduo.

[...] o tempo passa a ser não apenas um atributo da pessoa, mas também, uma propriedade do contexto mais amplo; ele não se dá apenas ao longo do curso de vida, mas também através da história de cada um e das sociedades. (DESSEN; SENNA, 2014, p.89).

Da mesma forma que o subfator Contexto, Bronfenbrenner discriminou a referida espécie em três variáveis coordenadas: o Microtempo, o Mesotempo e o Macrotempo. Pelo que se pode observar, o Microtempo está diretamente relacionado àquilo que está sendo executado no momento, isto é, à ação imediata do agente; enquanto que o Mesotempo compreende a frequência (dias, semanas) com que aquela atividade, ação ou atuação é praticada. E o Macrotempo tem a ver com periodicidades cronológicas impactantes na evolução do sujeito, podendo ser eventos históricos, gerações, ou lapsos temporais mais longos. (TUDGE, 2008).

Na realidade Militar, subjaz o princípio de que os militares são disponíveis *incontinenti* à pátria. Ou seja, a relação dessa missiva encontra amparo na variada carga horária de trabalho desenvolvida no âmbito da Instituição por essas pessoas, além da maleabilidade da mobilidade geográfica a cada três anos, aproximadamente.

Nas entrevistas realizadas, percebeu-se que foi convencionado que entre os participantes a carga horária média de serviço superava as 40 horas semanais, podendo, inclusive, deslanchar para períodos mais longos e exaurientes. O militar pode permanecer no Quartel para tarefas administrativas,

deslocar-se para cumprimento de missões em locais diversos de onde sua residência está localizada, ou até mesmo fora dos limites geográficos da soberania nacional do Brasil.

Por vezes até a própria profissão requer que a gente se afaste em determinados momentos. Então, para um cidadão comum geralmente ele sai de casa seis, sete horas da manhã, vai chegar 17, 18 horas e, ele tem essa rotina muito bem acertada. E o militar, por vezes, sofre um pouco com isso, pego de surpresa, por um afastamento temporário, às vezes você não sabe quantos dias vai ficar ausente, então, às vezes, você sai de casa e fica 10 a 15 dias [...] (João).

Os demais participantes desta pesquisa informam que estão disponíveis no período noturno, após expediente militar, ou aos finais de semana, além das missões a serem executadas e cumpridas. Segundo observa o entrevistado Jorge, ele passa mais tempo na Instituição do que em casa:

[...] se a gente parar para pensar direitinho, passo mais tempo aqui do que na minha casa, então, chego por volta das 6h da manhã, na teoria saio por volta da 17h30/18h da tarde (risos) [...] (Jorge).

Sendo neste caso, o tempo restante dedicado à família e aos afazeres domésticos, tais como, questões de cuidado da prole, manutenção de atividades de lazer, interação com a família, dentre outras atividades. O objetivo é não prejudicar os laços familiares em decorrência das obrigações profissionais.

[...] quando eu chego, a gente vai brincar, vai fazer as coisas, assim, a gente passa muito tempo no quartel e quando eu chego em casa eu deixo tudo, o quartel fica no quartel e eu chego para vestir a carapuça de pai (risos) [...] (Marcos).

Com base nessas informações, chega-se à conclusão que a rotina de trabalho e sua frequência no cotidiano da carreira militar perfaz tanto a compreensão da ideia de microtempo e mesotempo. A continuidade destas ações ao longo do tempo, tendo em vista a ascensão profissional desses militares, contingencia todo um processo de desenvolvimento das pessoas que nele estão vinculadas. Isso pode acarretar, ao se falar no Macrotempo, na condição das gerações de famílias que têm como fonte a persecução à tradição e aos valores pautados na vida e carreira militar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral do presente trabalho – compreender de que forma o exercício da profissão militar pode impactar no envolvimento paterno –, pode-se concluir ter havido um avanço significativo nesta direção, pela possibilidade de identificar, nesta pesquisa, a existência da interação entre trabalho e relações familiares. Todavia, sem ter-se esgotado tal propósito.

A seguir serão resgatados os objetivos específicos, procurando-se identificar os principais dados obtidos que podem esclarecê-los.

No que diz respeito ao primeiro objetivo específico, identificar as concepções de homens militares sobre pai, constatou-se que os participantes atribuem ao pai características como: ser responsável, educar punindo aquele que deve ser punido e recompensando quem age corretamente, transmitir valores morais e éticos e cuidar. Além disso, ressaltam que ele precisa ser afetivo e presente na vida dos filhos. A paternidade é vista como um divisor de águas na vida do homem.

Sobre o segundo objetivo específico, conhecer, na perspectiva dos pais, qual foi o impacto da formação militar em suas características pessoais e na paternidade, constatou-se haver um grande impacto em ambos os aspectos, especialmente em termos de disciplina, hierarquia e valores.

Com relação a descrever a rotina da família do participante, destacando as relações sociais decorrentes da carreira militar, foi ressaltado que as relações sociais são basicamente voltadas para as pessoas do próprio trabalho, pois o militar e sua família estão sempre se mudando de cidade. A Família Militar e o espaço institucional do Exército promovem apoio e assessoria nas dificuldades.

Sobre conhecer como ocorre o envolvimento do pai militar com seus filhos(as), constatou-se um bom nível de interação (conversam, estabelecem limites, fazem as refeições conjuntamente, brincam, realizam atividades esportivas e de lazer, auxiliam nas tarefas escolares), acessibilidade e responsabilidade (educação, cuidados e provimento financeiro). Para os pais que residem na Vila Militar é facilitado o contato com os filhos e a esposa na hora do almoço. Também favorecem o envolvimento paterno: desejar estar com os filhos (ter apego), o bom relacionamento conjugal, procurar se desligar

do trabalho quando está com a família, os interesses em comum com os filhos, gostar de atividades físicas e ter disposição por ter sido pai jovem. Por sua vez, prejudicam o envolvimento paterno: os afastamentos temporários decorrentes de atividades militares em outras cidades, trabalhar aos finais de semana ou em missões que envolvem as noites, como acampamentos, além de atritos conjugais e exigências com desempenho escolar.

Em vista disso, infere-se que o exercício da profissão militar impacta no envolvimento paterno por meio da adaptação dos indivíduos aos valores da cultura militar que são incorporados à educação dos seus filhos. As contínuas mudanças são incorporadas ao comportamento do militar pela convivência no ambiente físico (Vila Militar, Colégio Militar), psicológico e social, quando traz os colegas de profissão para a convivência com a família. Ao tornar-se pai, o militar expressa, no envolvimento com seu filho, todos os ensinamentos aprendidos no contexto militar, ao longo do tempo (carreira militar), por meio dos processos de aculturação anteriormente relatados, levando a pessoa a reconstruir seu ambiente físico, psicológico e social e promovendo o nascimento de um novo sujeito. Dessa forma, conclui-se que o exercício da profissão militar acarreta um grande impacto para a paternidade, uma vez que esta apresenta características únicas e peculiares do pai militar.

A escolha da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, como referencial teórico para a trajetória científica envidada por esta pesquisa, com o fulcro de elucidar as peculiaridades da carreira militar e vida familiar dos participantes, demonstrou total pertinência e aplicabilidade nesta senda.

A investigação ecológica viabilizou que fosse identificado que as propriedades que mesclam a relação entre os ambientes contextuais da pessoa e seu desenvolvimento estão intimamente relacionadas. A bidirecionalidade dos processos proximais, juntamente com todas as especificidades a ele relacionadas, oportunizou a efetivação da validade ecológica (DEESEN; SENNA, 2014). Com efeito, ficou demonstrado que a realidade militar enseja e imprime forte influência nas condutas manifestadas aos que nela estão direta ou indiretamente incorporados.

As estratégias metodológicas qualitativas utilizadas permitiram ouvir os pais e conhecer melhor a experiência profissional e familiar de cada um. Não possibilitaram, porém, coletar dados com muitos pais militares.

Ante os resultados encontrados, certas implicações práticas podem ser consideradas. O aspecto da Família Militar, pelo teor das falas dos participantes, é relevante no sentido de apontar que esse instituto consubstancia uma importante rede de apoio institucional. Os militares entrevistados creditaram ser a essência da Família Militar primordialmente relacionada ao círculo de amparo insubstituível no contexto da profissão militar e no cotidiano deles. A esse respeito, esta pesquisa prima para que continuados reforços sejam envidados neste restrito espaço. Partindo do pressuposto da implementação de inovadoras políticas públicas de fomento à família e à abrangente Família Militar, visto que estão diretamente relacionados com o campo de desenvolvimento pessoal de cada um, pois o contexto, conforme visto, opera transformações biopsicossociais em cada agente pertencente a essa estrita camada da sociedade.

Afora essas considerações, diante do que foi constatado no presente estudo, identificou-se, por oportuno, a necessidade de investigações futuras que aprofundem a posição dos filhos do militar ante as vicissitudes decorrentes da profissão do pai militar. Objetivando compreender suas percepções no que atine aos imperativos que obrigam a figura paterna ao irrestrito atendimento das demandas profissionais. Nesse sentido se estaria ouvindo e conhecendo a perspectiva dos filhos sobre ter um pai militar. Além de poder, também, examinar mais detalhadamente os padrões de relacionamento parental. Seria interessante, ainda, aprofundar o estudo sobre as diversas relações familiares no contexto militar.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA MILITAR: dois séculos formando oficiais para o exército, **Academia Militar das Agulhas Negras**, São Paulo, Editora IPSIS, 2011.

ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **Aspectos da Adesão Feminina aos Valores Militares**: O Casamento e a Família Militar História (São Paulo) [en línea] 2010, 29 (Sin mes) : [Fecha de consulta: 15 de octubre de 2017] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221019007007>> ISSN 0101-9074

ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. Projeto e individualismo: considerações sobre a adesão das esposas ao projeto profissional dos oficiais do Exército brasileiro, p.29. *In: A família militar do Brasil: transformações e permanências / Celso de Castro (organização)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

ALVES, P. B. A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados (Resenha). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 10, 369-373. 1997

ARAUJO, Maria Fatima. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil family, capitalist modernization and democracy. **Tempo e argumento**, v. 3, n. 1, p. 180-198, 2011.

ARENDT, Hannah; KOHN, Jerome. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BALTAZAR, Maria da Saudade; SALVADOR, Rafaela. **Impactos da profissão militar nos padrões familiares**: Reconfigurações a partir do caso particular do comando de instrução e doutrina. 2012.

BARKER, Gary; VERANI, Fabio. **La participación del hombre como padre en la región de Latinoamérica y el Caribe**: una revisión de literatura crítica con consideraciones para políticas. Brasil: Instituto Promundo, 2008.

BARKER, Gary. **Men's Participation as Fathers in the Latin American and Caribbean Region**. A Critical Literature Review with Policy Considerations. Promundo. Save the children: Brasil, 2008.

BATISTA, Manuel João de Oliveira. **Cumprimento de ordens, obediência hierárquica e disciplina militar versus perpetração (in) voluntária de crimes**. Tese (Doutorado) – Universidade Nova, Lisboa, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade das relações humanas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Conflito Conjugal: Impacto no Desenvolvimento Psicológico da Criança e do Adolescente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, p. 261-268, 2006.

BERTOLINI, L. B. A.; BERTOLINI, A. L. B. **Funções paternas, maternas e conjugais na sociedade ocidental**. Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar, p. 27-31, São Paulo, Vetor, 2002.

BERGER, P. LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petropolis: Vozes, 1996.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2004.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOURDIEU, P. **Distiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BOUSSO, Regina Szyliet. A teoria dos sistemas familiares como referencial para pesquisas com famílias que experienciam a doença e a morte. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 257-261, 2008.

BRASIL. Constituição Federal de 1988 de 05 de outubro de 1988. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2019.

BRASIL. Lei 6.880/80 de 09 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 dez. 1980. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 07 set. 2019.

BRASIL. Decreto - Lei 3.864/41 de 24 de novembro de 1941. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 24 nov. 1941. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

BRASIL. Portaria Ministerial, nº 801, de 23 de agosto de 1988. Concede à 6.<sup>a</sup> Região Militar a Denominação histórica de "REGIÃO MARECHAL CANTUÁRIA" e o Estandarte histórico. **Ministério do Exército**. Brasília, 1988.

BRITO, Mozar José de; PEREIRA, Valéria da Glória. Socialização organizacional: a iniciação na cultura militar. **Revista de Administração Pública**, v. 30, n. 4, p. 138-165, 1996.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, P.A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; SIGEL, I.E.; RENNINGER, K.A. (Eds.). **Handbook of child psychology**. New York: John Wiley & Sons, v.1. p.993-1027. 1998

BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da

psicanálise. A transmissão geracional em diferentes contextos. Da pesquisa à intervenção, p. 76-96, São Paulo, Summos, 2008.

CAIRNS, R.B., Elder, G.H. e Costello, E.J. (Orgs.). **Developmental science**. New York: Cambridge University Press, 1996.

CAMPANIÇO, Sandra Patrícia Veigas. **Conflito trabalho-família, ambiente organizacional e suporte do líder**: um estudo com militares da Marinha. Tese (Doutorado) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2015.

CARVALHO, A. B; MOREIRA, L. V. C; RABINOVICH, E. P. A figura do pai: entre declínio e reorganização, p. 419-442. *In*: Bastos, Ana Cecília S. et al. **Família no Brasil**: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá, 2015.

CARVALHO, Lorie T.; WHEALIN, Julia M. **Healing stress in military families**: Eight steps to wellness. John Wiley & Sons, 2012.

CARREIRAS, Helena. Família, maternidade e profissão militar. **Estudos Feministas**, p. 69-81, 1997.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Celso. **O espírito militar**: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

CASTRO, Celso; DE CAMARGO LEIRNER, Piero. Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CASTRO, Celso. A “tradicional família militar”: autobiografias de mulheres de militares, p.15-27. *In*: **A família militar do Brasil**: transformações e permanências / Celso de Castro (organização). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

CAVILHA, Juliana. Das entrevistas aos rituais: dialogando com os militares, p. 129-149. *In*: CASTRO, C.; LEIRNER, P. (Org.). **Antropologia dos militares**: reflexões sobre pesquisa de campo. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CEVERNY, C. M. O.; CHAVES, U. H. Pai? Quem é este? A vivência da paternidade no novo milênio. *In*: MOREIRA LVC; PETRINI G; BARBOSA FB (org). **O pai na sociedade contemporânea**. Bauru: Edusc, p. 41-51, 2010.

CHINELLI, Fernanda. Família Militar: apontamentos sobre uma comunidade performada, p.67. *In*: **A família militar do Brasil**: transformações e permanências / Celso de Castro (org), Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

COLEY, Rebekah Levine. (In) visible men: emerging research on low-income, unmarried, and minority fathers. **American Psychologist**, v. 56, n. 9, p. 743, 2001.



COSTA, Juraci. Paternidade socioafetiva. **Revista Jurídica**, v. 13, n. 26, p. 127-140, 2009.

CRAMER, Bertrand; PALACIO-ESPASA, Francisco. **Técnicas psicoterápicas mãe/bebê: Estudos clínicos e técnicos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CREECH, Suzannah K.; HADLEY, Wendy; BORSARI, Brian. The impact of military deployment and reintegration on children and parenting: A systematic review. **Professional Psychology: Research and Practice**, v. 45, n. 6, p. 452, 2014.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando famílias**, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Mulheres, homossexuais e forças armadas no Brasil**. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendryk (Org.). Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro: FGV, p. 453-459, 2004.

DESSEN, Maria Auxiliadora; LEWIS, Charlie. Como estudar a família e o pai. **Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia**, v. 8, n. 14/15, p. 105-121, 1998.

DESSEN, M. A. ; SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães . A pesquisa em processos de desenvolvimento humano e o Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner. *In*: Maria Auxiliadora Dessen; Diva Albuquerque Maciel. (Org.). **A Ciência do Desenvolvimento Humano: Desafios para a Psicologia e a Educação**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2014, v. 1, p. 71-107.

DESSEN, Maria Auxiliadora et al. **A ciência do desenvolvimento humano**. Tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela ML. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, p. 1447-1458, 2006.

DIAS, Maria Berenice. Manual de direito das famílias. 5. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 2009, p. 331-358-364.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de direito das famílias**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Ed., 2005.

DONNELLY, James H. et al. **Administração: princípios de gestão empresarial**. 10. ed. Portugal: Ed. Mc Graw-Hill, 2000.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas, 2011.

DONATI, Pierpaolo; RUIZ, Pablo García. **Repensar la sociedad**: el enfoque relacional. Madri: Ediciones Internacionales Universitarias, 2006.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.

EATON, Michelle; FEES, Bronwyn S. Perceptions of influence on child's competence among fathers in the military context. **Psychological reports**, v. 91, n. 3, p. 703-710, 2002.

ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da propriedade privada e do Estado** (1884). 9. ed. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984.

ENGELMANN, Franciele. PETRINI, Giancarlo. Dádiva, tempo e sacrifício: espaços possibilitadores para a satisfação das exigências originais nas relações familiares, p.55. *In: Relações Familiares*. Lucia Vaz de Campos Moreira (org). Curitiba: CRV Editora, 2016, 396 p.

FAGAN, Jay; IGLESIAS, Aquiles. Father involvement program effects on fathers, father figures, and their Head Start children: A quasi-experimental study. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 14, n. 2, p. 243-269, 1999.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. *In: A. Wagner (Org.) Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 25-46.

FEIN, Robert A. Research on fathering: Social policy and an emergent perspective. **Journal of Social Issues**, v. 34, n. 1, p. 122-135, 1978.

FEINBERG, Mark E. The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. **Parenting: Science and Practice**, v. 3, n. 2, p. 95-131, 2003.

FERREIRA, Marcelo Santana. Polissemia do conceito de instituição: diálogos entre Goffman e Foucault. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 1, p. 74-86, 2012.

FOCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRIZZO, Giana Bitencourt et al. O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. **Journal of Human Growth and Development**, v. 15, n. 3, p. 84-93, 2005.

GLAT, Rosana. Convivendo com filhos especiais o olhar paterno. **7 Letras**, Rio de Janeiro 2003.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

GIL, Manuel. **A protecção da maternidade e da paternidade no âmbito da Força Aérea** – (Trabalho de Investigação Individual do CPOS/FA 2008/2009), Lisboa, ed. IUM, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/12477>.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GOLDENBERG, Miriam. Mulheres (in)visíveis o mundo militar, p.197. *In: A família militar do Brasil*: transformações e permanências. Celso de Castro (org). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia**: teoria e pesquisa, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

GOMES, Lauren Beltrão; CREPALDI, Maria Aparecida; BIGRAS, Marc. O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 23, n. 54, p. 21-29, 2013.

GREENHAUS, Jeffrey H.; BEUTELL, Nicholas J. Sources of conflict between work and family roles. **Academy of management review**, v. 10, n. 1, p. 76-88, 1985.

HAZLE, Megan; WILCOX, Sherrie L.; HASSAN, Anthony M. Helping veterans and their families fight on!. **Advances in Social Work**, v. 13, n. 1, p. 229-242, 2012.

HOUSTON, J. Brian et al. Family communication across the military deployment experience: Child and spouse report of communication frequency and quality and associated emotions, behaviors, and reactions. **Journal of Loss and Trauma**, v. 18, n. 2, p. 103-119, 2013

JANOWITZ, Morris. **O soldado profissional: estudo social e político**. São Paulo: Edições GRD, 1967.

KOLLER, Sílvia Helena. **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KROM, Marilene. **Família e mitos**: prevenção e terapia: resgatando histórias. Grupo Editorial Summus, São Paulo, 2000.

KUHLMANN, Paulo Roberto Loyolla. **Exército Brasileiro**: estrutura militar e ordenamento político (1984-2007). São Paulo: USP, 2007. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

LAMB, Michael E. (Ed.). **The role of the father in child development**. New York, John Wiley & Sons, 2004.

LAMB, Michael E. O papel do pai em mudança. **Análise psicológica**, v. 10, p. 19-34, Editora Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 1992.

LAMB, Michael E.; PLECK, Joseph H.; LEVINE, James A. The role of the father in child development. *In*: **Advances in clinical child psychology**. Springer US, 1985. p. 229-266.

LERNER, R. M.; BRONFENBRENNER, Urie. Contribuições da carreira de um cientista de desenvolvimento humano pleno. *In*: BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 19-36.

LEAL, Giuliana Franco. Socialização em uma instituição total: implicações da educação em uma academia militar. **Educação & Sociedade**, v. 34, n. 123, p. 389-406, 2013.

LIEBERMAN, Alicia F.; VAN HORN, Patricia. Infants and young children in military families: A conceptual model for intervention. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 16, n. 3, p. 282-293, 2013.

LIRA, Ricardo César Pereira. Breve estudo sobre as entidades familiares. *In*: PEREIRA, Rodrigo da Cunha (coord.). **Repensando o direito de família**. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.

LÜTZ, Carolina et al. Fatores motivacionais extrínsecos para a profissão militar. **Revista de Administração**, v. 10, n. 1, p. 164-188, 2012.

MATOS, Mariana Gouvêa; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. **Psicologia Revista**, v. 28, n. 1, p. 151-173, 2019.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos**, p. 149-171, 2012.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Das tropas auxiliares, mistas e nativas**, p.61-64. *In*: PRINCIPE, O. Coleção Os Pensadores. 1. ed. Trad. Livio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MAQUIAVEL, Nicolau; **Dos gêneros de milícia e dos soldados mercenários**, p.55-59. *In*: PRINCIPE, O. Coleção Os Pensadores. 1. ed. Trad. Livio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MARGOLIN, Gayla; GORDIS, Elana B.; JOHN, Richard S. Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. **Journal of Family Psychology**, v. 15, n. 1, p. 3-21, 2001.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 8-18, 2008.

MASSOUDI, Pamela; WICKBERG, Birgitta; HWANG, C. Philip. Fathers' involvement in Swedish child health care—the role of nurses' practices and attitudes. **Acta Paediatrica**, v. 100, n. 3, p. 396-401, 2011.

MAZZO, Celina Magali Fonseca; ALMEIDA, Josiane Maria Tiago de. O significado de ser pai na atualidade: um estudo na abordagem gestáltica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26, n. 1, p. 26-37, 2020.

MENEZES, Jairo de Jesus. Relevância do amor nas relações familiares, p.127. *In: Relações Familiares*. MOREIRA, L. V. C. (org). Curitiba: CRV Editora, 2016, 396 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MOLINA, Silvana de Fátima Lima; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. Ser oficial combatente do Exército: uma delegação transgeracional?. **Estud. psicol.** Campinas, v. 29, n. 1, p. 43-52, 2012.

MONNERAT, Silvia. Estrangeiras em terras desconhecidas: esposas de oficiais do Exército, transferências territoriais e inserção no mercado de trabalho, p.49. *In: A família militar do Brasil: transformações e permanências*. Celso de Castro (org). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

MONREAL, Mariona Gifre; GUITART, Moisés Esteban. Consideraciones educativas de la perspectiva ecológica de Urie Bronferbrenner. **Contextos educativos. Revista de educación**, n. 15, p. 79-92, 2012.

MORGADO, Jairo José Monteiro et al. **La imagen corporal de los militares: un estudio de revisión**, v. 35, n. 2, p. 521-535, 2013.

MULLIEZ, Jacques. "La désignation du père", in Histoire des pères et de la paternité (1990). *In: ROUDINESCO, Elisabeth. A família em desordem*. tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NASCIMENTO, Suzana Rodrigues do; MEIER, Marineli Joaquim. Tecnologia e Família: uma reflexão. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 2, n. 2, 2000.

OGAKI, Henrique Abe; SEI, Máira Bonafé. A função paterna na clínica infantil. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 269-309, ago. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282015000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 dez.2018. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i2p296-309>.

PALKOVITZ, Rob. Reconstructing "involvement": expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. *In: HAWKINS, A.; DOLLAHITE, D.*

(Eds.). **Current issues in the family series**, Vol. 3. Generative fathering: Beyond deficit perspectives (p. 200–216). Thousand Oaks, CA. Sage Publications, Inc. 1997.

PARK, Nansook. Military children and families: strengths and challenges during peace and war. **American Psychologist**, v. 66, n. 1, p. 65, 2011.

PASSOS, Carla Christina. **Relações de gênero na caserna**: significados dos sujeitos militares no Exército Brasileiro. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, 2013, Disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23987>

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Princípios fundamentais norteadores do direito de família**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006, 232 p.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **Princípios Fundamentais e norteadores para a organização jurídica da Família**. 2004. 157f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (org). **Família, Sociedade e Subjetividades** - uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PETRINI, João Carlos; DIAS, Marcelo Couto. **Família no debate, cultural e político contemporâneo**. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

PETRINI, João Carlos. Família na Abordagem Relacional de Pierpaolo Donati, p.11-46. In: DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2011.

PINTO, Werusca Marques Virote de Souza. Construção da subjetividade de mulheres de militares: discursos e contextos, p.115. In: **A família militar do Brasil**: transformações e permanências. Celso de Castro (org), Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

PLECK, Elizabeth H.; PLECK, Joseph H. Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. **The role of the father in child development**, v. 3, Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc, p. 33-48, 1997.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 15, abr. 1997.

RELVAS, A. P. **O Ciclo vital da família**: Perspectiva sistémica. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2004.

RENSHAW, Keith D.; RODRIGUES, Camila S.; JONES, David H. Psychological symptoms and marital satisfaction in spouses of Operation Iraqi Freedom veterans: Relationships with spouses' perceptions of veterans' experiences and symptoms. **Journal of family psychology**, v. 22, n. 4, p. 586, 2008.

REVISTA VERDE-OLIVA. **Brasília, Exército Brasileiro**, Gráfica Total, fal ano XL, nº215, edição especial junho, Centro de Comunicação do Exército, 2012.

RIGGS, Shelley A.; CUSIMANO, Angela. The Dynamics of Military Deployment in the Family System: What Makes a Parent Fit for Duty? **Family Court Review**, v. 52, n. 3, p. 381-399, 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ROSA, Alexandre Reis; BRITO, Mozar José de. "Corpo e alma" nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 2, p. 194-211, 2010.

ROUCO, José Carlos Dias. **Modelo de gestão de desenvolvimento de competências de liderança em contexto militar**. Tese de Doutorado em Gestão, Universidade Lusíada de Lisboa: Faculdade de Ciências da Economia e da Empresa, Lisboa. 2012.

RUDIO, Franz Vitor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, José Loureiro dos. **Forças Armadas em Portugal**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2012.

SANTOS, José Loureiro dos. **Forças Armadas em Portugal**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2016.

SANTOS, Sara Maria Cunha Bitencourt; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Estresse e envolvimento paterno em funcionários públicos. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, n. 239, p. 949-972, 2017.

SARAVALI, Eliane Giachetto. **Dificuldades de Aprendizagem e Interação Social—implicações para a docência**. Taubaté, São Paulo: Cabral, 2005.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SCHOPPE, Sarah J.; MANGELSDORF, Sarah C.; FROSCHE, Cynthia A. Coparenting, family process, and family structure: Implications for preschoolers' externalizing behavior problems. **Journal of Family Psychology**, v. 15, n. 3, p. 526, 2001.

SCHWEBEL, A. I., FINE, M., MORELAND, J. R., PRINDLE, P. Clinical work with divorced and widowed fathers: The adjusting family model. *In*: P. Bronstein & C. P. Cowan (Eds.), **Fatherhood today: Men's changing role in the family** (p. 299–319). John Wiley & Sons, 1988

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SILVA, Cristina Rodrigues da. Famílias na fronteira: experiências de esposas de militares na selva brasileira, p.89. *In: A família militar do brasil: transformações e permanências / Celso de Castro (org)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

SILVA, Cristina Rodrigues da. Famílias de militares: Explorando a casa e a caserna no Exército brasileiro. **Estudos Feministas**, p. 861-882, 2013.

SILVA. Ester Nunes Praça da. COSTA. Livia Alessandra Fialho. Mulheres casadas com militar: anotações sobre dinâmicas conjugais, p.133. *In: A família militar do brasil: transformações e permanências*. Celso de Castro (org). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018, 218 p.

SILVA, Milena da Rosa; PICCININI, Cesar Augusto. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 561-573, 2007.

SEGAL, Mady Wechsler. The military and the family as greedy institutions. **Armed Forces & Society**, v. 13, n. 1, p. 9-38, 1986.

STGEORGE, Jennifer et al. Father-child interactions and children's risk of injury. **Early Child Development and Care**, v. 185, n. 9, p. 1409-1421, 2015.

STAFFORD, Elisabeth M.; GRADY, Beth A. Military family support. **Pediatric Annals**, v. 32, n. 2, p. 110-115, 2003.

STAUDT, Ana Cristina PONTELLO; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: teoria e prática**, v. 10, n. 1, p. 174-185, 2008.

TARTUCE, Flávio. **Curso de Direito civil: família, volume 5**. Flávio Tartuce, José Fernando Simão. São Paulo, ed. Método, 2007.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.

TOURINHO, Luís V. C. M.; NASCIMENTO, Ana Marcela S.; GOMES, Laura V. S.; MOREIRA, Lúcia V. C. Envolvimento paterno em classe socioeconômica média-alta: estudo de casos múltiplos na cidade de Salvador/Bahia. *In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; Elaine Pedreira RABINOVICH, Elaine Pedreira; RAMOS, Maria Natália (Org)*. **Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea**. Curitiba: Juruá, 2017. (Coleção Estudos Sobre Família).

TUDGE, Jonathan et al. Parents' participation in cultural practices with their preschoolers. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2000.



TUDGE, Jonathan. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista. *In: Família e educação: Olhares da psicologia*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 209-231.

VAUGHN, Angela Beth. **The dynamics of coparenting in family interactions**. Dissertation Abstracts International-Section B-The Sciences and Engineering, University of Texas at Dallas, Dallas, 2000.

VERZA, Fabiana; WAGNER, Adriana. Uso del teléfono móvil, juventud y familia: un panorama de la realidad brasileña. **Psychosocial Intervention**, v. 19, n. 1, p. 57-71, 2010.

VIEIRA, Mauro Luís et al. Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 66, n. 2, p. 36-52, 2014.

VILLELA, João Baptista. Desbiologização da paternidade. **Revista da Faculdade de Direito da UFMG**, n. 21, 1979, p. 400-418.

WALSH, Froma. Family resilience: A framework for clinical practice. **Family process**, v. 42, n. 1, p. 1-18, 2003

WALSH, Tova B. et al. Fathering after military deployment: Parenting challenges and goals of fathers of young children. **Health & Social Work**, v. 39, n. 1, p. 35-44, 2014.

WALTZER, Michael. **Esferas da Justiça, uma defesa do pluralismo e da igualdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WILLERTON, Elaine et al. Military fathers' perspectives on involvement. *Journal of Family Psychology*, v. 25, n. 4, p. 521, 2011.

WORTMEYER, Daniela Schmitz et al. **O desenvolvimento de valores morais na socialização militar: entre a liberdade subjetiva e o controle institucional**. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde), Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

YIN, R. K. **Applications of case study research** (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage, 2012.

ZAVERUCHA, Jorge et al. A Literatura sobre Relações civis-militares no Brasil (1964-2002): Uma síntese. **BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS, n. 55, 1º semestre de 2003, p. 59-72. 2003.

**APÊNDICE A**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA**  
**ENVOLVIMENTO PATERNO NO CONTEXTO DA CARREIRA MILITAR**

Entrevistador: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Início: \_\_\_\_\_ Fim: \_\_\_\_\_

**I) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

1. Idade
2. Escolaridade
3. Religião
4. Posto/graduação na atividade militar
5. Carga horária semanal de trabalho
6. Estado civil
7. Com quem reside
8. Quantos filhos tem, a idade e o sexo de cada um deles
8. Onde reside

**II) PATERNIDADE**

9. Para o senhor, o que é ser pai?
10. Quais são as características de um pai ideal?
11. Para o senhor, como é a sua experiência enquanto pai?
12. Como é o envolvimento do senhor com os seus filhos em termos de: (a) interação; (b) acessibilidade; (c) responsabilidade.
13. O que favorece o seu envolvimento com os seus filhos?
14. O que dificulta o seu envolvimento com os seus filhos?

**II) PATERNIDADE E FORMAÇÃO MILITAR**

15. Em sua opinião, há algum impacto da formação militar em suas características pessoais? Caso positivo, qual.
16. Em sua perspectiva, há algum impacto da formação militar no exercício de sua paternidade? Caso positivo, qual.
17. Há algum impacto da sua carreira militar no envolvimento que tem com seus filhos?
18. As relações sociais decorrentes da carreira militar interferem de algum modo na rotina da sua família? Caso positivo, como?
19. Gostaria de acrescentar algo sobre o que conversamos?

Muito obrigado pela colaboração.

## **APÊNDICE B**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O senhor está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa intitulada: “Envolvimento paterno no contexto da carreira militar: estudo de casos múltiplos em Salvador/Bahia”, que será desenvolvida pelo mestrando Jefferson de Souza Lima Portela, orientado pela Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira, no Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender de que forma o exercício da profissão militar pode impactar no envolvimento paterno. A sua participação no estudo consiste em responder questões elaboradas pelo pesquisador na forma de entrevista. O roteiro de entrevista inclui questões relacionadas à paternidade e à carreira militar e terá duração aproximada de 40 minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o senhor poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o senhor (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o senhor poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pelo senhor, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda do pesquisador que, após cinco anos apagará o conteúdo gravado.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, o senhor será ressarcido.
- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo a refletir sobre a sua relação de paternidade com seu filho. Além disso, o estudo ampliará o conhecimento científico sobre a paternidade no contexto militar.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e o senhor receberá apoio do pesquisador.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o senhor e a outra com o pesquisador.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com o pesquisador ou sua orientadora, poderá entrar em contato por meio do telefone/e-mail/endereço:

Jefferson de Souza Lima Portela – Telefone: (71) 99951-0570. E-mail: [jslportela@hotmail.com](mailto:jslportela@hotmail.com)

Lúcia Vaz de Campos Moreira – Telefone: (71) 98875-7822. E-mail: [lucia.moreira@ucsal.br](mailto:lucia.moreira@ucsal.br)

Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-BA, CEP: 40.231-902.

Para esclarecimentos éticos da pesquisa poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal pelo telefone (71) 3203-8913 ou pelo e-mail cep@ucsal.br.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

## ANEXO A



MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
19º BATALHÃO DE CAÇADORES  
(Infantaria de Linha de Santos/1710)  
BATALHÃO PMAJÁ

RUA SILVEIRA MARTINS S/N - CABULA - SALVADOR (BA) - CEP 41160000  
FONE 71 3384.9288

Ofício nº 200-0TFM/19 BC  
EB: 64021.004730/2019-32

SALVADOR, BA, 1º de agosto de 2019.

Senhora

**Profa. Ora. Lúcia Vaz de Campos Moreira**

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal  
Universidade Católica do Salvador, Av. Prof Pinto de Aguiar, 2589 - Pituacu  
41740-090 Salvador - BA

Assunto: **autorização para mestrando realizar coleta de dados**

Senhora Professora,

1. Em atenção ao solicitado a este Comandante, informo que foi autorizado ao Sr JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA, que frequenta o Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal, a realizar coleta de dados para sua dissertação intitulada "Envolvimento Paterno no Contexto da Carreira Militar: Estudo de Casos Múltiplos em Salvador/Bahia".

2. Em decorrência, solicito que o aluno do curso de mestrado compareça na Seção de Comunicação Social deste Batalhão para agendamento e coordenação das atividades. Informo que o atendimento ao público na Seção de Comunicação Social desta Organização Militar ocorre de segunda a quinta-feira, de 13:30h às 16:00h.

Respeitosamente,

**ARLINDO JOSÉ DA CRUZ NETO-Coronel**  
Comandante do 19º Batalhão de Caçadores

"CENTENÁRIO DA MISSÃO MILITAR FRANCESA NO BRASIL, 1919/1994: VETOR DE  
PROFISSIONALIZAÇÃO EM NOSSO EXÉRCITO"

## ANEXO B

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE  
SALVADOR - UCSAL



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Envolvimento paterno no contexto da carreira militar: estudos de casos múltiplos em Salvador/Ba.

**Pesquisador:** JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 15318819.0.0000.5628

**Instituição Proponente:** ASSOCIACAO UNIVERSITARIA E CULTURAL DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.387.662

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa do programa de mestrado da Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. O autor do projeto se propõe conhecer a dinâmica e características do envolvimento paterno de um pai que exerce atividade militar, de que forma a carreira militar impacta a relação pai-filho, no envolvimento paterno. Será utilizada a abordagem qualitativa descritiva através do estudo de casos múltiplos. Conforme consta no projeto, a pesquisa será realizada com dez homens oficiais militares, que sejam pais. O pesquisador informa que para a composição do grupo amostral será utilizada a técnica Bola de Neve. Será utilizado um roteiro de entrevista com questões abertas relativas à paternidade e a formação militar.

#### Objetivo da Pesquisa:

GERAL:

Compreender, na perspectiva de homens militares, o impacto da sua carreira no envolvimento paterno.

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589  
Bairro: PITUACU CEP: 41.740-090  
UF: BA Município: SALVADOR  
Telefone: (71)3203-8913 Fax: (71)3203-8975 E-mail: cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 3.387.662

**ESPECÍFICOS:**

- Identificar as concepções de homens militares sobre pai;
- Conhecer, na perspectiva dos pais, qual foi o impacto da formação militar em suas características pessoais e na paternidade;
- Descrever a rotina da família do participante, destacando as relações sociais decorrentes da carreira militar;
- Conhecer como ocorre o envolvimento do pai militar com seus filhos(as).

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A respeito dos riscos, o pesquisador informa que: "Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e o senhor receberá apoio do pesquisador."

A respeito dos benefícios, o pesquisador informa que o estudo trará benefícios para que o participante possa refletir sobre a sua relação pai-filho e a contribuição para a construção do conhecimento científico: "Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo a refletir sobre a sua relação de paternidade com seu filho. Além disso, o estudo ampliará o conhecimento científico sobre a paternidade no contexto militar."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto apresenta uma revisão bibliográfica e um desenho do estudo pertinente ao tema. A relevância está relacionada a importância da realização de estudos que aprofundem a discussão da influência da carreira do pai em relação ao envolvimento paterno interferindo na relação pai-filho com possíveis repercussões no desenvolvimento sócio emocional dos filhos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O pesquisador apresenta os seguintes termos: as informações básicas sobre o projeto; a folha de rosto devidamente preenchida; um roteiro de entrevista com perguntas abertas a respeito do tema; O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será apresentado aos participantes do estudo estruturado conforme as normas éticas para pesquisas com seres humanos. O pesquisador apresentou também o cronograma e o orçamento que se encontram adequados.

**Recomendações:**

Não há.

**Endereço:** PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589

**Bairro:** PITUACU

**CEP:** 41.740-090

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3203-8913

**Fax:** (71)3203-8975

**E-mail:** cep@ucsal.br

Continuação do Parecer: 3.387.662

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto atende as prerrogativas da Resolução 466/12 do CNS.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião do colegiado, ocorrida em 12/06/2019, fica deliberado que o projeto está aprovado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1373015.pdf	08/06/2019 23:49:52		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	08/06/2019 23:38:34	JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Jefferson.pdf	08/06/2019 23:37:27	JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento.pdf	06/06/2019 11:02:05	JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.pdf	06/06/2019 11:00:38	JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	06/06/2019 10:58:27	JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA	Aceito
Orçamento	Custo.pdf	06/06/2019 10:57:38	JEFFERSON DE SOUZA LIMA PORTELA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589

Bairro: PITUACU

CEP: 41.740-090

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

Fax: (71)3203-8975

E-mail: cep@ucsal.br



Continuação do Parecer: 3.387.662

SALVADOR, 12 de Junho de 2019



---

Assinado por:  
ANDERSON ABBEHUSEN FREIRE DE CARVALHO  
(Coordenador(a))

Endereço: PROFESSOR PINTO DE AGUIAR - 2589

Bairro: PITUACU

CEP: 41.740-090

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3203-8913

Fax: (71)3203-8975

E-mail: cep@ucsal.br

**ANEXO C**

**LEI Nº 6.880, DE 09 DE DEZEMBRO DE 1980  
QUADRO ANEXO A QUE SE REFERE O ARTIGO 16  
CÍRCULOS E ESCALA HIERÁRQUICA NAS FORÇAS ARMADAS**

HIERARQUIZAÇÃO		MARINHA	EXÉRCITO	AERONÁUTICA
CÍRCULO DE OFICIAIS	CÍRCULO DE OFICIAIS GERAIS	ALMIRANTE ALMIRANTE DE ESQUADRA VICE ALMIRANTE CONTRA ALMIRANTE	MARECHAL GENERAL DE EXÉRCITO GENERAL DE DIVISÃO GENERAL DE BRIGADA	MARECHAL DO AR TENENTE BRIGADEIRO MAJOR BRIGADEIRO BRIGADEIRO
	CÍRCULO DE OFICIAIS SUPERIORES	CAPITÃO DE MAR E GUERRA CAPITÃO DE FRAGATA CAPITÃO DE CORVETA	CORONEL TENENTE CORONEL MAJOR	CORONEL TENENTE CORONEL MAJOR
	CÍRCULO DE OFICIAIS INTERMEDIÁRIOS	CAPITÃO TENENTE	CAPITÃO	CAPITÃO
	CÍRCULO DE OFICIAIS SUBALTERNOS	PRIMEIRO TENENTE SEGUNDO TENENTE	PRIMEIRO TENENTE SEGUNDO TENENTE	PRIMEIRO TENENTE SEGUNDO TENENTE
CÍRCULO DE PRAÇAS	CÍRCULO DE SUBOFICIAIS SUBTENENTES E SARGENTOS	SUBOFICIAL PRIMEIRO SARGENTO SEGUNDO SARGENTO TERCEIRO SARGENTO	SUBTENENTE PRIMEIRO SARGENTO SEGUNDO SARGENTO TERCEIRO SARGENTO	SUBOFICIAL PRIMEIRO SARGENTO SEGUNDO SARGENTO TERCEIRO SARGENTO
	CÍRCULO DE CABOS E SOLDADOS	CABO	CABO E TAIFEIRO MOR	CABO E TAIFEIRO MOR
		MARINHEIRO ESPECIALIZADO E SOLDADO ESPECIALIZADO MARINHEIRO E SOLDADO MARINHEIRO RECRUTA E RECRUTA	SOLDADO E TAIFEIRO DE PRIMEIRA CLASSE SOLDADO RECRUTA E TAIFEIRO DE SEGUNDA CLASSE	SOLDADO DE PRIMEIRA CLASSE E TAIFEIRO DE PRIMEIRA CLASSE SOLDADO DE SEGUNDA CLASSE E TAIFEIRO DE SEGUNDA CLASSE
PRAÇAS ESPECIAIS	FREQUENTAM O CÍRCULO DE OFICIAIS SUBALTERNOS	GUARDA MARINHA	ASPIRANTE A OFICIAL	ASPIRANTE A OFICIAL
	EXCEPCIONALMENTE OU EM REUNIÕES SOCIAIS TÊM ACESSO AOS CÍRCULOS DOS OFICIAIS	ASPIRANTE (ALUNO DA ESCOLA NAVAL)	CADETE (ALUNO DA ACADEMIA MILITAR)	CADETE (ALUNO DA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA) E ALUNO DA ESCOLA DE OFICIAIS ESPECIALISTAS DA AERONÁUTICA
		ALUNO DO COLÉGIO NAVAL	ALUNO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO EXÉRCITO	ALUNO DA ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO AR
		ALUNO DE ÓRGÃO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA	ALUNO DE ÓRGÃO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA	ALUNO DE ÓRGÃO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA
	EXCEPCIONALMENTE OU EM REUNIÕES SOCIAIS TÊM ACESSO AO CÍRCULO DE SUBOFICIAIS, SUBTENENTES E SARGENTOS	ALUNO DE ESCOLA DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS	ALUNO DE ESCOLA OU CENTRO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS	ALUNO DE ESCOLA OU CENTRO DE FORMAÇÃO DE SARGENTO
FREQUENTAM O CÍRCULO DE CABOS E SOLDADOS	APRENDIZ MARINHEIRO ALUNO DE ÓRGÃO DE FORMAÇÃO DE PRAÇAS DA RESERVA	ALUNO DE ÓRGÃO DE FORMAÇÃO DE PRAÇAS DA RESERVA		

**ANEXO D****COMANDOS MILITARES DE ÁREA  
EXÉRCITO BRASILEIRO**

COMANDOS MILITARES	ESTADOS DE JURISDIÇÃO
COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA	ACRE AMAZONAS RONDÔNIA RORAIMA
COMANDO MILITAR DO LESTE	MINAS GERAIS RIO DE JANEIRO ESPIRITO SANTO
COMANDO MILITAR DO NORDESTE	BAHIA PIAUÍ SERGIPE ALAGOAS PERNAMBUCO PARAÍBA RIO GRANDE DO NORTE CEARA
COMANDO MILITAR DO NORTE	PARÁ MARANHÃO AMAPÁ
COMANDO MILITAR DO OESTE	MATO GROSSO MATO GROSSO DO SUL
COMANDO MILITAR DO PLANALTO	TOCANTINS DISTRITO FEDERAL GOIÁS
COMANDO MILITAR DO SUL	PARANÁ SANTA CATARINA RIO GRANDE DO SUL
COMANDO MILITAR DO SUDESTE	SÃO PAULO

Fonte: [www.eb.mil.br](http://www.eb.mil.br)

**ANEXO E****REGIÕES MILITARES DO BRASIL  
EXÉRCITO BRASILEIRO**

REGIÕES MILITARES	SEDE	JURISDIÇÃO (UNIDADES DA FEDERAÇÃO)
1ª RM	RIO DE JANEIRO	RIO DE JANEIRO ESPIRITO SANTO
2ª RM	SÃO PAULO	SÃO PAULO
3ª RM	PORTO ALEGRE	RIO GRANDE DO SUL
4ª RM	BELO HORIZONTE	MINAS GÉRIAS
5ª RM	CURITIBA	PARANÁ SANTA CATARINA
6ª RM	SALVADOR	BAHIA SERGIPE
7ª RM	RECIFE	ALAGOAS PERNAMBUCO PARAÍBA RIO GRANDE DO NORTE
8ª RM	BELÉM	PARÁ AMAPÁ MARANHÃO
9ª RM	CAMPO GRANDE	MATO GROSSO DO SUL MATO GROSSO
10ª RM	FORTALEZA	CEARÁ PIAUI
11ª RM	BRASÍLIA	DISTRITO FEDERAL GOIÁS TOCANTINS
12ª RM	MANAUS	AMAZONAS ACRE RORAIMA RONDÔNIA

Fonte: [www.eb.mil.br](http://www.eb.mil.br)